

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

"O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"

Ano 6 - Nº 38 - Edição Julho e Agosto 2026

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

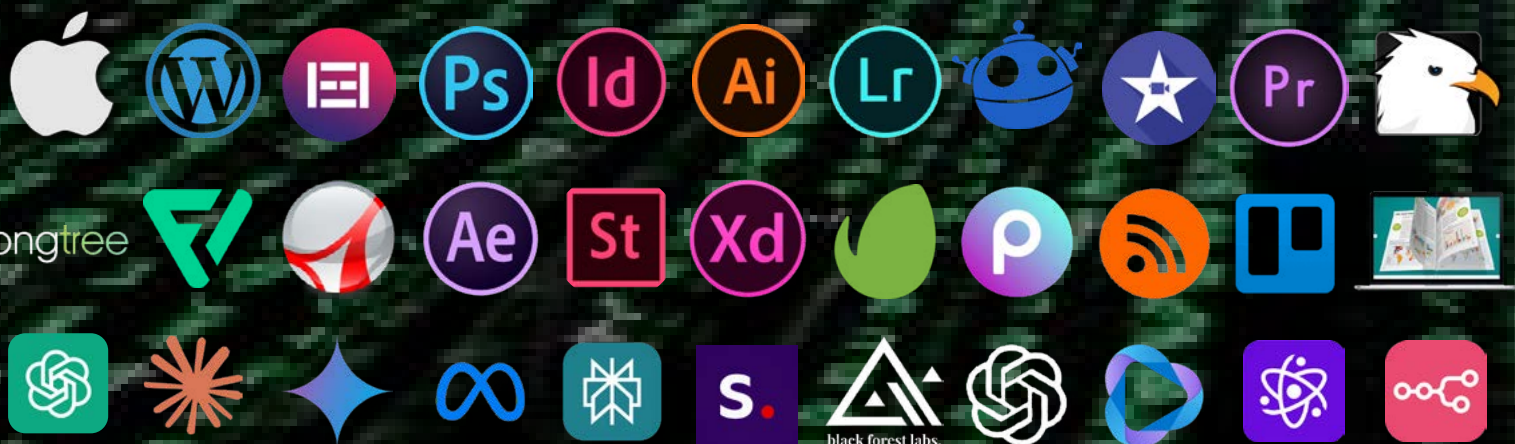
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e cinquenta e cinco Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



the

WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS



Edição da Revista

ED. JUL/AGO 26



Ano 2026

ED. JUL/AGO 26



ED. MAI/JUN 26



ED. MAR/ABR 26



ED. JAN/FEV 26



Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com entusiasmo e muita alegria que damos as boas-vindas à 38ª edição da Revista The Bard. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

O tema desta edição trás na Matéria de Capa: QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER: "O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão", por Jeane Tertuliano.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil e da Angola.

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também "Frases e Pensamentos", "Contos", "Minicontos", "Coluna de Cordel" e "Coluna Ensaios". Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de "Vitrine The Bard", prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
39ª Edição **SET/OUT 2026**



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

"O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"



38^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: "a formação cultural desde os primeiros anos"

39ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

PERÍODO DE 06 DE JUNHO À 31 DE JULHO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.





Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

38ª edição



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"O esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 38ª edição Julho e Agosto 2026, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF
Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 38ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Janete Lainha Coelho

Mestra Lainha é psicopedagoga, com foco em Cultura Afro-Brasileira e Doutora Honoris Causa. Cordelista premiada, soma mais de 1.000 cordéis publicados. Atua também como xilógrafa, atriz, standartista, oficineira e palestrante. Inspirada na tradição dos griôs, valoriza a cultura afrocêntrica, os saberes populares e as narrativas do povo negro, promovendo memória, inclusão e transformação social.

INSTAGRAM



Fagner Lima

Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

INSTAGRAM



Claudia Faggi

Claudia Faggi, Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti à um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

INSTAGRAM



Rute Ella Dominici

Rute Ella Dominici Escritora e Poetisa, paulistana, odontóloga. Superior língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lançado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'Iva Incontida' a ser lançado no 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/ Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INSTAGRAM



Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultad de Magisteri de Valência - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valletti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

INSTAGRAM



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA




ACESSE A COLUNA

Matéria de Capa
JEANE TERTULIANO




ACESSE A COLUNA

Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI




ACESSE A COLUNA

Contos
COLUNA DA REVISTA




ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA




ACESSE A COLUNA

Frases e Pensamentos
COLUNA DA REVISTA




ACESSE A COLUNA

Autopoesse & Narrativas
STELLA GASPAR




ACESSE A COLUNA

NeuroMusic
DRIKA GOMES




ACESSE A COLUNA

Grandes Autores
REDAÇÃO THE BARD




ACESSE A COLUNA

Vida de Autor
LILIAN STOCCO



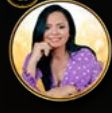

ACESSE A COLUNA

História das Artes
BETÂNIA PEREIRA




ACESSE A COLUNA

Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA

ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA




ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BETH GALTAR




ACESSE A COLUNA

Cordel
COLUNA DA REVISTA




ACESSE A COLUNA

Vai um livro aí?
ANIELY SOARES



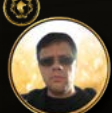

ACESSE A COLUNA

Nossa Literatura - Vistudes Poéticas
MARCIA NEVES




ACESSE A COLUNA

A Língua em movimento
ALINE ABREU SANTANA

ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZOCARATO




ACESSE A COLUNA

Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA




ACESSE A COLUNA

Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ




ACESSE A COLUNA

Inclusão & Acessibilidade em Foco
SANDRA SANTIAGO

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



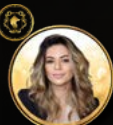
ACESSE A COLUNA



As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA



Liter Alma
MÍA KODA



ACESSE A COLUNA



Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA



Coluna Ensaios
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Mãe África
FATIMA MONIZ



ACESSE A COLUNA



Nem te conto
FABIANA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA



Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA



Contadores de Histórias
FAGNER LIMA



ACESSE A COLUNA



Alma em Perspectiva
RUTE ELLA DOMINICI



ACESSE A COLUNA



Desvendando a Fantasia
RENATO MOTA



ACESSE A COLUNA



Momento Resenha
NATALIA CARMO



ACESSE A COLUNA



Recanto das Culturas Tradicionais
NAZARETH ARRAIS



ACESSE A COLUNA

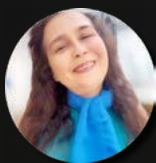


Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



BETÂNIA PEREIRA
Professora e Historiadora
Diretora de Marketing

ACESSE



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



Luciana Fernandes Fujioka
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



RENATA MUNHOZ
Redatora Digital

ACESSE



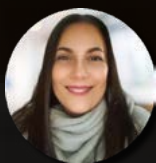
SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



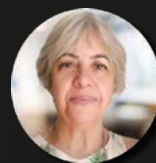
STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

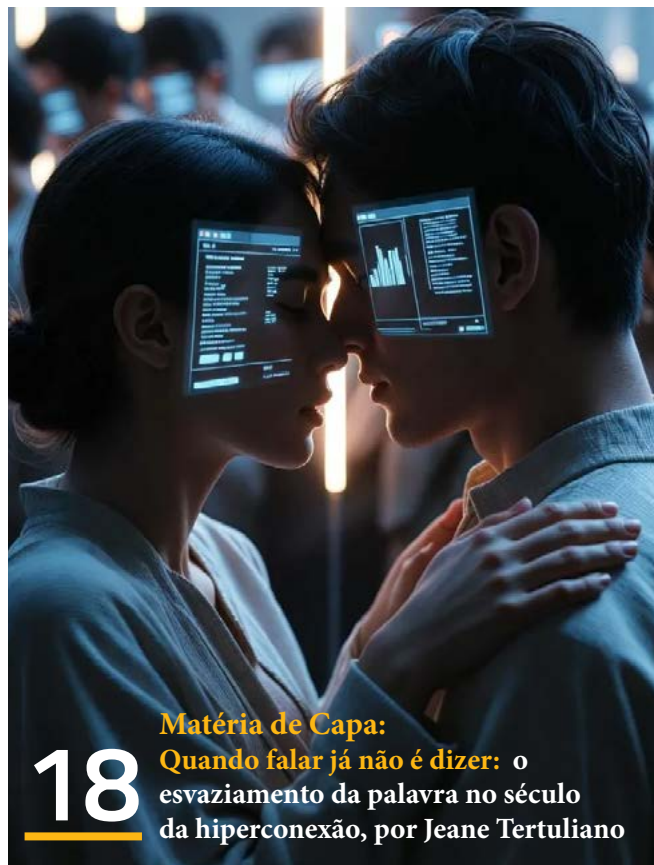
ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA



Sumário



18

Matéria de Capa:
Quando falar já não é dizer: o
esvaziamento da palavra no século
da hiperconexão, por Jeane Tertuliano



70 Vida de Autor

Conto longo, noveleta estendida ou algo a mais?
por Lilian Stocco

76 História das Artes

Do telégrafo ao Tweet -
ultrapassando as barreiras
da comunicação,
por Betânia Pereira

64 Mitologias e Crônicas

Mitologia Persa, por
Ladylene Aparecida



80 Poetas e Poetisas por Edna Lessa

104 Literatura de Cordel por Beth Baltar

110 Vai um livro aí? por Arely Soares

116 Nossa Literatura Vilão, desafio ou sofrimento? por Márcia Neves

Edição Jul/Ago 2026

26 Tudo Sobre Cinema Por Claudia Faggi

46 Autopoiese & Narrativas Palavras que não atingem a pele, por Stella Gaspar

56 Neuro Music O poder da coerência entre Mente e Emoção, por Drika Gomes

66 Grandes Autores Theodor Mommsen: o historiador que ressuscitou Roma, por J.B Wolf



120

A Língua em Movimento
"A geografia de quem fala demais",
por Aline Abreu Santana



128 Coluna Dialética

Entre falar e dizer:
uma dialética da pa-
lavra na era digital,
por Clayton Zocarato



136

Tons do Cotidiano
Ciclo: a mudança e o mesmo,
por Adriana Moura Sales



142 **Raízes do Brasil**
A maternidade no Brasil colonial:
herança do abandono, por Renata
Munhoz



146 **Inclusão e Acessibilidade
em Foco**
por Sandra Santiago



150 **As Cores da Sociedade**
por Elke Lubitz



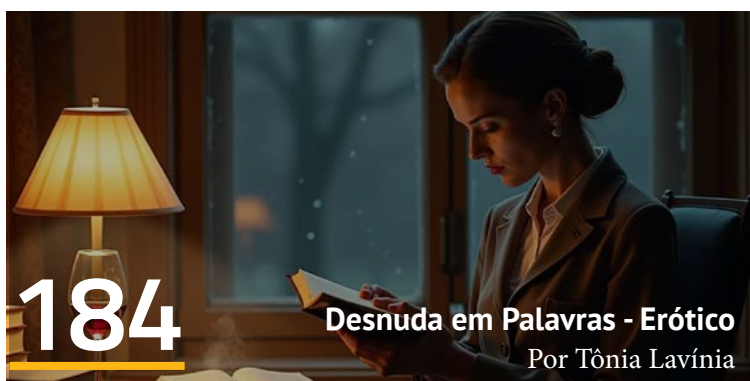
166 **Florescendo em
Pensamentos**
por Cris Gomes

174 **Mãe África** 
por Fátima Moniz



180 **ResilienteMente**
por Fabiana Francisco

156 **Liter'Alma**
por Mia Koda



184 **Desnuda em Palavras - Erótico**
Por Tônia Lavínia

190 **Contadores de Histórias**
Por Fagner Lima

194 **Alma em Perspectiva**
A inquietude da Alma: livre-arbítrio,
fé e vertigem existencial,
por Rute Ella Dominici

202 **Desvendando a Fantasia**
por Renato Mota



208 **Momento Resenha**
Por Natália Carmo

212 **Recanto das Culturas
Tradicionais**
por Nazareth Arrais





04



Jeane Tertuliano



Jeane Tertuliano é escritora, professora, revisora e palestrante, com atuação nas áreas de educação, literatura e cultura em Campo Alegre. É vice-presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, conselheira de Políticas Culturais, integrante da Academia Independente de Letras e da União Brasileira de Escritores, além de colunista da revista The Bard. Em 2024, representou o setor de Livro, Leitura e Literatura na 4ª Conferência Nacional de Cultura, em Brasília. Recebeu o 1º lugar em Crônica no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil — New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura pela FEBACLA (2023). Graduada em Letras, Artes e Filosofia, com especializações em Literatura, Cultura e Ensino da Arte, é autora de mais de 20 livros e organizadora de projetos antológicos. Autista, com TDAH e baixa visão, traz para sua escrita uma perspectiva sensível, marcada pelo compromisso social e pela valorização da literatura como instrumento de transformação.

Quando falar já não é dizer: o esvaziamento da palavra no século da hiperconexão

Temos vivido assombrados pela carência desenfreada de companhias vazias de alma. Nunca se esteve tão junto e, ao mesmo tempo, tão distante. Quando a escrita real se confunde à artificial, algo indizível está atrelado a essa condição.

Há tempos me pergunto o que aconteceu com as palavras. Não com aquelas registradas nos dicionários, intactas em sua definição, mas com as que habitam as relações humanas. As que carregam afeto, memória, desacordo, desejo, indignação e pertencimento. As que, durante séculos, permitiram que pessoas atravessassem abismos invisíveis para alcançar umas às outras.



MACGEM GERAÇÃO POR IA. Ilustração GOROKA, sob a direção de J.B. Wolf, criada em 16/06/2025

“ Estamos hiperconectados, mas mal sintonizados: falamos tudo, o tempo todo, e ainda assim nos falta a demora da escuta que transforma informação em encontro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/06/2026"



Vivemos cercados por elas. Talvez nunca tenham circulado tanto. A qualquer instante alguém publica uma opinião, compartilha uma experiência, relata uma perda, declara um amor ou anuncia uma revolta. A linguagem tornou-se presença constante em nossas rotinas. Ainda assim, há uma estranha sensação de esvaziamento que atravessa o nosso tempo. Como explicar que, em meio a tantas possibilidades de comunicação, o sentimento de incompreensão continue crescendo?

A hiperconexão prometeu encurtar distâncias. Em muitos aspectos, cumpriu o que prometeu. Hoje acompanhamos acontecimentos em tempo real, conversamos com pessoas do outro lado do mundo e acessamos uma quantidade de conhecimento inimaginável para gerações anteriores. No entanto, enquanto as barreiras geográficas diminuíram, outras formas de afastamento parecem ter ganhado terreno. Não raramente encontramos pessoas que sabem tudo sobre a rotina umas das outras e quase nada sobre suas dores mais profundas.

Talvez porque informação e encontro não sejam sinônimos. A lógica das plataformas digitais favorece a circulação rápida de conteúdos, mas a experiência humana raramente acontece na velocidade dos algoritmos.

Há sentimentos que exigem demora. Há compreensões que nascem apenas depois de longos silêncios.

Há palavras que necessitam amadurecer antes de serem ditas. No entanto, a urgência tornou-se uma espécie de idioma coletivo. Espera-se uma resposta imediata, uma opinião imediata, uma reação imediata. Pensar, que deveria anteceder a fala, muitas vezes passa a ser uma etapa dispensável.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/06/2026"

Não é difícil perceber os efeitos desse processo. Discussões transformam-se em disputas de visibilidade. Escutar torna-se mais raro do que responder. O diálogo cede espaço ao monólogo simultâneo de milhares de vozes que se cruzam sem necessariamente se encontrarem. Cada pessoa fala a partir de sua própria janela, mas poucas parecem dispostas a contemplar a paisagem do outro.

O filósofo Byung-Chul Han observa que a sociedade contemporânea sofre com o excesso. Excesso de estímulos, de informação e de exposição. A reflexão parece pertinente porque o problema do nosso tempo talvez não seja a escassez de palavras, mas a dificuldade de atribuir sentido a elas. O excesso produz ruído. E o ruído, quando constante, torna-se uma forma de silêncio.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/06/2026"

Essa percepção ganha contornos ainda mais complexos diante da popularização das inteligências artificiais. Pela primeira vez, convivemos com sistemas capazes de produzir textos, imagens e discursos com impressionante fluidez. O debate costuma concentrar-se na capacidade técnica dessas ferramentas, mas talvez a questão mais inquietante esteja em outro lugar. Quando a escrita humana passa a se parecer com a escrita das máquinas, não porque a tecnologia evoluiu, mas porque os próprios sujeitos passaram a reproduzir fórmulas previsíveis, algo merece ser observado com atenção.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/06/2026"

Afinal, escrever nunca foi apenas organizar palavras de maneira eficiente. A escrita nasce do encontro entre linguagem e experiência. Ela carrega marcas de quem viveu, sofreu, sonhou, fracassou e insistiu. Há uma dimensão humana que não reside apenas no resultado final do texto, mas no percurso que o tornou possível. Talvez por isso algumas obras atravessem décadas sem perder a capacidade de nos tocar. Elas não nos oferecem apenas frases bem construídas. Oferecem presença.

Conceição Evaristo nos lembra disso ao propor a escrevivência como um gesto em que vida e escrita se entrelaçam. Escrever, sob essa perspectiva, não é reproduzir discursos prontos, mas inscrever a própria existência na linguagem. Em tempos marcados pela velocidade e pela repetição, essa ideia adquire uma força particular. Recorda-nos que a palavra não é um objeto neutro. Ela carrega histórias, silenciamentos, memórias e identidades.

Talvez seja justamente essa densidade que esteja se tornando rara. Muitas palavras continuam sendo pronunciadas, compartilhadas e reproduzidas. Entretanto, nem sempre conseguem ultrapassar a superfície. Como sementes lançadas sobre o asfalto, encontram dificuldade para criar raízes.

Não se trata de defender um retorno impossível ao passado nem de rejeitar os avanços tecnológicos que transformaram o mundo. O desafio parece ser outro. Trata-se de recuperar a capacidade de habitar a linguagem com mais consciência, permitindo que ela volte a ser espaço de encontro e não apenas instrumento de circulação.

Em uma época que valoriza a velocidade, talvez seja necessário reaprender a demora. Em uma cultura que recompensa a exposição constante, talvez seja necessário reaprender a escuta. Em um tempo que multiplica discursos, talvez seja necessário resgatar o peso específico das palavras.

Porque falar sempre foi fácil. Difícil é dizer. Dizer algo que carregue verdade, ainda que provisória. Dizer algo que revele uma experiência e não apenas uma performance. Dizer algo que permaneça quando o fluxo incessante das telas já tiver seguido adiante.

Entre a abundância de vozes e a escassez de sentido, talvez resida uma das maiores contradições do nosso século. E talvez seja justamente nela que a palavra, ferida, mas ainda viva, continue procurando um lugar para existir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/06/2026"

JEANE TERTULIANO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



*Escreva contos e torne-se um **escritor***

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



CONHEÇA O CURSO! >>

CLIQUE AQUI



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 6, Nº 38, Julho e Agosto 2026
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, X, Wattpad, Pinterest

YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Cristina Gomes e Márcia Neves

Curadora de vídeos: Tônia Lavínia

Tema sugerido: Arely Soares Reis

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Jeane Tertuliano
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- NeuroMusic - Drika Gomes
- Grandes Autores - J.B Wolf
- Vida de Autor - Lilian Stocco
- História das Artes - Betânia Pereira
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Vai um livro aí? - Arely Soares
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- A Língua em Movimento - Aline Abreu Santana
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Crônica Tons do Cotidiano - Adriana Moura
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Liter'Alma - Mía Koda
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Mãe África - Fátima Moniz
- ResilienteMente - Fabiana Francisco
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
- Contadores de Histórias - Fagner Lima
- Alma em Perspectiva - Rute Ella Dominici
- Desvendando Fantasia - Renato Mota
- Momento Resenha - Natália Carmo
- Recanto das Culturas Tradicionais - Nazareth Arrais
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 14 e 15

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf



2764-9768



SNIIC

AG-217193

Revista The Bard

Poesia, arte e música



155 Países





26



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti a um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

O Lado Oculto das Histórias: Cinema, Sociedade e Emoções



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICAI, por Flow"

Nesta edição de Julho e Agosto, a coluna Tudo sobre Cinema apresenta uma seleção de filmes e documentários que exploram as complexidades das relações humanas, os dilemas morais e as transformações da vida contemporânea. Entre dramas psicológicos, reflexões sociais e narrativas profundamente emocionais, as obras escolhidas convidam o espectador a enxergar além da superfície dos acontecimentos, revelando as fragilidades, os conflitos e as esperanças que moldam a experiência humana.

Chloe

A série acompanha Becky Green, uma jovem fascinada pela vida aparentemente perfeita de sua amiga de infância, Chloe, cuja ro-

tina acompanha obsessivamente pelas redes sociais. Após a morte repentina de Chloe, Becky decide se infiltrar em seu círculo social para investigar o que realmente aconteceu. Ao longo da busca, a narrativa questiona a cultura das aparências e a influência das redes sociais, revelando que por trás das imagens idealizadas existem conflitos, fragilidades e segredos que raramente são expostos ao público.

Quartos Vazios

A obra utiliza a solidão e os espaços abandonados como metáforas para discutir ausências emocionais, desconexão humana e a busca por pertencimento em uma sociedade cada vez mais individualizada.

Dúvida

Ambientado em uma escola católica, o filme constrói um intenso conflito entre fé, moralidade e verdade. Sem oferecer respostas definitivas, provoca o espectador a refletir sobre os limites da certeza e os riscos do julgamento precipitado.

O Último Azul

A narrativa aborda questões de resistência, identidade e esperança diante das transformações impostas pelo tempo e pelas circunstâncias. O filme convida à reflexão sobre os desafios da existência e a preservação da humanidade em cenários de incerteza.

Pieces of a Woman

Com sensibilidade e profundidade, a obra retrata o processo de luto de uma mulher após uma perda devastadora. O filme examina as consequências emocionais do trauma e as diferentes formas de enfrentar a dor e reconstruir a própria vida.

Edifício Master

Dirigido por Eduardo Coutinho, o documentário transforma relatos cotidianos em um rico painel da experiência humana. Ao dar voz aos moradores de um edifício em Copacabana, revela sonhos, medos, afetos e contradições que refletem a diversidade da vida urbana brasileira.

Essas obras demonstram como o cinema pode ultrapassar o entretenimento e se tornar um espaço privilegiado para questionar valores, compreender emoções e ampliar o olhar sobre a condição humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/06/2026"

CLAUDIA FAGGI

CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



Chloe

Quantas vezes nós nos impressionamos pelas vidas das redes sociais? O que é verdade e o que é mentira?

No mundo real não acordamos maquiadas, não estamos o tempo todo bem vestidas e nem felizes, aliás a felicidade permanente não existe.

Somos nós que temos o poder de transformar o nosso dia, a nossa vida e as nossas experiências de forma única. Na Internet temos o poder de postar a nossa realidade. Mas não é isso que acontece! O que é postado é um fragmento de nossas vidas e até pode ser uma montagem do nosso dia... onde o melhor prevalece.

Chloe fala disso! A minissérie é britânica, de suspense psicológico e foi lançada em 2022 no Amazon Prime Video. Com apenas 6 episódios, ela mistura mistério e crítica social ao retratar como as redes sociais moldam identidades e relações.

A protagonista Becky Green é uma jovem solitária que acompanha obsessivamente a vida perfeita de sua antiga amiga, Chloe, através das redes sociais. Quando Chloe morre de forma repentina, Becky cria uma nova identidade, Sasha, e se infiltra no círculo social da falecida para descobrir a verdade. A série explora temas como obsessão, mentira, manipulação e a influência das redes sociais na construção de uma vida aparentemente ideal. Conforme Becky se aprofunda nesse mundo, ela corre o risco de perder sua própria identidade.

A série Chloe vale a pena pela produção, roteiro, atuações e principalmente pela exploração de um tema que ainda tem um impacto importante na vida das pessoas!



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Quartos Vazios



Quando eu assisti ao documentário Quartos Vazios na Netflix meu coração ficou um pouco mais fragilizado.

Quartos Vazios é considerado um filme comovente e necessário, que transforma o luto em reflexão social sobre violência armada nos EUA.

O repórter Steve Hartman e o fotógrafo Lou Bopp conduzem entrevistas e registros com extrema delicadeza, respeitando os limites do luto das famílias. O silêncio se faz presente na narrativa permitindo que a ausência fale por si.

A direção de Joshua Seftel é acertiva. A câmera se move lentamente, como se pedisse licença para entrar nos quartos. Esse estilo cria uma atmosfera muito intensa nos transportando para esse ambiente comovente.

O documentário é impossível de assistir sem se emocionar. Eu chorei litros. É inadmissível não ter empatia.

Os quartos intactos como cápsulas de memória, reforçando a ideia de vidas interrompidas mexem com a gente.

O documentário levanta reflexões sobre políticas de armamento e o aumento alarmante dos tiroteios escolares nos EUA.

Assista e se emocione.



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Dúvida

O filme Dúvida é considerado um dos filmes mais emblemáticos dos últimos tempos.

Dúvida está no catálogo da Netflix e é um drama intenso ambientado em uma escola católica do Bronx nos anos 1960.

Você consegue imaginar o medo, a vergonha e a culpa que uma criança ou adolescente poderiam carregar naquela época?

Esse é um dos aspectos mais interessantes retratados na película.

Com atuações premiadas e impecáveis de Meryl Streep, Philip Seymour Hoffman, Amy Adams e Viola Davis, o longa explora temas de fé, poder e suspeita em torno de um possível abuso cometido por um padre.

A rígida freira Aloysius Beauvier, interpretada por Meryl Streep, começa a suspeitar que o carismático padre mantém uma relação imprópria com Donald Miller, o primeiro aluno negro da escola.

Já a jovem freira James, fica dividida entre a confiança no padre e a obediência à superiora.

A dúvida faz refletir sobre fé, moralidade e poder.

Vale a pena!



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



O Último Azul



Quanta sensibilidade em um filme?

O filme brasileiro O Último Azul de 2025 foi dirigido por Gabriel Mascaro e está disponível na Netflix.

O Último Azul mistura drama e ficção científica em um Brasil distópico onde idosos são exilados compulsoriamente em colônias remotas.

Estrelado por Denise Weinberg e Rodrigo Santoro, o longa foi premiado no Festival de Berlim e indicado para representar o Brasil no Oscar de 2026.

De uma forma surreal, o filme questiona a situação e os dramas vividos por idosos.

Perder mobilidade, qualidade de vida, ser reduzido à um peso para a família e até para a sociedade são mostrados de uma forma clara. Eu confesso: “A gente sente medo”

No filme a protagonista Tereza de 77 anos, decide realizar seu último desejo antes do exílio: viajar pelos rios da Amazônia e tentar realizar o sonho de voar.

Um sonho, que para muitos seria tão fácil de alcançar, para Tereza é uma aventura com momentos indescritíveis, muito longe de chegar.

Me emocionei.

Conseguí me colocar no lugar de Tereza.

Para mim foi o suficiente para entender que O Último Azul fala sobre humanidade.



POST NO SITE



Pieces of a Woman

O filme Pieces of a Woman é de 2020 e está disponível na Netflix.

Eu acredito que Pieces of a Woman tem um efeito terapêutico em cada um de nós. A profundidade da narrativa é extremamente comovente e tem um impacto social em questões sobre a fragilidade em dos momentos mais importantes da vida de uma mulher.

Pieces of a woman é um drama intenso sobre luto e maternidade, estrelado por Vanessa Kirby, Shia LaBeouf e Ellen Burstyn.

O longa ficou marcado pela cena inicial de parto que dura aproximadamente 25 minutos em plano sequência, e claro, pela atuação premiada de Kirby, indicada ao Oscar de Melhor Atriz.

Os 25 minutos iniciais do filme é de sofrimento, dúvida e responsabilidade. A resposta não está presente, apenas existe a inquietação de algo novo, a inexperiência de uma mãe que começa mesmo antes do nascimento de um filho.

O longa se destaca por abordar o luto materno de forma direta e sem suavizações. É considerado uma obra que provoca reflexão sobre maternidade, perda e resiliência, sem oferecer respostas fáceis.

É duro de ver. O exemplo é forte. O filme ensina.

Pieces of a woman é visceral e o aprendizado é aplicado com maestria.



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Edifício Master



O Edifício Master é um documentário de 2002 e a direção é de Eduardo Coutinho, é um dos documentários mais marcantes do cinema brasileiro. Filmado em Copacabana, Rio de Janeiro, ele retrata a vida de moradores de um prédio de 12 andares e 276 apartamentos, revelando histórias íntimas, dramas cotidianos e reflexões sobre solidão, convivência e identidade urbana.

Eu fiquei apaixonada por esse documentário. Edifício Master é para quem gosta de vida, de pessoas e de histórias.

O que torna o documentário ainda mais interessantes é a forma em que o cineasta adota sua marca registrada, entrevistas diretas, sem narração ou interferência externa.

São apenas moradores falando diante da câmera, em seus próprios apartamentos.

O prédio funciona como microcosmo da sociedade brasileira, reunindo diferentes classes sociais, idades e experiências.

Muitos moradores falam sobre isolamento e a dificuldade de criar vínculos, mesmo vivendo cercados de pessoas. E eu acredito que muitos vivem dessa forma, em vários lugares do mundo.

Histórias pessoais revelam como o espaço urbano molda vidas e lembranças de cada um.

O prédio abriga desde artistas e profissionais liberais até aposentados e trabalhadores informais.

O documentário mostra como vizinhos podem ser próximos fisicamente, mas distantes emocionalmente.

É interessante.



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



Contos

O Café Passagem

Capítulo 7: A Vida de Luísa

Luísa sempre soube que era diferente, mas nunca da forma que Daniel imaginava.

Enquanto ele crescera com o peso de ver o futuro, ela havia crescido com a sensação constante de estar atrasada para a própria vida. Como se todos ao seu redor tivessem recebido um manual de instruções que ela nunca havia encontrado.

Aos 28 anos, vivia sozinha em um apartamento que decorara três vezes, tentando encontrar uma identidade que se encaixasse. Trabalhava como tradutora freelancer — uma profissão que escolhera não por paixão, mas porque permitia que ficasse em casa, longe da necessidade de explicar sua estranha dificuldade de se conectar com as pessoas.

Não era timidez. Luísa conseguia conversar, sorrir, até mesmo flertar quando necessário. Mas havia sempre uma barreira invisível, como se ela estivesse assistindo à própria vida através de um vidro.

Até conhecer Daniel.

Naquela terça-feira, depois de deixar o apartamento dele com a cabeça fervilhando de revelações sobre dons familiares e avôs que apareciam em sonhos, Luísa decidiu fazer algo que evitava há anos: ligar para Sofia.

Sofia Mendes havia sido sua melhor amiga na faculdade, a única pessoa com quem Luísa conseguira formar uma conexão genuína. Psicóloga brilhante, Sofia tinha o dom de enxergar através das máscaras que as pessoas usavam — um talento que sempre deixara Luísa simultaneamente grata e desconfortável.

— Luísa? — A voz de Sofia soou surpresa. — Meu Deus, faz meses que não conversamos! Como você está?

— Confusa — Luísa admitiu, sentada em sua cozinha com uma xícara de chá que esfriava entre as mãos. — Preciso conversar com alguém, e você é a única pessoa em quem confio para isso.

— Claro. Quer que eu vá aí?

— Pode ser?

— Estou saindo do consultório agora. Chego em uma hora.

Sofia chegou carregando uma garrafa de vinho e aquele sorriso caloroso que sempre fazia Luísa se sentir menos sozinha no mundo. Aos 30 anos, Sofia havia encontrado o equilíbrio que Luísa ainda procurava: casada com um professor de história, mãe de uma menina de cinco anos, dona de um consultório próspero.

— Então — disse Sofia, servindo vinho para as duas — me conta o que está acontecendo. Você parece... diferente.

— Diferente como?

— Mais presente. Menos... como posso dizer... menos como se estivesse observando a própria vida de fora.

Luísa quase engasgou com o vinho. Sofia sempre tivera essa capacidade desconcertante de ir direto ao ponto.

— Conheci alguém — Luísa disse finalmente.

— Ah! — Sofia sorriu. — E é sério, pelo jeito.

— É complicado.

— Os melhores sempre são. Me conta.

Luísa hesitou. Como explicar Daniel sem soar completamente louca?

— Ele... ele é diferente. Muito diferente.

— Diferente como? Artista? Estrangeiro? Casado?

— Ele afirma que pode ver o futuro.



Sofia parou com o copo a meio caminho da boca.

— Como assim?

— Ele escreve sobre coisas que ainda não aconteceram. E elas se realizam.

— Luísa... — Sofia colocou o copo na mesa e assumiu sua postura profissional. — Você está falando sério?

— Completamente. Sofia, ele sabia coisas sobre mim que nunca contei para ninguém. Detalhes íntimos, memórias de infância, até sobre minha coleção de faróis.

— Ele pode ter te investigado. Redes sociais, conhecidos em comum...

— Não há nada sobre os faróis em lugar nenhum. É um segredo que guardo desde os doze anos.

Sofia ficou em silêncio por um momento, processando.

— E você acredita nele?

— Acreditava. Mas agora ele diz que perdeu a capacidade. Desde que nos conhecemos pessoalmente, não consegue mais ver o futuro.

— Conveniente — Sofia murmurou.

— Não é assim — Luísa se defendeu. — Ele está genuinamente perturbado com isso. Como se tivesse perdido uma parte de si mesmo.

— Luísa, preciso te fazer algumas perguntas, e quero que seja honesta comigo.

— Claro.

— Você já teve relacionamentos sérios antes?

— Você sabe que sim. Teve o Ricardo, na faculdade. E o Marcos, há dois anos.

— E como terminaram?

Luísa suspirou. Sofia conhecia a resposta, mas queria que ela verbalizasse.

— Eu terminei. Com os dois. Quando as coisas começaram a ficar sérias demais.

— Por quê?

— Porque... porque eu sempre sentia que estava representando um papel. Como se não fosse realmente eu que eles amavam, mas uma versão de mim que eu criava para eles.

— E com Daniel?

— É diferente. Pela primeira vez, sinto que alguém me vê de verdade. Não a versão editada que mostro para o mundo, mas... eu.

Sofia se inclinou para frente.

— Luísa, você já considerou que talvez Daniel seja apenas muito observador? Que ele tenha uma capacidade excepcional de ler pessoas e criar uma sensação de intimidade instantânea?

— Você acha que ele está me manipulando?

— Não necessariamente de forma consciente. Mas há pessoas que desenvolvem essas habilidades como mecanismo de sobrevivência. Elas aprendem a espelhar o que os outros querem ver, a criar conexões que parecem mágicas mas são, na verdade, psicológicas.

Luísa sentiu o estômago se contrair.

— Então você acha que estou sendo enganada?

— Acho que você está se apaixonando — Sofia disse gentilmente. — E quando nos apaixonamos, especialmente depois de muito tempo sozinhas, tendemos a romantizar coincidências e transformar observação aguçada em algo sobrenatural.

— Mas e se não for isso? E se ele realmente tivesse essa capacidade?

— Então seria o primeiro caso documentado e verificável de precognição genuína na história da humanidade — Sofia sorriu. — O que, convenhamos, é estatisticamente improvável.

Luísa ficou em silêncio, girando o copo de vinho entre as mãos.

— Sofia, posso te contar um segredo?

— Sempre.



— Eu quero acreditar nele. Não só na história do dom, mas... eu quero acreditar que é possível duas pessoas se encontrarem e simplesmente se reconhecerem. Como se fossem destinadas uma à outra.

— E por que isso te assusta tanto?

— Porque se for verdade, significa que passei 28 anos esperando por algo que nem sabia que existia. E se for mentira... — a voz de Luísa falhou — se for mentira, significa que sou ainda mais ingênua do que pensava.

Sofia se levantou e abraçou a amiga.

— Luísa, você quer um conselho profissional ou pessoal?

— Os dois.

— Profissionalmente, eu diria para ter cuidado. Para observar se há sinais de manipulação, se ele tenta te isolar de amigos e família, se as "previsões" dele sempre te beneficiam de alguma forma.

— E pessoalmente?

— Pessoalmente? — Sofia sorriu. — Eu diria que você merece ser feliz. E se esse homem te faz sentir vista e amada, talvez a origem dessa sensação seja menos importante que o fato de ela existir.

— Mesmo que tudo seja uma ilusão?

— Luísa, todo amor é, em certa medida, uma ilusão. Nós escolhemos ver o melhor nas pessoas que amamos, ignorar suas falhas, acreditar em versões idealizadas delas. A questão não é se é real ou ilusão. A questão é se te faz bem.

— E se eu me machucar?

— Então você vai se curar, como sempre fez. Mas e se você não se machucar? E se, pela primeira vez na vida, você encontrou alguém que realmente te entende?

Luísa abraçou Sofia com força.

— Obrigada. Por me ouvir sem me julgar.

— É para isso que servem as amigas. Mas Luísa?

— Sim?

— Se você decidir seguir em frente com ele, faça devagar. Conheça a pessoa por trás do mistério. Porque no final das contas, é com o homem que você vai viver, não com o dom.

Depois que Sofia foi embora, Luísa ficou sozinha com seus pensamentos. Pegou o telefone várias vezes para ligar para Daniel, mas sempre desistia. O que diria? Que havia contado sobre ele para uma psicóloga que achava que ele poderia estar manipulando-a?

Em vez disso, foi até o quarto e abriu a caixa de sapatos onde guardava os faróis em miniatura. Vinte e três pequenas torres, cada uma representando um ano de solidão disfarçada de independência.

Pegou o primeiro farol, o presente da tia Helena. Era pequeno e simples, feito de cerâmica branca com detalhes azuis. Lembrou-se do dia em que o ganhara, logo depois de ler "A Menina do Farol" — um livro sobre uma garota órfã que vivia sozinha em uma torre, guiando navios perdidos para casa.

Talvez fosse isso que sempre fizera: vivido em uma torre, observando a vida dos outros de longe, ajudando-os a encontrar o caminho enquanto permanecia sozinha.

Até que Daniel apareceu.

Daniel, que havia passado quinze anos vendo o futuro mas nunca vivendo o presente. Daniel, que havia perdido seu dom no momento em que a encontrou.

Talvez Sofia estivesse certa sobre a necessidade de cautela. Mas talvez também estivesse certa sobre outra coisa: Luísa merecia ser feliz. E pela primeira vez em 28 anos, a felicidade parecia possível.

Guardou os faróis de volta na caixa e pegou o telefone.

— Daniel? — disse quando ele atendeu. — Sou eu.

— Oi — a voz dele soou aliviada. — Estava pensando em você.



— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Amanhã à noite, quando formos jantar... podemos fingir que somos apenas duas pessoas normais que se conheceram em um café? Sem dons, sem visões, sem destino. Apenas... nós?

— Adoraria isso — Daniel respondeu, e Luísa pôde ouvir o sorriso em sua voz.

— Ótimo. Porque eu quero te conhecer de verdade, Daniel. Não o homem que via o futuro, mas o homem que escolheu viver o presente.

— E eu quero conhecer você também, Luísa. A mulher real, não a das minhas visões.

Quando desligaram, Luísa se sentiu mais leve do que havia se sentido em anos. Talvez Sofia estivesse certa: a origem da conexão era menos importante que a própria conexão.

E pela primeira vez na vida, Luísa estava pronta para sair de sua torre e descobrir o que significava realmente viver.

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 4



CAPÍTULO 5



CAPÍTULO 6



WOLFBIO



POST NO SITE





Contos

EDUARDO GRABOVSKI

Cidade: Campina Grande do Sul

Estado: Paraná

País: Brasil

Conserve o carinho em molho e tempero

Um abraço. Tudo que é dito sem palavras. Carrega saudade, desejo, respeito ou afeto. Abraço de quem fica constrangido. Aquele toque-não-toque. Mãos que se tocam e dedos que se abraçam. Medo de transpor uma barreira invisível que o ego fez nascer.

Abraço de quem respeita. Aquele onde os olhos se encontram com sinceridade. Abraço que esquenta a alma.

Abraço falso. Desconfortável. Olhar frio e um corpo à distância. Abraço de quem fingiu que entendeu. Abraço de quem não sente. Que amargura!

Abraço da mãe. Abraço do pai. Perfeito. Divino. Cheiroso. Mágico. Abraço que protege. Que cura. Que aquece. Que faz o coração bater mais forte. Que faz a alma chorar de emoção.

Abraço de amante. Aquele de apaixonado que para o tempo. Aperta no peito aquela vontade de ficar juntos para sempre. Troca de carícias que bate o coração acelerado. Que bate a alma contra a alma. Que une aura com aura.

Um abraço. Mensagem universal entre corpos. Entre almas.

Universo do Tio Dudú.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





MINI Contos

Quando a Morte Tirou Férias

Por J.B Wolf

A Morte tirou férias por um dia. O mundo festejou.
Ao anoitecer, os gritos dos que já deveriam partir
sufocaram a alegria. Quando ela voltou, encontrou uma fila.
Ninguém implorava por mais vida.
Todos suplicavam pelo descanso.

WOLFBIO



POST NO SITE





MINI Contos

Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS



FRASES E PENSAMENTOS

“Falar é completamente fácil, quando se tem palavras em mente que expressem sua opinião. Difícil é expressar por gestos e atitudes o que realmente sentimos.”

Carlos Drummond de Andrade

“É melhor calar-se e deixar que as pessoas pensem que você é um idiota do que falar e acabar com a dúvida.”

Abraham Lincoln

“Em presença de imbecis e loucos, há somente um caminho para mostrarmos nossa inteligência: não falar com eles.”

Schopenhauer

“Falar sem aspas, amar sem interrogação, sonhar com reticências, viver sem ponto final.”

Charles Chaplin

“Hoje, não se sabe falar porque já não se sabe ouvir.”

Jules Renard

“Os limites da minha linguagem são os limites do meu universo.”

Goethe

“O saber se aprende com os mestres. A sabedoria, só com o corriqueiro da vida.”

Cora Coralina.

“Se tornou aparentemente óbvio que nossa tecnologia excedeu nossa humanidade.”

Albert Einstein

“Deixo-te livre para sentir minha falta, se é que faço falta. Tens meu número, na verdade, meu coração, então se sentir vontade de falar comigo, me procura você.”

Clarice Lispector

“Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e se tornar um autor da própria história. É saber falar de si mesmo. É não ter medo dos próprios sentimentos”

Fernando Pessoa

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUMNISTAS

“A era da informação não é uma era de informação.
É uma era de ponto de vista.”

Marshall McLuhan

“Se os homens tivessem no silêncio a mesma
capacidade que têm no falar o mundo
seria muito mais feliz.”

Baruch Spinoza

“Os espíritos protetores nos ajudam com os seus con-
selhos, através da voz da consciência, que fazem falar
em nosso íntimo - mas como nem sempre lhes damos
a necessária importância, oferecem-nos outros
mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam.”

Allan Kardec

“Eu nem sempre posso falar aquilo que
penso, mas o que não posso falar é exata-
mente aquilo que eu não devo dizer.”

Chico Xavier

“SUA FRASE AQUI”

“Três coisas em demasia e três coisas em falta são
perniciosas aos homens: falar muito e saber pouco;
gastar muito e possuir pouco; estimar-se
muito e valer pouco.”

Cervantes

“Nenhuma sociedade que esquece a arte de
questionar pode esperar encontrar respostas
para os problemas que a afligem.”

Zygmunt Bauman

“Eu não gosto de falar de felicidade, mas
sim de harmonia: viver em harmonia com a
nossa própria consciência, com o nosso
meio envolvente, com a pessoa de quem
se gosta, com os amigos. A harmonia
é compatível com a indignação e a luta;
a felicidade não, a felicidade é egoísta.”

José Saramago

Quanto menos inteligente um homem é,
menos misteriosa lhe parece a existência.

Arthur Schopenhauer.





Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

Palavras que não atingem a pele

"O verbo não se fez voz, e ainda não se fez som. A voz não se fez história, nem narrativa. O narrador está em silêncio. é o instante em que tudo está prestes a acontecer, mas ainda não aconteceu."
(Gaspar, 2026).

1. Cartografia inicial

A passagem do século XX para o XXI foi marcada por diversas transformações sociais que impactaram de forma vertiginosa os comportamentos e os modos de vida dos sujeitos na contemporaneidade. Tais mudanças estão atreladas ao acelerado desenvolvimento da tecnologia e à forma como ela vem atravessando as relações humanas, repercutindo em novos hábitos, como também estimulando formas inéditas de ser e estar no mundo.

De acordo com a pesquisadora Paula Sibilia, na sua obra O show do eu: a intimidade como espetáculo, todo esse maquinário inaugura, também, uma notória mutação das subjetividades, o que implica dizer que as formas de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo já não são mais as mesmas.

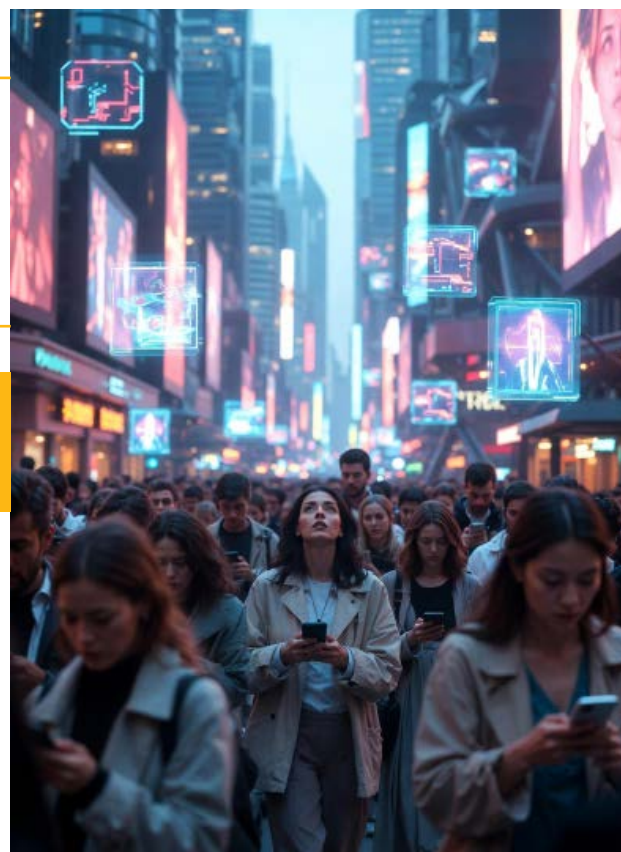


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Em várias situações podemos observar que os espaços coletivos que produzem o compartilhamento das experiências da vida social, afetiva e cognitiva estão se perdendo em meio aos emudecimentos da palavra falada. Não se usa mais a palavra para compor a vida, para engendrar sua trajetória, criar realidades possíveis e utopias realizáveis.

O artifício da linguagem prevalece, mas parece operar por outros dispositivos.

Este artigo é animado pelo desejo de compreender qual o lugar da palavra na sociedade contemporânea e como estas penetram no âmago da alma. Fala-se muito, e quase nada consegue realmente atravessar alguém, com o desejo de uma comunicação com o outro, de construir uma relação sem forma-

tar, mas possibilitar que se tenha forma, caminhos novos, abrangentes, interessantes e apaixonantes.

Nesta direção, destacamos as palavras de Gutiérrez, em declaração feita durante a palestra proferida na UFPel. (julho, 2002) “promova a vida”, a partir da cotidianidade, onde o requisito essencial prévio é senti-la visceralmente, amando-a, desfrutando-a, cantando-a, celebrando a informação verbal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Para pensar em como estamos nos relacionando nos espaços virtuais e o modo como estamos aprendendo a nos conectar conosco e com os outros é necessário pensarmos sobre a complexidade desse mundo feito de imagens, mas que nos cobra diariamente ações, posicionamentos, diante da imprevisibilidade.

Assim espero: que cada linha te abrace como me abraçou; que nos una num todo, criando um vínculo que nos liga continuamente a tudo o que existe através do qual esta vida flui para todos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

2- Palavras que não atingem a pele

A coluna “Autopoiese & Narrativas” propõe neste artigo discurrir que, na hiperconexão, muitas frases apenas roçam a superfície de nossa pele: notificações vibram no pulso, textos passam diante dos olhos, áudios se acumulam, mas quase nada chega a provocar mudança de respiração, arrepio, silêncio. Várias são as línguas que carregamos no corpo, na nossa essência. As palavras nos vestem com simplicidades e complexidades, podem ser rasas, profundas e sinceras, alegres ou com imersões de re-

flexões. Sugere-se o enaltecer do calor de uma voz vibrante em sentidos e direções.

Destacamos a importância do som, das sílabas, das rimas que ainda existem nas palavras que atingem a pele e nela devem permanecer. Sem essa percepção, o sujeito contemporâneo busca saberes prontos; as palavras não despertam a sede de beber nas mensagens trazidas pela poesia do viver. É importante degustar, sentir o gosto e o cheiro que a escuta desenvolve.

“Palavras transformadas em pura aridez, em puro espelho do nada. Palavras que se transformam em abismos, já não nos roçam a pele, o coração, palavras que se tornam morfemas, fonemas. Palavras distantes uma das outras nada anunciam. Palavra e corpo juntos, confirmam que estamos vivos. (Gaspar, 2026)



O ser humano relaciona-se com aquilo que o cerca, assim como busca compreender a si mesmo, pela e na linguagem, que é o meio de comunicação com o outro. Por essa razão, a linguagem concretiza-se quando abandona o corpo e alcança esse outro a partir da fala, e ela precisa do outro para se consumir e ser consumida.

Há palavras que passam por nós sem deixar vestígio. Encostam-se apenas na superfície do olhar, atravessam a rotina como sons repetidos e logo se dispersam no excesso das mensagens que se acumulam a cada instante. São palavras rápidas, utilitárias, moldadas pela urgência do responder, do postar, do reagir. Não repousam no corpo, não interrompem o automatismo dos dias, não criam demora interior. Talvez por isso já não consigam atingir a pele: porque nasceram para outros fins, e não para permanecer.

Diferentes da palavra que se demora, que carrega memória, silêncio e densidade, essas falas do presente raramente alcançam a espessura de uma experiência. Elas informam, mas não transformam; conectam, mas não vinculam; chegam até nós, mas quase nunca nos tocam.

Para Benjamim (1994), o homem da oralidade está cada vez mais desaparecendo diante de um mundo apressado e veloz, que possui pouca memória e muitas informações que não se tornam conhecimentos, pois são apenas fragmentos de mensagens descontextualizadas e rapidamente substituíveis no cotidiano digital. Não se usa mais a palavra, a narrativa, para compor a vida, percorrendo caminhos de afetos. Palavras que não trazem emoção, sentimento, paixão, amorosidade, generosidade. Há palavras que não ocupam os olhos, os ouvidos, não passam pela pele, pelos sentidos,

não são impactantes e doces a ponto de que, sem conhecimentos pessoais, possamos nos entender.

Essa falta de comunicabilidade ocorre, dentre outras coisas, pela perda de qualidade na relação do sujeito com a experiência autêntica, assim como, retroativamente, essa insatisfação acontece por motivos da falta de comunicabilidade. Pois, brincar com as palavras, poetizar e pensar o mundo são possibilidades de se incluir nas linguagens no reino virtual sem restrições subjetivas.

Afinal, são os detalhes que nos levam de volta ao passado: um dia ensolarado, um móvel restaurado, o cheiro do bolo de chocolate feito por nossa avó naquele dia de férias... experimentar as sensibilidades de momentos em palavras, vive-las, em forma de amor, amizade com o modo de cada um sentir as palavras.

Cito uma das histórias presentes na obra *O livro dos abraços*, chamada “Na casa das palavras”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano.

Diz-se de uma casa onde as palavras se agitavam, esperando a chegada dos poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam; procuravam palavras que conhecera e tinham perdido. Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas, as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho... (GALEANO, 2002).

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026”

Os poetas também buscavam palavras que “tinham perdido”, talvez por terem se esquecido de onde as deixaram, ou por não se lembrarem da última vez que as usaram. Talvez os poetas nem saibam o porquê de terem usado as palavras perdidas ou nem como foram usadas. Esses poetas, que buscam palavras perdidas, talvez queiram apenas recuperar, lembrar ou recordar o que pode ter caído do abismo do esquecimento, também queiram preencher o vazio do esquecimento, resgatar o que não está mais lá e usar a palavra – nomear – para fazer surgir de novo e assim trazer de volta a lembrança levada então pelo rio do esquecimento.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026”

A frase “Você pode saber o que disse, mas nunca o que outro escutou”, atribuída a Jacques Lacan, expressa uma ideia central de sua psicanálise: a comunicação nunca é totalmente controlada por quem fala. O que você diz passa por suas intenções, mas o que o outro escuta é filtrado por sua história de vida, emoções, desejos, crenças, experiências e pela forma como interpreta as palavras. Assim, a mensagem recebida pode ser diferente da mensagem pretendida.

Em muitas situações, as conexões digitais mantêm os vínculos na superficialidade e, mais do que isso, reforçam a desconexão consigo mesmo. Além disso, a velocidade das mudanças tecnológicas interfere na capacidade de absorção e assimilação das informações, gerando uma sociedade cada vez mais fragmentada e reativa.

3- A Flor da Pele: vozes adormecidas

Em determinado momento percebemos mobilidades em nosso corpo que não conhecemos. Descobrimos sensações nos invadindo no ato da escrita, como também na fala. Recordemo-nos, então, de Nietzsche, quando aponta que “hoje cada qual fala das coisas das quais não pode ter nenhuma experiência”. A experiência então, separou-se de sua palavra, e vice-versa.

Há uma relação clara: quanto maior a distração com o mundo externo, mais se evita a escuta do que pulsa por dentro. Quanto mais vozes e imagens externas nos cercam, mais nos afastamos de quem realmente somos, da nossa própria voz, das nossas imagens internas. Ao falar, podemos sentir uma dramaticidade, sensualidade e doçura que revelam gestos livres e soltos nos momentos de fala

e oralidade. Simplesmente viver fantasias, ideias, acordando palavras de nossos silêncios. Esse momento é uma associação de corpo, de fala, que na escrita transita no nosso mundo subjetivo e objetivo.

O corpo deseja falar, deseja escrever, ganha mundos desconhecidos dentro de nós, entre alegrias, medos e inseguranças, barulhos, cheiros. Reforçando o contraste com a hiperconexão, em que quase nada se encontra imersa de verdade. Onde entra o excesso das telas como fuga, ocasionando um despreparo emocional, gerando uma hiperocupação mental, um consumo desenfreado de conteúdo, dependência e um ativismo produtivo, evitando qualquer espaço para pausa, o estar no momento presente. Com esse cenário, evita-se o confronto e o autoconhecimento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SIAA.AI", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026

A dificuldade de sustentar a própria presença, sem recorrer ao movimento frenético das redes sociais, pode ser bastante reveladora. Ela pode indicar a inabilidade de cultivar uma intimidade profunda consigo mesma, talvez uma das grandes carências da vida contemporânea.

A sensação no cor-

po é a combinação de todos os sentidos com a atitude mental, memórias e associações interligadas, é praticamente impossível descrevê-la completamente. Uma única palavra pode evocar universos de experiências que estão catalogadas na mente e que o corpo/psique vivencia internamente.

4- Palavras sem lábios, sensações, mãos e rostos

A “sensação” é entendida de diferentes maneiras por pensadores e artistas: ora como um fenômeno fisiológico, ora como uma forma de inteligibilidade sensível, ora como uma dimensão parcial da percepção, ora como a resposta psíquica a estímulos físicos. Nessas leituras, a sensação reúne aspectos subjetivos, orgânicos, perceptivos, impressivos, mnemônicos e até semióticos.

Dessa forma, A memória corporal de palavras antigas nos marca pela forma, ou seja, com uma alquimia de sensações, como um caleidoscópio de belas imagens. (“A carta amarelada ainda tem o cheiro da gaveta onde ficou por anos”). Um longo tempo se passou; acreditávamos que tínhamos esquecido as mensagens, o fascínio, a paixão e tudo que foi escrito além do querer dizer, deixando a pele vestida e coberta de inteiros.

A pele continua sendo um ter-



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

ritório de verdades. Mesmo com as sensações estranhas de que existem palavras perdidas e a falta de tocar no nosso interior, não conseguimos escutá-las. Ela é uma fronteira do corpo, apresentada como um limite que sufoca a voz interior. A pele manifesta quem somos e como nos sentimos. Pele e psique são fronteiras entre o "EU" psíquico/corporal e o "outro".

A pele estabelece uma fronteira entre o nosso corpo e o meio ambiente, assim como a psique estabelece e diferencia o "EU psíquico" (nosso "mundo interior") do mundo externo. Tanto a pele como a psique nos lembram de que somos seres únicos e individuais, apesar de sociais. Um bom exemplo são as nossas impressões digitais, que nos identificam através da pele. Outro exemplo é a nossa memória, que é absolutamente individual. A nossa memória é construída desde a vida intrauterina, tanto memórias corporais como emocionais. Os nossos registros são continuamente construídos ao longo da vida, atualizados e processados de forma dinâmica, como arquivos em várias linguagens, tais como imagens e sensações. São palavras que provocam um silêncio, que gestam vozes adormecidas, que permitem que o eu poético faça a viagem regressa e dialogue com vozes que não querem mais calar e, assim, deixa falar em si, vozes que são, como diria Maurice Merleau-Ponty (1999):

[...] tal como ópera na vida cotidiana, supõe um passo decisivo de expressão. Nossa visão sobre o homem continuará sendo superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto, e sua significação um mundo (MERLEAUPONTY, 1999, p. 250).

O filósofo nos convida a descortinar um mundo onde a fala está instituída, para ver o mundo de azul, como diria Manoel de Barros (2011). O poeta falava da infância como um território de liberdade, e defendia o “criançament” das palavras, ou seja, revolucionar a linguagem da forma como ela nos é apresentada, e fazer dela cenário de brincadeira. A infância é o ponto de partida comum de toda a sua obra, é nela que ele se inspira e dela que ele extrai o substrato de suas palavras inventadas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

As palavras, a pele e o corpo são seres em movimento, nada é estático, há uma plasticidade de expressões que não possui uma finitude acabada, existindo sempre vácuos e horizontes a serem experimentados e vividos, harmonizando-os. Estamos constantemente conectados, isso é um fato. A todo momento, somos bombardeados por mensagens, notificações, lembretes, anúncios e uma infinidade de vídeos cada vez mais dinâmicos e apelativos.

As redes podem ser, ao mesmo tempo, uma forma de fuga e uma tentativa de amenizar a solidão, oferecendo a

sensação de companhia por meio de distrações, vídeos curtos, mensagens instantâneas, interações simultâneas com muitas pessoas. No entanto, nada substitui o contato olho no olho, as conversas ao redor da mesa, um passeio na praia. O exercício da presença, é o que há de mais humano, nesses tempos de avanços tecnológicos.

O crescimento da cultura digital gerou impactos significativos nas relações humanas, uma vez que a exposição excessiva às redes sociais e o fluxo contínuo de informações criaram um ambiente de constante estímulo.

É um grande desafio estabelecer uma relação saudável com a tecnologia em um mundo cada vez mais digital. Tenho refletido sobre o poder da palavra. Seria maravilhoso se todos pudessem expressar seu sentir no entrelaçar de olhares e escutas tecidos pelo reconhecimento do calor de uma voz ao vivo.

Vivemos em uma era da hiperconectividade. O celular anuncia uma nova notificação. Você desbloqueia a tela, dá uma "olhadinha" e, sem perceber, meia hora se

passou. Essa cena se repete centenas de vezes por dia ao redor do mundo. A hiperconectividade, termo que define a conexão constante à internet e às redes sociais, tornou-se um dos grandes desafios e vem deixando um rastro silencioso talvez por isso estejamos tão exaustos de silenciar, de calar o que sentimos, porque, no fundo, seguimos desejando que a palavra encontre novamente o corpo, o olhar, a presença viva que a sustenta. Entre tantos ruídos, ainda existem palavras capazes de atingir a pele e nela permanecer.

5- O fim que se abre em novas palavras

A narrativa apresentada na nossa coluna, buscou explorar os limites do mundo digital e sua influência determinante nos novos arranjos de comunicação e sociabilidade, analisando as formas micro e macro das palavras e como elas comunicam expressões e sentimentos.

A hiperconectividade tornou-se uma extensão da nossa rotina e uma verdadeira anestesia emocional. A democratização da internet nas últimas décadas viabilizou uma característica inédita para a sociedade moderna: a hiperconectividade, transformando smartphones, tablets, computadores, notebooks e smartwatches em uma espécie de extensão do corpo e da mente humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Existe uma busca por tudo que importa, que ameniza vazios. O caminho para a atualidade é trazer consciência ao uso do mundo virtual e perceber que existe vida além das telas. É preciso observar os mecanismos de manipulação e sedução, e buscar equilíbrio com outras atividades, como ler um excelente livro, refletir a partir de um filme, dedicar-se a práticas físicas, cultivar o contato com a natureza e aproveitar uma boa viagem. Também é essencial refletir sobre como estão as relações e as conexões verdadeiras com as pessoas ao nosso redor e consigo mesmo.

E, para concluir, estamos cada vez mais sós, com a sensação de estarmos vinculados, mas, na verdade, estamos mal acompanhados, à medida que nos tornamos joguetes de algoritmos que determinam a direção a seguir.

Diante desse cenário, torna-se essencial compreender as implicações dessas mudanças para a formulação

de estratégias que promovam equilíbrio entre inovação e bem-estar coletivo. Dessa forma, a análise crítica das novas dinâmicas sociais é imprescindível para lidar com os desafios emergentes e criar soluções sustentáveis para o futuro da convivência humana.

A comunicação instantânea e a conectividade constante redefinem a

maneira como as pessoas interagem, formando redes que transcendem fronteiras geográficas. No entanto, essa hiperconectividade também impõe desafios, como a diluição das interações presenciais e a sobrecarga informacional, que podem afetar a capacidade de concentração no engajamento social, e transformações no comportamento humano.

“Cada palavra é uma criação, um jeito individual de comunicação. As palavras fazem nascimentos.”
(GASPAR, 2026).

Com apreço
Stella Gaspar

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

STELLA GASPAR

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

FACEBOOK

RADIO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

"O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"



38^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: "a formação cultural desde os primeiros anos"

39ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

PERÍODO DE 06 DE JUNHO À 31 DE JULHO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



03


DRIKA GOMES


Neurocientista, hipnoterapeuta e filósofa, especialista em neurociência da música. Analista Junguiana e criadora do método NeuroMusic®, mostra como sons e frequências transformam emoções, despertam consciência e geram equilíbrio. Autora best-seller, traduz ciência em poesia. Na revista The Bard, leva aos leitores um olhar à luz da ciência e da arte, em diálogo profundo com a alma. Conheça mais em @drikagomes_neuro.

O Poder da Coerência entre Mente e Emoção



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Vivemos em uma época em que o conhecimento nunca esteve tão disponível. Sabemos o que deveríamos fazer para cuidar da saúde, reduzir o estresse, melhorar relacionamentos e construir uma vida mais equilibrada. No entanto, apesar de toda essa informação, muitas pessoas continuam presas aos mesmos padrões emocionais, repetindo comportamentos que as afastam do bem-estar que desejam alcançar.

Por quê?

A resposta pode estar em uma desconexão silenciosa entre aquilo que pensamos e aquilo que sentimos.

A neurociência tem demonstrado que nossos pensamentos e emoções não operam de forma isolada. Eles formam um sistema integrado que influencia diretamente a maneira como percebemos a realidade, tomamos decisões e construímos hábitos. Quando existe alinhamento entre mente e emoção, o cérebro tende a funcionar de maneira mais eficiente, favorecendo estados de clareza, foco, criatividade e autorregulação. Por outro lado, quando pensamos em uma direção e sentimos em outra, criamos um estado de incoerência interna que frequentemente se manifesta como ansiedade, procrastinação, exaustão emocional e sensação de conflito constante.

Essa coerência não significa ausência de desafios ou emoções difíceis. Significa a capacidade de reconhecer o que sentimos, compreender os sinais do corpo e integrar essas informações aos nossos pensamentos de forma consciente. É um processo que envolve não apenas a atividade cerebral, mas também a comunicação contínua entre sistema nervoso, emoções e experiências vividas.

Nesse contexto, a música ocupa um lugar singular. Muito antes de compreendermos o funcionamento do cérebro, o ser humano já utilizava sons, ritmos e melodias para regular estados emocionais, fortalecer vínculos sociais e criar experiências coletivas de significado. Hoje sabemos que a música possui a capacidade de ativar simultaneamente áreas relacionadas à memória, emoção, atenção e recompensa, tornando-se uma das ferramentas mais poderosas para modular estados internos.

As frequências sonoras, os ritmos e as estruturas musicais não mudam apenas o ambiente ao nosso redor; elas influenciam a forma como o cé-



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

rebro organiza informações e como o sistema nervoso responde ao mundo. Quando utilizadas de forma intencional, podem favorecer estados de relaxamento, presença, concentração e equilíbrio emocional, contribuindo para a construção de uma maior coerência entre aquilo que pensamos e aquilo que sentimos.

Talvez a transformação pessoal não comece pela tentativa de controlar a mente, mas pela capacidade de criar harmonia entre pensamento, emoção e experiência. E, nesse processo, a música pode ser muito mais do que entretenimento. Pode ser uma ponte entre o cérebro e a consciência, entre o que somos hoje e aquilo que podemos nos tornar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

QUANDO A EMOÇÃO CONDUZ A BIOLOGIA

Uma das maiores transformações promovidas pela neurociência nas últimas décadas foi a revisão da antiga crença de que razão e emoção seriam forças opostas. Durante muito tempo, a cultura ocidental valorizou a ideia de que a mente racional deveria controlar os impulsos emocionais para que o ser humano pudesse tomar boas decisões. Essa visão, influenciada por séculos de pensamento filosófico, ajudou a construir uma imagem do indivíduo como alguém que deveria pensar para agir e sentir apenas como consequência desse processo. Entretanto, os avanços nas ciências do cérebro revelaram uma realidade muito mais complexa e, ao mesmo tempo, mais humana. Hoje compreendemos que emoção e cognição não são sistemas independentes, mas partes inseparáveis de uma mesma arquitetura biológica. Pensar não acontece sem sentir. Escolher não acontece sem emoção. A própria percepção da realidade é continuamente filtrada pelos estados emocionais que habitam nosso organismo.

Foi justamente essa compreensão que levou o neurologista António Damásio a uma das contribuições mais importantes da neurociência contemporânea. Ao estudar pacientes que haviam sofrido lesões em regiões cerebrais responsáveis pelo processamento emocional, ele observou algo surpreendente: embora mantivessem intactas suas capacida-

des intelectuais e lógicas, esses indivíduos encontravam enorme dificuldade para tomar decisões simples do cotidiano. Eles conseguiam analisar racionalmente diferentes possibilidades, mas eram incapazes de atribuir valor emocional às escolhas. Sem emoção, não conseguiam definir prioridades, assumir riscos ou perceber aquilo que realmente im-

portava. A conclusão foi revolucionária porque contrariava séculos de tradição intelectual: a emoção não é uma interferência no pensamento. Ela é um componente essencial da inteligência humana. Em grande medida, é ela quem atribui significado à experiência e orienta nossas escolhas.

Essa descoberta ajuda a explicar por que tantas pessoas permanecem presas a padrões que racionalmente reconhecem como prejudiciais. Alguém pode compreender perfeitamente a importância de mudar um hábito, encerrar uma relação desgastada ou abandonar uma postura autossabotadora. Ainda assim, continua repetindo os mesmos comportamentos. Isso acontece porque a mudança não depende apenas de uma decisão consciente. Ela exige que os sistemas emocionais envolvidos nesse padrão também sejam transformados. Quando a mente aponta para uma direção enquanto as emoções permanecem vinculadas a antigas experiências de medo, insegurança ou dor, instala-se uma espécie de conflito interno silencioso. O cérebro passa a receber mensagens contraditórias. Uma parte deseja avançar. Outra busca proteção naquilo que já conhece. E, na maioria das vezes, o familiar vence o novo, mesmo quando esse familiar produz sofrimento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

O CÉREBRO APRENDE ESTADOS EMOCIONAIS

Essa dinâmica torna-se ainda mais compreensível quando observamos o fenômeno da neuroplasticidade. Durante muito tempo acreditou-se que o cérebro adulto era relativamente fixo e pouco capaz de se modificar. Hoje sabemos exatamente o contrário. O sistema nervoso está em constante transformação, reorganizando suas conexões de acordo com aquilo que vivenciamos repetidamente. Não aprendemos apenas conteúdos, habilidades ou conhecimentos. Aprendemos também maneiras de sentir. Estados emocionais recorrentes moldam circuitos neurais e passam a influenciar a forma como percebemos o mundo. Um cérebro habituado à ansiedade torna-se progressivamente mais eficiente em identificar ameaças. Um cérebro acostumado à culpa encontra culpa com mais facilidade. Da mesma forma, experiências repetidas de segurança, confiança e pertencimento fortalecem circuitos associados ao equilíbrio emocional.

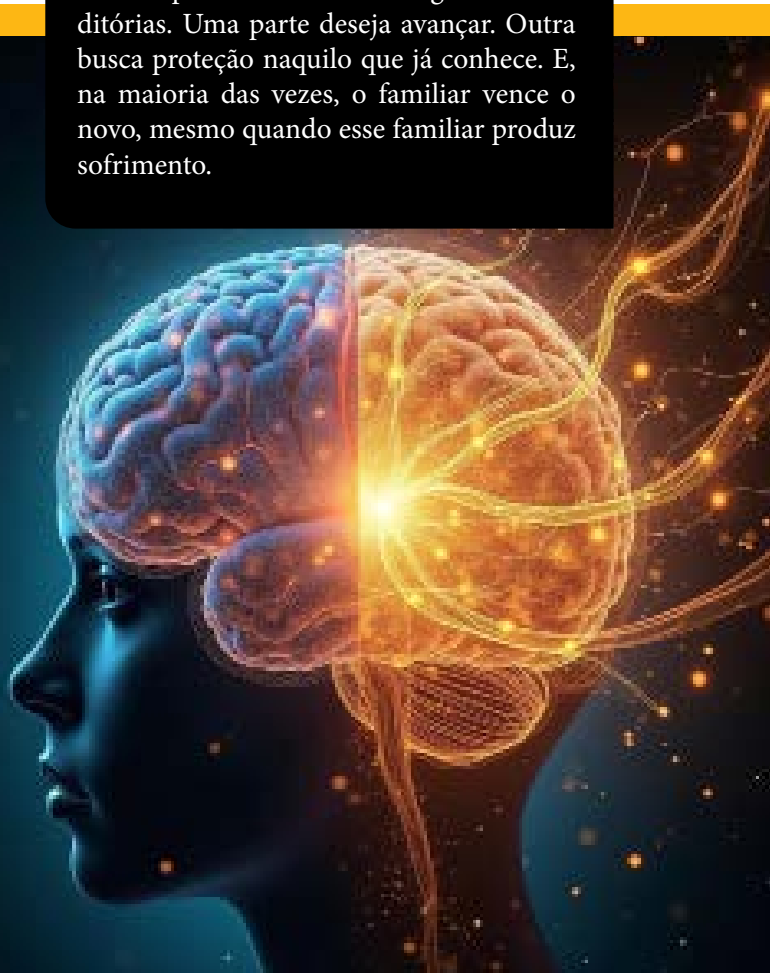


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

É nesse contexto que a famosa frase do neuropsicólogo Donald Hebb permanece tão atual: "neurônios que disparam juntos conectam-se juntos". Embora simples, essa afirmação descreve um dos mecanismos mais profundos da experiência humana. Toda vez que repetimos um pensamento acompanhado de uma emoção específica, fortalecemos uma determinada rede neural. Com o tempo, essa rede passa a operar de maneira cada vez mais automática. Em muitos casos, aquilo que chamamos de personalidade nada mais é do que um conjunto de padrões neurais e emocionais que se consolidaram ao longo da vida. Não somos apenas resultado de nossas experiências. Somos também resultado da forma como aprendemos a sentir essas experiências.

É justamente nesse ponto que a música assume um papel extraordinário. Diferentemente da linguagem racional, que costuma operar por conceitos, análises e explicações, a música dialoga diretamente com sistemas cerebrais ligados à emoção, à memória e ao significado. Ela alcança regiões da experiência humana que muitas vezes permanecem inacessíveis ao discurso lógico. Uma canção pode provocar lágrimas antes mesmo que consigamos explicar o motivo. Pode despertar coragem sem apresentar um único argumento racional. Pode restaurar memórias esquecidas e trazer à consciência emoções que permaneciam silenciosas há décadas. Talvez porque, em um nível profundo, o cérebro compreenda a música não apenas como som, mas como experiência emocional organizada.

A MÚSICA COMO ARQUITETURA INVISÍVEL DA EXPERIÊNCIA

Quando ouvimos uma música que nos toca profundamente, raramente pensamos no que está acontecendo dentro do cérebro. A experiência parece simples: ouvimos uma melodia, sentimos uma emoção e seguimos adiante. No entanto, por trás dessa aparente simplicidade existe uma das mais sofisticadas operações neurobiológicas conhecidas. Diferentemente de outras formas de estímulo, a música é capaz de mobilizar simultaneamente sistemas relacionados à memória, emoção, atenção, movimento, linguagem e recompensa. Poucas experiências humanas apresentam um nível tão elevado de integração neural.

O neurocientista Daniel Levitin, autor de importantes pesquisas sobre música e cérebro, costuma afirmar que a música não ocupa uma única região cerebral. Ela mobiliza redes inteiras distribuídas pelo sistema nervoso. Quando uma canção desperta uma lembrança, o hipocampo é ativado. Quando provoca prazer, entram em ação circuitos dopaminérgicos relacionados à recompensa. Quando desperta emoção, estruturas do sistema límbico participam da experiência. Quando convida ao movimento, áreas motoras começam a responder mesmo que o corpo permaneça imóvel.

Talvez seja justamente essa característica que torne a música uma ferramenta tão poderosa para a regulação emocional. Ela não atua apenas sobre o pensamento nem apenas sobre a emoção. Ela cria uma ponte entre diferentes dimensões da experiência humana.

Em certa medida, a música realiza aquilo que muitas vezes tentamos fazer racionalmente sem sucesso: ela cria integração.

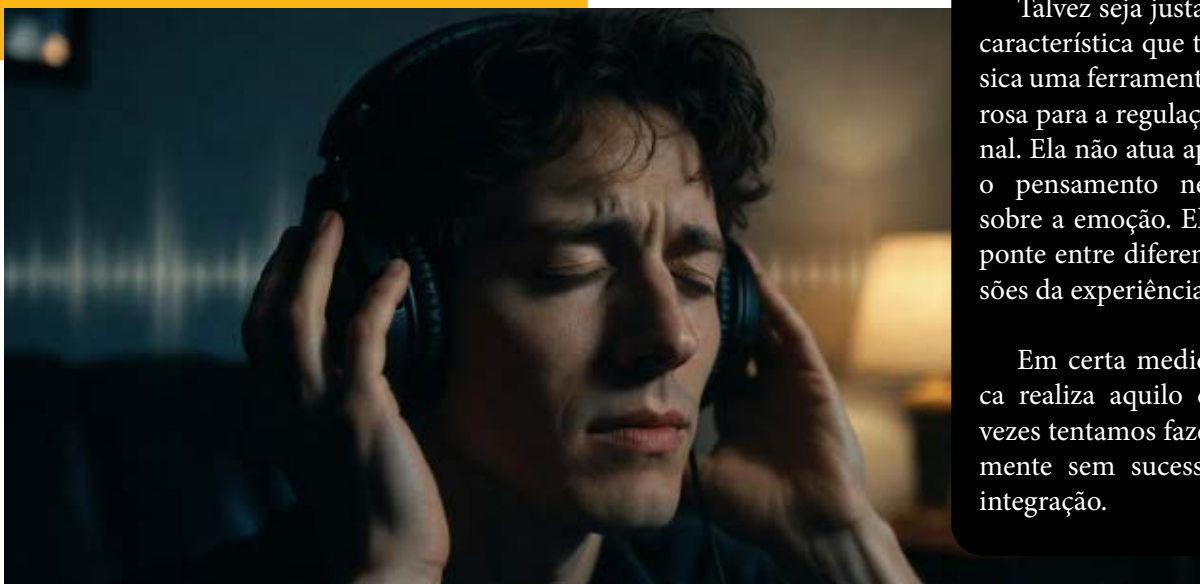


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"



O DIÁLOGO ENTRE CÉREBRO E CORAÇÃO

Durante muito tempo acreditou-se que o coração fosse apenas uma bomba biológica responsável por impulsionar sangue através do organismo. Hoje sabemos que essa visão é insuficiente para explicar a complexidade da comunicação existente entre cérebro, coração e sistema nervoso.

Pesquisadores como Rollin McCraty, do HeartMath Institute, demonstraram que estados emocionais específicos influenciam diretamente os padrões de variabilidade da frequência cardíaca. Emoções como medo, frustração e ansiedade tendem a produzir ritmos fisiológicos mais irregulares. Já estados como gratidão, apreciação, compaixão e conexão geram padrões mais organizados e sincronizados.

Esse fenômeno ficou conhecido como coerência psicofisiológica.

Quando essa coerência se estabelece, não

é apenas o coração que responde. O cérebro também passa a operar de maneira mais eficiente. A atenção torna-se mais estável, a tomada de decisões ganha clareza e o organismo reduz parte dos sinais associados à ameaça e ao estresse crônico.

Em certo sentido, poderíamos dizer que a coerência não é apenas uma experiência subjetiva. Ela também pode ser observada biologicamente. O corpo passa a funcionar de maneira mais integrada. Os ritmos tornam-se mais organizados. O sistema nervoso encontra maior flexibilidade para responder aos desafios do ambiente sem permanecer aprisionado em estados permanentes de defesa.

Talvez a coerência entre mente e emoção seja, ao mesmo tempo, uma experiência psicológica, fisiológica e existencial. Uma harmonia silenciosa que começa dentro do organismo e se reflete na forma como percebemos a vida.

A COERÊNCIA COMO EXPERIÊNCIA VIVIDA

Quando falamos em coerência emocional, é comum imaginar um estado idealizado de equilíbrio permanente. No entanto, a experiência humana não funciona dessa maneira.

Ser coerente não significa sentir apenas emoções positivas. Significa permitir que pensamentos, emoções e comportamentos dialoguem entre si.

Uma pessoa pode sentir tristeza e ainda assim permanecer coerente. Pode sentir medo e continuar coerente. Pode atravessar um momento de luto sem perder coerência.

A incoerência surge quando diferentes partes da experiência entram em conflito constante. Quando o corpo pede descanso e a mente exige produtividade. Quando a emoção pede acolhimento e o pensamento responde com julgamento.

Quando o indivíduo tenta demonstrar uma imagem externa que não corresponde ao que realmente vive internamente.

Essa distância produz desgaste.

E o desgaste consome energia.

Carl Gustav Jung observava que grande parte do sofrimento psicológico surge quando aspectos importantes da personalidade permanecem excluídos da consciência. Aquilo que não é reconhecido continua atuando nas sombras, influenciando comportamentos e emoções.

Sob uma perspectiva contemporânea, poderíamos dizer que coerência não é eliminar contradições humanas, mas desenvolver capacidade de escutá-las.

Escutar o corpo. Escutar as emoções. Escutar os próprios pensamentos. Escutar aquilo que tenta emergir.

A ARTE DE AFINAR A PRÓPRIA EXISTÊNCIA

No final das contas, a coerência entre mente e emoção talvez não seja um destino, mas uma prática.

Algo que se constrói diariamente.

Assim como um instrumento musical precisa ser afinado antes de uma apresentação, a experiência humana também exige ajustes constantes. Há dias em que nos sentimos alinhados. Há dias em que parecemos dispersos entre pensamentos, emoções e responsabilidades.

Faz parte da condição humana.

O importante não é evitar completamente a desarmonia. O importante é desenvolver sensibilidade para percebê-la.

Porque toda transformação começa pela escuta.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

“

Afinar a existência é aceitar que a harmonia não é ausência de ruído, mas a coragem de escutar a desordem e, com paciência, ajustar corda por corda até que mente, emoção e ação toquem a mesma música.

”

A música nos ensina isso de maneira silenciosa. Uma nota isolada possui beleza. Mas é a relação entre as notas que cria a harmonia. Da mesma forma, não somos definidos por pensamentos isolados ou emoções passageiras. Somos definidos pela maneira como integramos essas experiências em uma narrativa coerente.

Talvez a verdadeira evolução humana não consista em controlar a mente, dominar emoções ou eliminar fragilidades. Talvez consista em algo

muito mais simples e, ao mesmo tempo, muito mais profundo: aprender a criar harmonia entre aquilo que pensamos, aquilo que sentimos e aquilo que escolhemos expressar no mundo.

E quando essa harmonia começa a surgir, mesmo que de forma sutil, a vida deixa de parecer uma sucessão de ruídos desconexos. Ela passa a revelar uma espécie de música interior que sempre esteve presente, aguardando apenas que aprendêssemos a escutá-la.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

A EXPERIÊNCIA NEUROMUSIC

Foi justamente a partir dessa compreensão sobre coerência emocional, neuroplasticidade e regulação do sistema nervoso que nasceu o protocolo NeuroMusic®, metodologia que venho desenvolvendo ao longo dos últimos anos integrando neurociência, música, psicanálise, hipnose e consciência.

Ao longo da minha trajetória clínica, observei algo que se repetia com frequência: muitas pessoas compreendiam racionalmente suas dores, seus traumas e seus padrões emocionais, mas continuavam incapazes de transformá-los de forma duradoura. Elas sabiam o que estava acontecendo. Sabiam por que sofriam. Sabiam o que precisavam fazer. Ainda assim, permaneciam presas aos mesmos ciclos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Foi então que comecei a perceber que, em muitos casos, o desafio não estava na falta de compreensão intelectual. O desafio estava na incapacidade do sistema nervoso de acessar estados internos diferentes daqueles aos quais havia se habituado.

Ao longo dos anos, testemunhei algo que se repetia de maneira quase impressionante. Pessoas chegavam ao consultório carregando histórias completamente diferentes, mas compartilhando um mesmo padrão: compreendiam racionalmente aquilo

que viviam, porém continuavam emocionalmente aprisionadas às experiências do passado.

Muitas vezes, bastavam alguns minutos de exposição a sequências musicais cuidadosamente selecionadas para que emoções esquecidas comessem a emergir. Lembranças voltavam à superfície. Sonhos tornavam-se mais vívidos. Símbolos passavam a aparecer com frequência. Não raramente, pacientes descreviam a sensação de que algo dentro deles estava finalmente encontrando espaço para ser ouvido.



A experiência clínica me ensinou que a transformação emocional raramente acontece pela força. Ela acontece pela segurança. Quando o sistema nervoso encontra um ambiente favorável para relaxar seus mecanismos de defesa, conteúdos emocionais que permaneceram ocultos durante anos começam a se reorganizar naturalmente.

Foi observando esse fenômeno repetidas vezes que compreendi que a música não era apenas um recurso complementar

dentro do processo terapêutico. Ela era uma linguagem capaz de acessar regiões da experiência humana que frequentemente permaneciam inacessíveis à lógica. Uma linguagem capaz de criar pontes entre emoção, memória, consciência e significado.

Talvez seja justamente por isso que tantas pessoas descrevem as sessões de NeuroMusic não apenas como uma experiência de relaxamento, mas como uma experiência de reencontro consigo mesmas.

Uma pessoa que viveu anos em ansiedade aprende a funcionar em estado de alerta. Alguém que passou por experiências traumáticas pode permanecer biologicamente preparado para o perigo mesmo quando ele já não existe. Indivíduos que enfrentam longos períodos de tristeza ou depressão frequentemente desenvolvem padrões emocionais tão recorrentes que passam a interpretá-los como parte da própria identidade.

Nesses casos, a mudança não acontece apenas através da informação. Ela exige experiência.

É exatamente nesse ponto que a música se torna uma ferramenta extraordinária.

Ao combinar sequências musicais cuidadosamente estruturadas com técnicas de atenção, imaginação guiada, autorregulação emocional e processamento simbólico, torna-se possível conduzir o cérebro e o sistema nervoso para estados internos diferentes daqueles que sustentam o sofrimento cotidiano.

O que observo em consultório é que, quando a mente reduz o ruído constante e o organismo encontra um estado maior de segurança, as emo-



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

ções começam a emergir de forma mais organizada. Memórias podem ser revisitadas sem a mesma carga emocional. Conflitos internos tornam-se mais claros. Sonhos tornam-se mais simbólicos e reveladores. Muitas pessoas relatam uma sensação difícil de descrever, como se algo dentro delas finalmente encontrasse espaço para respirar.

Não se trata de apagar experiências dolorosas. Trata-se de reorganizar a forma como essas experiências são armazenadas e percebidas.

Ao longo dos anos, acompanhei pessoas que chegaram ao consultório

enfrentando ansiedade intensa, crises de pânico, traumas emocionais, luto prolongado, sintomas depressivos e estados profundos de desconexão consigo mesmas. Em inúmeros casos, a mudança não ocorreu porque aprenderam algo novo sobre si mesmas, mas porque conseguiram sentir a si mesmas de uma maneira diferente.

Essa talvez seja uma das grandes lições da neurociência aplicada ao comportamento humano: não transformamos a vida apenas pelo que entendemos. Transformamos a vida pelos estados internos que aprendemos a sustentar.

Essa mesma percepção deu origem às imersões NeuroMusic realizadas mensalmente em grupos online. Todos os meses, pessoas de diferentes cidades e histórias se encontram em uma experiência coletiva conduzida ao vivo. Embora cada encontro tenha um tema específico, existe um elemento comum a todos eles: a construção progressiva de um estado de coerência emocional.

É sempre fascinante observar o que acontece durante essas experiências. No início, muitas pessoas chegam aceleradas, preocupadas, mentalmente dispersas ou emocionalmente sobrecarregadas pelas demandas do cotidiano. Conforme a música, as práticas guiadas e os exercícios de consciência se desenvolvem, algo começa a mudar. A respiração desacelera. O corpo relaxa. A atenção se estabiliza. As emoções tornam-se mais acessíveis.

Ao final, o ambiente parece completamente diferente daquele que existia no início do encontro.

Os relatos frequentemente descrevem sensação de leveza, clareza mental, paz interior, ampliação da percepção e reconexão consigo mesmos. Muitos participantes afirmam que conseguem tomar decisões com mais lucidez após as imersões. Outros relatam melhora do sono, redução da ansiedade ou simplesmente uma sensação de ali-



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

nhamento que não experimentavam há muito tempo.

Como neurocientista, psicanalista e pesquisadora da relação entre música, cérebro e consciência, continuo profundamente fascinada por esse processo. Porque, independentemente das diferenças individuais, existe algo que se repete de maneira surpreendente: quando a mente encontra menos ruído e o sistema nervoso encontra mais segurança, o ser humano naturalmente caminha em direção à integração.

A MÚSICA QUE NOS REORGANIZA

Talvez uma das maiores descobertas da neurociência moderna não seja apenas que o cérebro muda ao longo da vida. Talvez seja compreender que essa mudança acontece, em grande parte, através das experiências que repetimos e dos estados emocionais que aprendemos a sustentar.

Cada pensamento recorrente deixa marcas.

Cada emoção repetida fortalece caminhos neurais.

Cada experiência significativa reorganiza, ainda que discretamente, a arquitetura da mente.

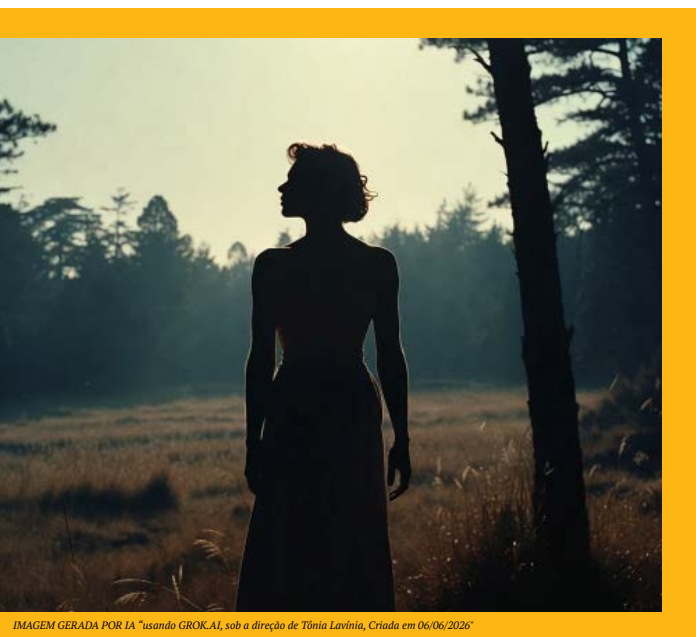


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Nesse contexto, a música ocupa um lugar singular. Ela atravessa a razão sem precisar combatê-la. Dialoga com a emoção sem precisar explicá-la. Cria pontes entre memória, significado e consciência de uma forma que poucas experiências humanas conseguem realizar.

Talvez seja por isso que uma canção seja capaz de nos transformar mesmo quando não encontramos palavras para descrever o que aconteceu.

Ao longo da minha trajetória como pesquisadora da relação entre música, cérebro e consciência, tenho observado repetidamente que a transformação humana acontece quando o indivíduo encontra condições para experimentar novos estados internos. Quando o ruído diminui, a percepção se amplia. Quando o sistema nervoso encontra segurança, a mente torna-se mais flexível. Quando emoção e consciência começam a dialogar, surgem possibilidades que antes pareciam inacessíveis.

No fundo, a coerência entre mente e emoção não parece ser um estado de perfeição. Parece ser um processo contínuo de afinação.

Assim como um instrumento precisa ser ajustado antes de produzir sua melhor música, nós também precisamos aprender a ajustar pensamentos, emoções e com-

portamentos para que possam tocar a mesma melodia.

E quando isso acontece, algo extraordinário emerge.

Não porque a realidade externa muda instantaneamente.

Mas porque passamos a habitá-la de uma forma diferente.

Mais presentes.

Mais conscientes.

Mais inteiros.

Talvez a coerência não seja um lugar ao qual chegamos.

Talvez seja uma música que aprendemos a ouvir.

E quando mente, emoção e consciência finalmente entram em sintonia, descobrimos que a transformação não acontece contra nós.

Ela acontece através de nós.

COLUNISTA DRIKA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

YOUTUBE

SITE

SITE

POST NO SITE





Theodor Mommsen: O Historiador que Ressuscitou Roma

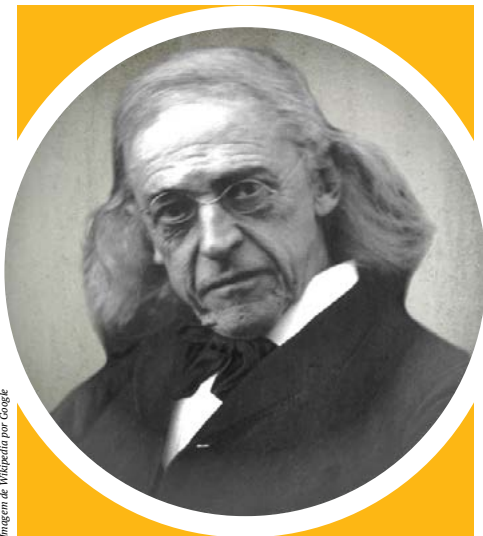


Imagem de Wikipédia por Google

Theodor Mommsen nasceu em 1817, em Garding, pequena cidade na região de Schleswig-Holstein, no norte da Alemanha. Cresceu em uma família protestante de classe média, onde a educação era valorizada e a disciplina era regra. Seu pai era pastor, figura que influenciou profundamente a ética e a seriedade com que Mommsen abordaria seu trabalho.

Desde jovem, Mommsen mostrou capacidade intelectual excepcional. Estudou direito e filologia clássica, combinando duas paixões que marcariam toda sua vida: o rigor jurídico e o fascínio pela antiguidade. Essa dupla formação foi decisiva. Enquanto muitos historiadores viam Roma como um conjunto de histórias e anedotas, Mommsen a via como um sistema legal, político e social de complexidade extraordinária.

Viajou pela Itália, estudou inscrições romanas, examinou moedas antigas, consultou documentos originais. Não era um historiador de gabinete. Era um investigador obsessivo, alguém que queria tocar as pedras de Roma, sentir o chão onde os imperadores caminharam.

Quando a Academia Sueca anunciou o segundo Prêmio Nobel de Literatura em 1902,

surpreendeu muitos ao escolher não um poeta ou um romancista, mas um historiador. Theodor Mommsen, aos 84 anos, já era uma lenda viva na Europa. Sua obra monumental sobre a história de Roma havia transformado a forma como o mundo ocidental compreende a antiguidade clássica. Mas Mommsen era mais do que um acadêmico recluso em bibliotecas. Era um escritor de poder extraordinário, um homem que havia dedicado sua vida a ressuscitar civilizações mortas através da palavra.

A escolha de Mommsen revelava algo importante sobre o Prêmio Nobel de Literatura. Não era apenas para ficção ou poesia. Era para qualquer obra de excelência literária que contribuísse para o conhecimento e a elevação do espírito humano. Mommsen provou que a história, quando escrita com genialidade, é tão literária quanto qualquer romance.

A Obra que Definiu uma Geração

Em 1854, Mommsen publicou o primeiro volume de sua obra magna: A História de Roma. Era um projeto ambicioso como nenhum outro. Não era apenas uma narrativa dos acontecimentos. Era uma reconstrução total da civilização romana, desde seus primórdios até a queda do Império Ocidental.

Mommsen escrevia com a precisão de um jurista e a eloquência de um poeta.

O que distinguia A História de Roma de outras obras similares era a forma como Mommsen conseguia fazer o leitor sentir a vida romana. Não descrevia apenas ba-

talhas e imperadores. Descrevia a estrutura da sociedade, o funcionamento da lei, a vida cotidiana, as contradições e as grandezas do povo romano. Seus personagens não eram estátuas de mármore, mas seres vivos, complexos, cheios de ambição, medo e esperança.

Mommsen tinha uma teoria sobre como escrever história. Para ele, o historiador deveria ser capaz de se colocar dentro da mente daqueles que viveram no passado. Deveria compreender suas motivações, seus dilemas, suas escolhas. Isso exigia não apenas conhecimento factual, mas imaginação, sensibilidade e profundidade psicológica.

Sua obra cresceu. Volumes se seguiram. Mommsen trabalhou durante décadas, refinando, expandindo, aprofundando sua compreensão de Roma. A História de Roma se tornou a obra de referência obrigatória para qualquer pessoa que desejasse entender a antiguidade clássica.



Imagem de Wikipedia por Google

O Historiador como Escritor

O que tornava Mommsen tão especial era sua capacidade de escrever história como se fosse literatura. Seus parágrafos tinham ritmo, suas descrições tinham cores, suas análises tinham profundidade emocional. Ele não separava o conhecimento da beleza. Para Mommsen, uma verdade histórica bem expressa era também uma obra de arte.

Sua prosa tinha características marcantes:

Clareza absoluta, mesmo ao tratar de temas complexos. Capacidade de síntese que não sacrificava a profundidade. Uso de exemplos concretos que iluminavam conceitos abstratos. Uma voz narrativa que era ao mesmo tempo erudita e acessível. Paixão intelectual que transmitia ao leitor o entusiasmo pela matéria.

Mommsen escrevia sobre Roma como alguém que amava Roma. Mas era um amor crítico, inteligente. Não idealizava a antiguidade. Reconhecia suas contradições, seus crimes, suas injustiças. Mas também celebrava suas realizações, sua criatividade, sua capacidade de organização.

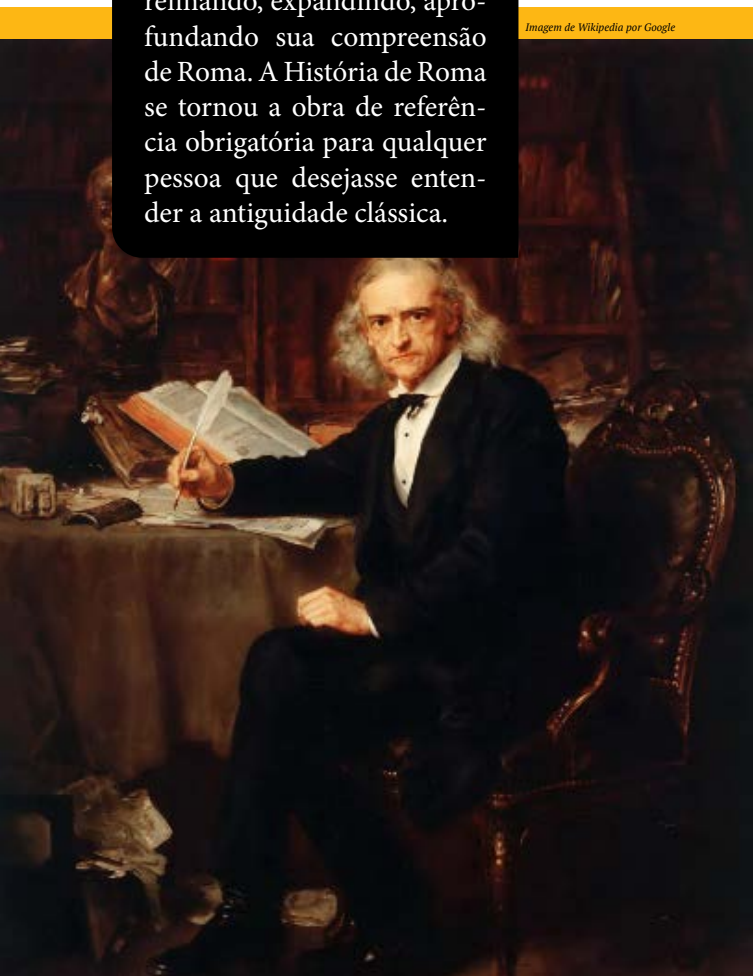


Imagem de Wikipedia por Google

Além da História: O Intelectual Engajado

Mommsen não era apenas um historiador. Era um intelectual engajado nas questões de seu tempo. Participava de debates políticos, defendia causas que acreditava, usava sua influência para promover mudanças sociais. Na Alemanha do século dezenove, isso o colocava frequentemente em posições controversas.

Era liberal em uma época em que o liberalismo era questionado. Defendia a unificação alemã, mas com preocupações sobre como essa unificação se realizaria.

Apoiava a educação pública e a reforma social. Sua voz era ouvida não apenas nos círculos acadêmicos, mas também na política e na sociedade.

Essa dimensão política de Mommsen era inseparável de sua obra histórica. Quando escrevia sobre Roma, não estava apenas descrevendo o passado. Estava oferecendo lições para o presente. A história, para Mommsen, tinha propósito: iluminar as questões contemporâneas, oferecer perspectiva, ensinar através do exemplo.

O Reconhecimento Tardio

Quando Mommsen recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1902, já era uma figura lendária. Tinha 84 anos. Havia dedicado mais de meio século ao estudo de Roma. Havia publicado centenas de artigos, dezenas de livros. Havia formado gerações de historiadores. Sua influência era imensa.

Mas o Nobel representava algo especial: o reconhecimento de que história, quando escrita com excelência, é literatura. Que o conhe-

cimento, quando transmitido com beleza, é arte. Que um historiador pode ser tão importante para a cultura humana quanto um poeta ou um romancista.

A Academia Sueca, ao escolher Mommsen, afirmava que o Prêmio Nobel não era apenas para ficção. Era para qualquer obra que elevasse o conhecimento e a compreensão humana. Mommsen havia feito isso de forma magistral.

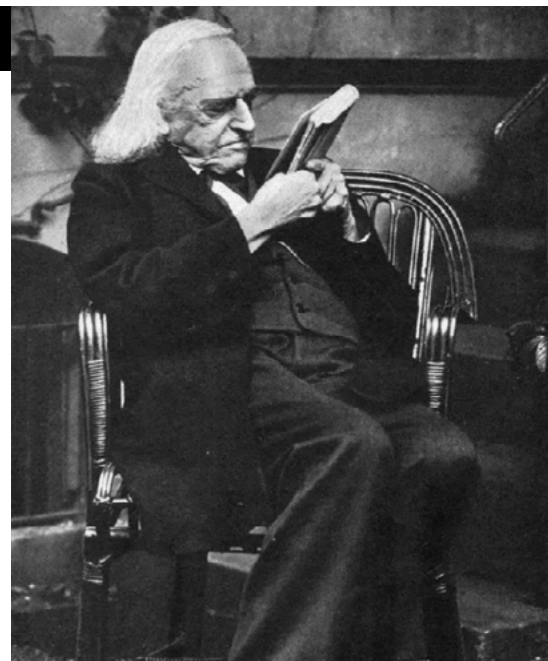


Imagem de Wikipedia por Google



Imagem de Wikipedia por Google

O Legado de Uma Vida Dedicada

Theodor Mommsen faleceu em 1903, apenas um ano após receber o Nobel. Mas seu legado permanece vivo até hoje. A História de Roma continua sendo lida, estudada, admirada. Gerações de historiadores aprenderam com ele. Seu método de pesquisa, sua abordagem, sua forma de escrever influenciaram a disciplina histórica de forma profunda e duradoura.

Mommsen provou que a história é mais do que um conjunto de fatos. É uma narrativa, uma interpretação, uma forma de compreender a condição humana. O historiador não é apenas um

coletor de informações. É um artista que molda esses fatos em uma forma que faz sentido, que educa, que inspira.

Sua obra sobre Roma permanece como testemunho de uma vida dedicada à excelência. Cada página de A História de Roma é resultado de pesquisa metódica, reflexão profunda e expressão literária cuidadosa. Mommsen não apenas escreveu sobre Roma. Ressuscitou Roma. Fez com que leitores de séculos posteriores pudessem caminhar pelas ruas de Roma, compreender suas leis, sentir suas contradições, admirar suas realizações.

O Historiador e Seu Tempo

Vivendo na Alemanha do século dezenove, Mommsen foi testemunha de transformações enormes. Viu a unificação alemã, a ascensão da Prússia, as mudanças sociais e políticas que marcaram a Europa. Mas sua obra histórica permanecia centrada em Roma, como se buscasse, através da antiguidade, compreender as questões de seu próprio tempo.

Havia uma lição implícita em sua História de Roma: impérios nascem, crescem, se transformam e caem. Nada é permanente. Tudo está sujeito

a mudança. Essa compreensão histórica era tanto uma advertência quanto uma inspiração. Uma advertência sobre a fragilidade das estruturas humanas. Uma inspiração para criar estruturas mais justas, mais sábias, mais duradouras.

Mommsen acreditava que o estudo da história tinha valor prático. Não era apenas contemplação do passado. Era preparação para o futuro. Era forma de adquirir sabedoria através da experiência de outros povos, outras épocas.

O Historiador Como Guardião da Memória

Theodor Mommsen representa uma tradição de excelência intelectual que transcende disciplinas. Ele foi historiador, mas também era filólogo, jurista, pensador político, escritor. Sua obra demonstra que o conhecimento não é fragmentado, mas integrado. Que a história, quando escrita com profundidade, toca todas essas dimensões.

Receber o Prêmio Nobel de Literatura foi o reconhecimento de que sua vida havia sido bem vivida, seu trabalho bem realizado. Mas para Mommsen, provavelmente, a verdadeira recompensa era saber que gerações futuras leriam sua História de Roma, aprenderiam com ela, se inspirariam nela.

Mommsen provou que um historiador pode ser um grande escritor. Que a verdade, quando expressa com beleza e profundidade, é tão poderosa quanto qualquer ficção. Que dedicar uma vida ao conhecimento, à pesquisa, à compreensão é um ato de amor pela humanidade.

Seu legado permanece como inspiração para todos aqueles que acreditam que a excelência intelectual e a beleza literária podem caminhar juntas.



Imagem de Getty Images

J.B WOLF

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



COLUNA

Vida de Autor

26



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes”(Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.

Conto longo, noveleta estendida ou algo a mais?

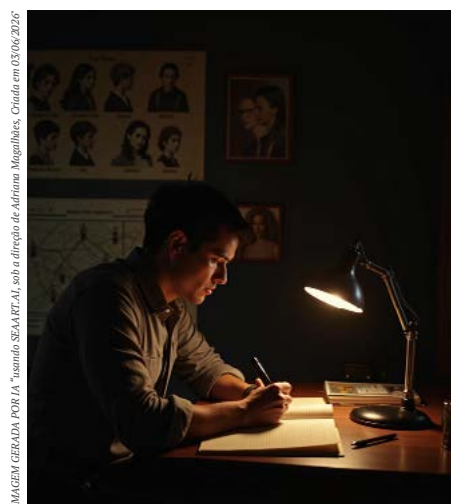


IMAGEM GERADA POR IA, usando SEAIPTAI, sob a direção de Adriana Magalhães. Criada em 03/06/2026

Longo, com muitos personagens e tramas que se desenrolam por capítulos e prendem a atenção do leitor a cada nova página. É exatamente dele que estamos falando. O Romance.

Venham comigo desvendar as características dos romances e como eles são extremamente importantes para alavancar a sua criatividade como escritor e também a sua carreira é claro!

Muitos autores acreditam que o romance é apenas um conto mais longo. Na verdade, ele é uma habilidade diferente.

O conto é como uma fotografia.

A noveleta é como um curta-metragem.

Já o romance, esse é especial.

Ele é como uma série completa: exige planejamento, continuidade, evolução dos personagens e administração de vários acontecimentos ao longo da narrativa. Por isso, mesmo que o primeiro romance não seja publicado imediatamente, escrevê-lo costuma representar um enorme salto de maturidade literária para o autor.

Para quem já passou pelo desafio de escrever microcontos, contos e noveletas o próximo passo interessante seria compreender a anatomia interna de um romance: capítulos, cenas, subtramas, arco dos personagens e planejamento do enredo.

Esse conhecimento costuma transformar a ideia de "quero escrever um romance" em um projeto concreto e executável. Quem segue essa escala está construindo uma base. Isso costuma fazer bastante diferença no longo prazo.

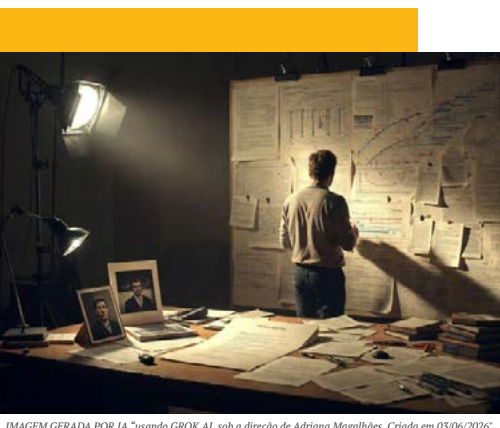


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Muitos autores iniciantes começam um romance de 300 páginas sem nunca terem escrito um conto. Depois de alguns capítulos, acabam abandonando o projeto porque ainda não dominam elementos fundamentais da narrativa.

Já quem passa por contos, microcontos e noveletas vai adquirindo ferramentas gradualmente e preenchendo as lacunas da sua caixa de criatividade para escrever histórias inesquecíveis.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Mas afinal, o que é o romance?

O romance é uma narrativa ficcional longa, geralmente com mais de 40 mil palavras, embora não exista uma regra absoluta. Seu principal diferencial é o desenvolvimento aprofundado de personagens, conflitos, ambientes e tramas.

Enquanto um conto costuma retratar um único acontecimento significativo e uma noveleta trabalha uma situação mais extensa, o romance cria um universo narrativo mais completo.

Vamos pensar em uma comparação simples:

Uma analogia que gosto de fazer é esta:

- O microconto ensina síntese.
- O conto ensina foco.
- A noveleta ensina desenvolvimento.
- O romance ensina sustentação.

GÊNERO	EXTENSÃO	FOCO
Microconto	Pouquíssimas palavras	Impacto imediato
Conto	Curto	Um acontecimento central
Noveleta	Média extensão	Um conflito principal desenvolvido
Romance	Longo	Múltiplos conflitos, personagens e transformações

Para que serve um romance no campo literário?

O romance é uma das formas mais versáteis da literatura.

Ele permite que o autor explore a psicologia dos personagens, retratar períodos históricos, discutir questões sociais, construir mundos fictícios complexos, apresentar múltiplos pontos de vista e acompanhar jornadas de transformação ao longo do tempo. Por isso, muitos dos livros mais influentes da história per-

tencem ao gênero romance

Alguns exemplos famosos:

- Dom Casmurro
- Grande Sertão: Veredas
- Orgulho e Preconceito
- Os Miseráveis
- Cem Anos de Solidão

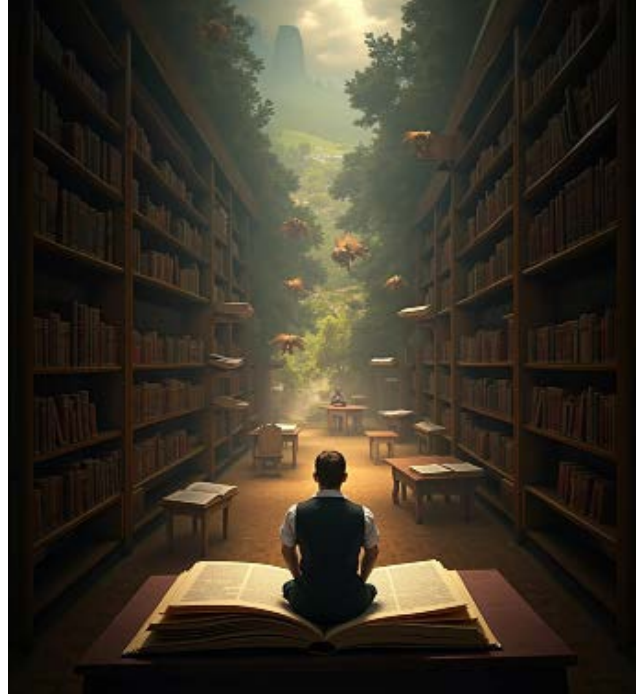


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Quais as vantagens editoriais de escrever um romance?

Do ponto de vista editorial, o romance possui algumas vantagens importantes que vou listar abaixo:

1. Maior presença comercial

A maior parte do mercado editorial trabalha fortemente com romances. Livrarias, clubes de leitura e feiras literárias costumam dar bastante espaço para esse formato.

2. Fidelização de leitores

Quando um leitor se conecta profundamente com personagens, tende a acompanhar outros livros do

mesmo autor.

3. Possibilidade de séries

Um romance bem estruturado pode originar as famosas trilogias, sagas, dar origem a universos compartilhados e se estender um pouco mais nas características de personagens com spin-offs.

4. Maior permanência no mercado

Muitos romances continuam sendo vendidos por décadas.

5. Mais oportunidades de adaptação

Cinema, televisão, streaming e quadrinhos frequentemente buscam romances para adaptação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Mas por que escrever romances ajuda novos autores?

Escrever romances funciona como uma pós-graduação da narrativa. Durante a escrita, o autor aprende a sustentar uma história longa com o desenvolvimento de personagens complexos. Trabalhar múltiplos conflitos planejando cada enredo, criar ritmo narrativo e resolver os problemas estruturais. É muito comum escritores começarem por contos e noveletas para depois migrar para romances. Na prática, o conto ensina precisão. A noveleta ensina desenvolvimento. O romance ensina arquitetura narrativa.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



Dicas do que estudar para começar a escrever romances?

Sugiro cinco áreas fundamentais:

1. Estrutura narrativa - Estude:

- Três atos, jornada do herói, estrutura em cenas, arcos narrativos e pontos de virada.

2. Construção de personagens - Aprenda:

- Motivação, objetivos, medos, contradições e

formação. Personagens são o coração de um romance.

3. Conflito - Sem conflito não existe narrativa. - Estude:

- Conflito interno, externo, social e moral.

4. Cenários e ambientação - O ambiente precisa parecer vivo. - Observe:

- Cultura, clima, história local, linguagem e costumes.

5. Diálogos - Bons diálogos:

- Revelam personalidade, movem a história e evitam explicações excessivas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Livros que eu recomendaria para esse momento:

Primeira etapa: entender a narrativa:

A Jornada do Escritor - É um dos livros mais acessíveis para compreender a estrutura narrativa, transformação de personagens e construção de histórias.

Para Ler Como um Escritor - Excelente para aprender observando como outros autores escrevem.

Enquanto Escrevo - Metade

autobiografia, metade oficina de escrita. Muito inspirador para quem está começando.

Segunda etapa: aprofundar a técnica:

Story - Mais denso, mas excelente para compreender conflitos e estrutura.

Anatomia da História - Um dos melhores livros sobre construção de personagens e enredo.

Uma dica importante sobre autores brasileiros e o caminho a seguir

Muitos escritores brasileiros começaram publicando contos em jornais, revistas ou antologias antes de escrever romances.

Por exemplo:

- Machado de Assis escreveu inúmeros contos antes de seus grandes romances.
- Clarice Lispector transitou entre contos, crônicas e romances.
- Lygia Fagundes Telles construiu uma carreira sólida nos contos antes de consolidar sua obra romanesca.

Existe uma vantagem adicional: ao estudar contos e noveletas, você está treinando exatamente aquilo que costuma ser mais difícil em um romance — criar cenas significativas, personagens interessantes e conflitos convincentes. O romance apenas amplia essas habilidades.

Infelizmente, não temos no Brasil uma quantidade tão grande de manuais de escrita criativa focados exclusivamente em romance quanto existe pelo mundo afora. Ainda assim, há obras muito valiosas que posso citar para vocês conhecerem e aprofundarem seus estudos.

Livros de autores brasileiros sobre escrita e construção narrativa:

Livro: Escrever Ficção - Talvez seja o primeiro que eu recomendaria. Assis Brasil é romancista, professor de escrita criativa e fundador da famosa Oficina de Criação Literária da PUCRS. O livro aborda: A construção de personagens, conflito, narrador, diálogos, estrutura narrativa e processo criativo. A linguagem é clara e bastante prática.

Livro: Escrever Narrativa - Complementa o anterior por explorar: contos, novelas, romances, técnicas narrativas e desenvolvimento de cenas. Este livro é muito utilizado em oficinas literárias.

Livro: A Arte de Construir Personagens e Fazer Pessoas - Embora seja voltado principalmente para personagens, ajuda muito quem pretende escrever ro-



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

mances, por trabalhar aspectos como a psicologia dos personagens, suas motivações/contradições e o desenvolvimento emocional.

Posso citar também alguns livros de escritores brasileiros que ensinam pelo exemplo. Às vezes aprendemos mais analisando grandes romancistas do que lendo manuais, para isso posso citar:

Vidas Secas - Observe:

- Economia de linguagem
- Construção de atmosfera
- Personagens fortes

Capitães da Areia - Observe:

- Elenco numeroso
- Narrativa fluida
- Construção de grupos de personagens

A Hora da Estrela - Observe:

- Narrador
- Interioridade
- Reflexão existencial

O Quinze - Observe:

- Estrutura simples e eficiente
- Desenvolvimento de conflitos humanos

Ciranda de Pedra - Observe:

- Evolução psicológica dos personagens
- Relações familiares
- Arco de transformação

Para fechar essa matéria deixo a seguinte frase:

"A criatividade e os estudos, não são opostos; eles devem trabalhar sempre juntos."

A criatividade gera ideias. O estudo fornece as ferramentas para transformar essas ideias em literatura. Por isso sempre que questionada de como seguir o melhor caminho eu sempre indico construir repertório e musculatura narrativa.

Ao construir repertório e a mus-

culatura narrativa você perceberá em pouco tempo algumas consequências interessantes. Pois quando você começar seu primeiro romance, não estará começando do zero. Estará levando para ele tudo o que aprendeu nos microcontos, contos, noveletas e novelas.

Muitos romancistas excelentes começaram justamente pelos textos curtos, então aproveite e siga o caminho de autores consagrados que construíram suas bases sólidas antes de conquistar milhares de leitores.

Espero que todas essas dicas tenham motivado vocês a escreverem seu primeiro romance e se aventurarem em histórias mais longas, colocando sua caixinha da criatividade para se exercitar e criar uma maravilhosa musculatura narrativa.

Nos encontraremos na próxima edição para nos aprofundarmos na estrutura dos romances e na criação de personagens que vão fazer seus leitores te seguirem pelo resto da vida.

Aguardo vocês!

LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

LILIAN STOCCO



OLUNAS E CULONISTAS

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE





30



Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

Do Telégrafo ao Tweet – ultrapassando as barreiras da comunicação

"O meio é a mensagem."

Marshall McLuhan



Imagem - Telex, por Wikipedia

Ao iniciar este artigo, vem-me à mente o fascínio que senti, ainda adolescente, diante de um telex, lá na década de 90. Aquela forma diferenciada de diálogo reduzido me encantava. Naquele momento, eu era estagiária em um banco e ficava responsável, ao final do expediente, por transmitir a movimentação do dia. Sem entender muito bem como acontecia aquela transmissão de dados, eu cumpria a missão direitinho.

Diante daquela máquina, eu me sentia conectada e detentora da tecnologia, e até ensinava

os mais velhos a como se tornar conectados. Ali, conversávamos com frases resumidas e, para obter sons, tínhamos que fazer uma ligação telefônica. Era o início de uma evolução que faz revolução diariamente. E não há como não citar a busca do homem, desde sempre, por meios de superar as distâncias e estabelecer interações entre diversos grupos ao longo de sua história, o que resultou na criação de diferentes formas de comunicação, capazes de levar mensagens cada vez mais longe, seja por meio de sinais sonoros, visuais ou escritos.

Essa é uma jornada fascinante que mostra como a pressa e o custo sempre ditaram a maneira como nos comunicamos. A história da “compressão da palavra”, da transformação da linguagem escrita em um formato mais rápido, abreviado e visual, é, na verdade, a história da tecnologia moldando nossa linguagem para torná-la mais ágil, barata, acessível e direta.

Diante da necessidade de obter informações na velocidade dos acontecimentos, a comunicação entre comunidades, por meio de cartas, deixou de ser suficientemente satisfatória. Os meios e as formas de

comunicação já precisavam se adaptar às mudanças, com um sistema mais veloz, mais eficaz e praticamente instantâneo.

Surgiu, então, o telégrafo, com a intenção de tornar mais rápida a troca de informações entre locais distantes dos grandes centros, onde tudo acontecia. No entanto, o que seus inventores não imaginavam era que sua descoberta aceleraria ainda mais o ritmo com que as informações seriam transmitidas às diversas comunidades, em diferentes lugares, mudando de forma definitiva toda a história da comunicação entre os homens.



Imagem de Tegawi por Pixabay



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

É interessante observar que a história da invenção do telégrafo ocorreu em diferentes momentos, em locais distintos e com personagens diversos. Dois deles, porém, obtiveram maior êxito do que os demais. O primeiro foi o francês Claude Chappe, inventor do primeiro telégrafo não elétrico, criado em 1791. Forçado a viver longe dos grandes centros, o inventor viu-se totalmente carente de informações sobre o que acontecia na capital e decidiu procurar uma maneira de obtê-las com maior rapidez do que as cartas

poderiam oferecer.

Foi então que Chappe criou um método em que as informações eram inseridas em placas instaladas em diversos postes, que podiam ser vistas à distância. O operador mais próximo, então, propagava a informação conforme a placa anterior indicava. Ávido por informações, Chappe conseguiu instalar sua primeira linha de telégrafos em 1793, entre as cidades de Ménilmontant e Saint-Martin-du-Tertre, dois municípios separados por mais de 26 km de distância.



Novamente, percebe-se que a necessidade de ultrapassar as barreiras da comunicação levou o homem a descobrir novas formas de interação entre as sociedades. Infelizmente, a invenção de Chappe era extremamente frágil e não resistia ao tempo. Mais uma vez, o homem viu-se obrigado a procurar meios de se comunicar de forma mais eficiente e igualmente rápida.

Diversos anos e inventores depois, a telegrafia elétrica, como a conhecemos, começou a surgir. Após anos de estudos e pesquisas, Samuel Finley Breese Morse finalmente criou seu primeiro protótipo de telégrafo em 1837. Morse levou mais seis anos para desenvolver um código de sinais realmente funcional — o Código Morse — e obter recursos financeiros para que a primeira linha telegráfica fosse concluída. Somente em 1844 surgiu a primeira linha de telégrafos ligando Baltimore a Washington, D.C.

Após a invenção do telégrafo elétrico de Morse, surgiram diversas variações dessa tecnologia, cujo ob-

jetivo era atender ao crescente fluxo de informações que o homem ansiava conhecer.

A velocidade dos acontecimentos e o constante fluxo de informações continuavam a exigir meios mais rápidos de propagação. O telégrafo, apesar de ter sido uma grande descoberta em sua época, já não acompanhava a velocidade das informações. Era necessário algo mais instantâneo e eficaz.

Surgiram, então, diversas tecnologias derivadas, como a máquina Multiplex, que possibilitava o envio instantâneo de oito mensagens por um único fio; a máquina Variplex, que permitia que um único fio transportasse 72 transmissões ao mesmo tempo — 36 em cada sentido —; e, finalmente, o TELEX, que permitia aos assinantes discarem diretamente entre si. Toda a comunicação rápida a longa distância dependia do telégrafo.

Imagem de Hansdem por Pixabay

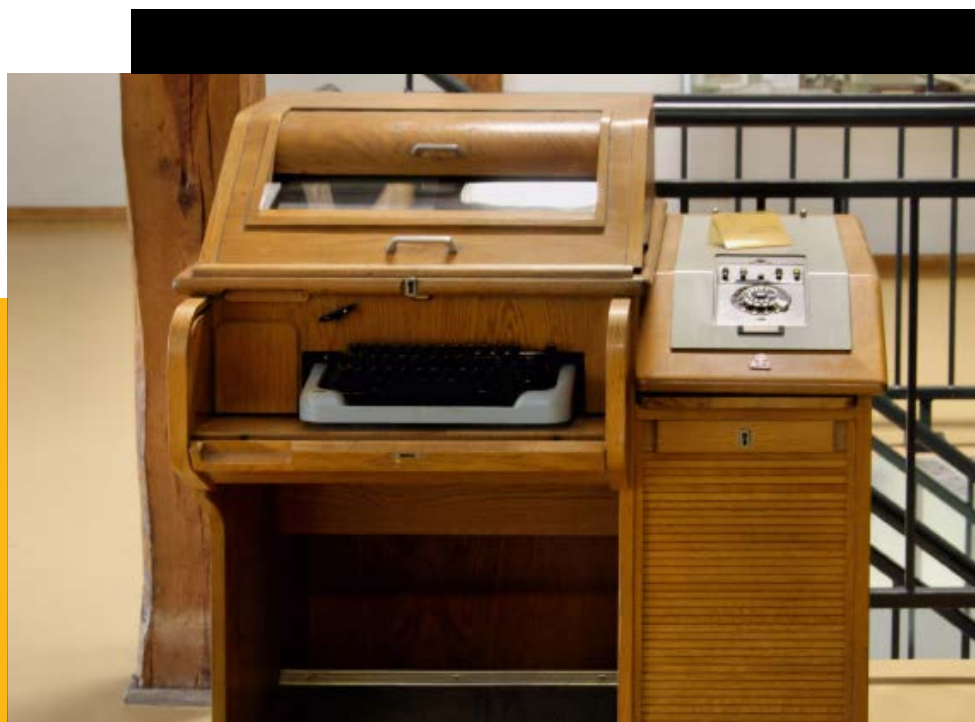




IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

No entanto, a verdade é que, durante cerca de 30 anos, o telégrafo tornou-se o maior meio de comunicação de todos os tempos e reinou absoluto até o surgimento de uma tecnologia rival que voltaria a transformar a comunicação: o telefone.

Apesar de bem-sucedido, o telégrafo limitava-se ao envio e recebimento de uma mensagem por vez. A grande descoberta de transmitir sons através de um fio marcou o nascimento do telefone e, consequentemente, o declínio do telégrafo. O potencial de falar eletronicamente superou qualquer tentativa de comunicação por meio de pontos e traços.

A primeira central telefônica foi instalada em 1878. A partir desse momento, toda a concepção de rapidez das informações foi totalmente reavaliada. As mensagens passaram a ser mais instantâneas e a atingir uma maior quantidade de pessoas. Os fatos mundiais acontecem em uma velocidade impressionante. O homem, sempre estimulado a buscar informações mais rapidamente foi aperfeiçoando a tecnologia que começou anos atrás com o telégrafo.

Os telefones celulares surgem para que as pessoas possam ser localizadas em qualquer parte do mundo, a qualquer momento. Através da tecnologia do telefone surgem também a internet, que a princípio se utiliza do cabeamento telefônico. Novamente as pessoas podem informar e serem informadas mais rapidamente do que nunca. O mundo das informações gira mais rápido e as necessidades em obtê-las são maiores ainda. As exigências aumentam. Isso também é sinal de status: estar conectado simultaneamente com os

fatos significa também sabedoria.

No entanto, a criatividade humana em derrubar barreiras que impossibilitam sua comunicação novamente surpreende. Atendendo a necessidade cada vez maior do homem em se comunicar e de se expressar, surge o miniblog O Twitter (hoje chamado X (formerly Twitter)), foi criado dentro da empresa Odeo, em São Francisco, nos Estados Unidos. A ideia inicial veio de um grupo de desenvolvedores, especialmente Jack Dorsey, que ima-

ginou um serviço em que as pessoas pudessem compartilhar mensagens curtas e em tempo real, quase como "atualizações de status".

No começo, o projeto era interno e experimental, chamado de twttr (sem vogais), inspirado no formato de mensagens curtas de SMS e na ideia de rapidez. A proposta era simples: permitir que alguém respondesse à pergunta "o que você está fazendo agora?" com textos muito curtos.

Em março de 2006, o primeiro protótipo foi desenvolvido, e em julho do mesmo ano a plataforma foi lançada ao público. Rapidamente, o serviço ganhou popularidade porque permitia uma comunicação instantânea, leve e acessível, diferente dos blogs e e-mails mais longos da época.

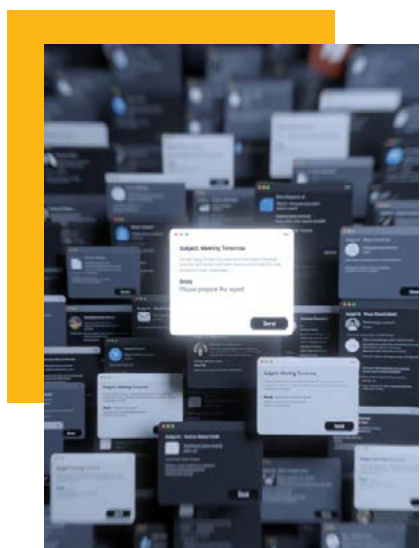


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Com o tempo, o Twitter cresceu muito além da ideia inicial, tornando-se uma das principais redes sociais do mundo, usada para notícias, debates e comunicação em tempo real. Em 2023, a plataforma passou por uma grande mudança de marca e passou a se chamar X, sob a liderança de Elon Musk.

A maior importância do X, na realidade, é a velocidade com que as informações são propagadas. O X deixa a mídia tradicional para trás no que diz respeito à velocidade com que a informação é transmitida. Muitos meios de comunicação tradicionais passaram a utilizar essa rede social para alimentar seus noticiários.

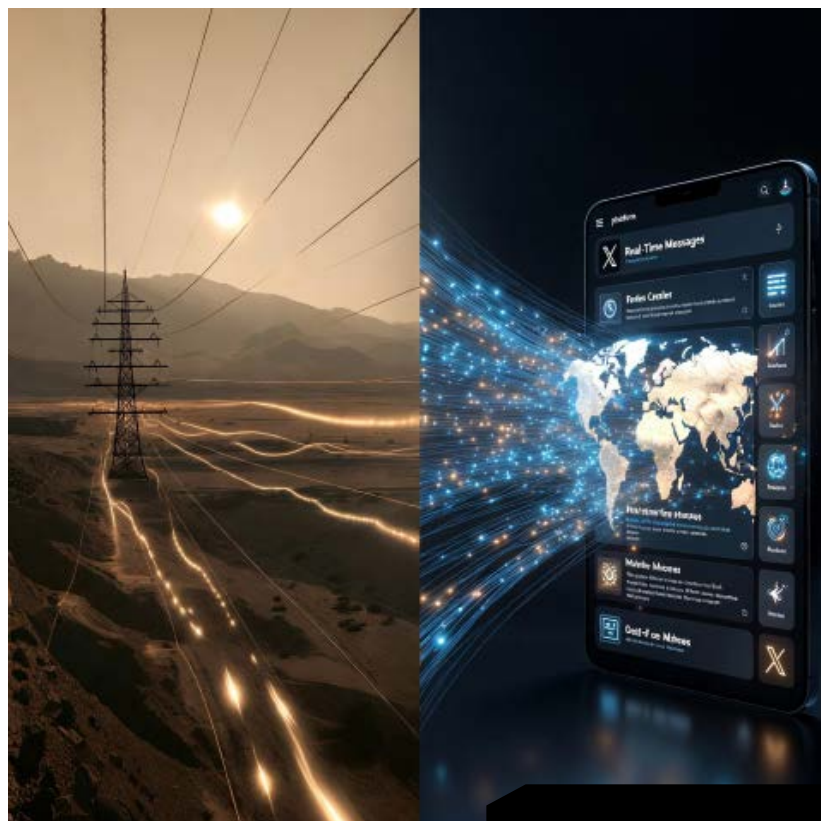


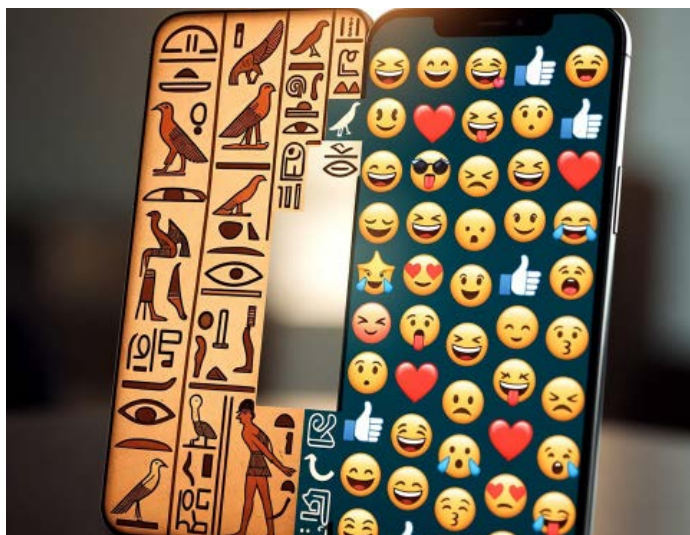
IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

A comunicação não existe sem a sociedade, assim como a sociedade não existe sem a comunicação. A criação do telégrafo foi um marco na história dos meios de comunicação, pois possibilitou que mensagens curtas e rápidas chegassem ao destino com uma velocidade muito maior do que a das cartas comuns. A criação do X oferece essa mesma vantagem, agora no ambiente online. São duas grandes invenções que transformaram a forma como o mundo se comunica.

Curiosamente, chegamos a um ponto em que a compressão máxima não usa mais palavras. Um emoji pode substituir frases inteiras de confirmação ou aprovação. Voltamos, de certa forma, aos hieróglifos, nos quais uma imagem carrega uma carga semântica imensa sem ocupar quase nenhum espaço.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GEMINI.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



A palavra, que antes era uma “pintura” detalhada, tornou-se um “esboço” rápido. Hoje, não comprimimos apenas para economizar tempo, mas também para não perder o interesse de quem lê em meio a um fluxo infinito de rolagem.

"Comunicação não é o que você fala, mas o que o outro compreende do que foi dito."

Claudia Belucci



BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

CAMINHO DO ESCRITOR 2.0



CLIQUE AQUI



26



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

Mitologia Persa



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMARTAI, sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 04/06/2020"

Olá, querido leitor.

Nesta edição, faremos uma viagem por terras antigas, banhadas por lendas, profecias e histórias capazes de atravessar séculos. Um mundo onde heróis enfrentavam criaturas monstruosas, reis ouviam sussurros divinos no silêncio dos desertos e o fogo sagrado jamais podia se apagar.

Hoje, cruzaremos os portões da fascinante Pérsia.

Uma terra de palácios grandiosos, oásis dignos dos contos das mil e uma noites, templos tomados pelo perfume do incenso queimado e guerreiros marcados tanto pela honra quanto pela tragédia.

A mitologia persa é uma das mais ricas e simbólicas da antiguidade. Muito além de deuses e monstros, ela carrega reflexões sobre moralidade, espiritualidade, destino e a eterna batalha entre luz e trevas.

E acredite: muitas ideias presentes em histórias modernas talvez tenham nascido muito antes, sob o céu estrelado dos desertos persas.

Então, prepare sua bebida favorita, encontre um lugar confortável e venha comigo embarcar nessa jornada.

Nosso tapete mágico está prestes a partir.

Boa leitura.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

Criaturas do Folclore Persa

“Enquanto o Brasil cresceu ouvindo sobre o Saci, Cuca, Mula sem cabeça, os antigos persas temiam criaturas capazes de enlouquecer qualquer viajante nas áreas do deserto”

As histórias giravam em torno de demônios do deserto que assombravam viajantes desavisados, espíritos de luz, aves que

antecedem a rara fênix e antes mesmo antes dos reptéis alados sobrevoarem e queimarem castelos na idade média, eles já percorriam os céus estrelados da Pérsia.

A Pérsia nos entrega uma cultura riquíssima, cheia de anuncia, que te faz mergulhar e imaginar como rica pode ser um povo e sua cultura.

Os Div — Os Demônios da Antiga Pérsia

Entre desertos, montanhas e ruínas consumidas pelo tempo, os antigos persas acreditavam na existência dos temidos Div – criaturas associadas ao caos, à corrupção espiritual e às forças que ameaçavam a ordem do mundo.

Na mitologia persa, os Div não eram apenas monstros violentos escondidos nas sombras. Eram a representação dos 7 pecados capitais, ou quase os 7, a mentira, crueldade, a ganância, luxuria e a destruição moral da humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

Em muitas histórias, essas criaturas surgem como seres gigantescos, deformados e assustadores, habitando cavernas, desertos e regiões proibidas. Algumas possuíam forma colossal; outros eram capazes de manipular a mente humana, espalhando medo, ódio e desespero.

Para os persas, os Div raramente simbolizavam o horror físico. O verdadeiro perigo estava na corrupção da alma.

Os antigos acreditavam que o universo vivia uma batalha constante entre a ordem e o caos. Entre a verdade e a mentira. Luz

e trevas. Dentro dessa visão, os Div serviam às forças destrutivas ligadas a Ahriman, o grande adversário da luz e da sabedoria.

Algumas lendas descrevem esses seres devorando homens, enlouquecendo viajantes perdidos no deserto ou tentando destruir reis e heróis. Outras histórias os apresentam quase como manifestações vivas dos piores impulsos humanos.

Toda cultura cria monstros para dar rosto aos próprios medos. E os persas sabiam muito bem que alguns dos deles nascem dentro da própria humanidade.



Imagem de The Public Domain Review por Google

Os Divs na Poesia Persa

Com o passar dos séculos, os Divs deixaram de habitar o “realismo”, para também existirem na literatura das poesias persas. Tornando ainda mais forte seu símbolo de escuridão do interior humano.

Na poesia clássica da antiga Pérsia, os Divs frequentemente representavam o caos, a tentação, os pecados da humanidade. Representando os conflitos espirituais enfrentados pelo ser humano.

O Épico Shahnameh, escrito por Ferdowasi no século XI, os Divs aparecem como antagonistas aterrorizantes enfrentados por grandes heróis. Derrotar esses demônios não significavam apenas derrotar gigantes, também significava manter a ordem sobre o caos.

Séculos depois, o poeta Hafez daria aos Divs um significado ainda mais simbólico. Em seus poemas líricos, essas criaturas surgem como metáforas para os desejos que afastam o homem da iluminação espiritual.

Trecho do Poema de Shams al-Din Muhammad Hafez-e Shirazi, ou Hafez:

Ontem fui ter com um sábio e o que ele disse reproduzo e os segredos do taberneiro não te serão mais ocultos.

Disse: Procura o fácil em tudo! Advém da natureza do próprio mundo ser duro com quem consigo é duro.

Então me passou uma copa de tamanha radiância que Vênus se pôs a dançar e o jogral bradou: Saúde!

A este peito tão sofrido, traz o sorriso da taça. Não chores com o menor toque, como faz o alaúde.

Até que sejas iniciado, não penetrarás o véu. O verbo de Soroush não cabe no ouvido do inculto.

Afirmo: no templo do amor, não tem ingresso a bazófia mas tem ouvidos e tem olhos sempre em escuta e em busca.

Quando na reunião dos sábios, põe de lado a presunção. Sê sensato, fala o que sabes ou cala-te em absoluto.

Traz agora o vinho, copeiro! A devassidão de Hafez não é segredo para Asef, que minhas falhas escusas.



IMAGEM GERADA POR IA Usando SEAPTA, sob a direção de Aryly Soares Reis, Criada em 01/06/2026

Se o tal turco de Shiraz meu coração na mão tomar por sua pinta hindu daria eu Samarcanda e Bucara.

Até a borra traz, copeiro! No céu não encontrarás nem ribeira de Roknabad, nem rosas da Mossalá.

E os ciganos, atrevidos, fazem muito rebuliço. Tal os turcos em banquete, saquearam minha paz!

Amor falho o meu, é indigno da beleza do amado. De que servem pó e lápis à face de graça inata?

Com a beleza que José tinha, entendi o poder da paixão que despe até Zuleica que antes era casta.

Maldizes, e eu sou grato, Deus te guarde, falas bem. Falas acres vão mescladas com a doçura dos lábios.

Ao bom conselho dá ouvido: os jovens e afortunados preferem o saber do velho aos pleitos incertos da alma.

Dize de vinho e de bardos, e não do enigma do cosmos. A razão não resolveu, nem jamais resolverá.

Já fiaste o teu poema, Hafez, perfurando a pérola. Que o céu seu colar de Plêiades espalhe no teu cantar



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMT-4J, sob a direção de Ary Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

*Não renuncio ao vinho e às belas figuras jamais
Já fiz cem contrições, não farei mais juras jamais*

*O jardim do paraíso, as huris e os palácios
não se igualam nem ao pó da sua rua jamais*

*Mesmo os ditames dos sábios não passam de alusões.
Metáforas usei, não repito a figura jamais*

*Não conhecerei nem minha própria cabeça
se na taverna eu não a erguer na busca jamais*

*Disse um mulá zombeteiro: Vinho é coisa haram.
Eu disse: Claro! Mas eu não escuto mulas jamais*

*Ímpio ao menos eu não sou a ponto de flertar com
as jovens beldades lá do alto da tribuna jamais*

*Hafez, atina: a corte do mago é casa da fortuna.
Não tiro meus lábios do pó da sua rua jamais*

*As rosas rubras florescem, o rouxinol se embebeda.
Ouvi a embriaguez, sufis que o instante veneram!*

*A base da contrição parecia rocha firme
e foi quebrada por cristal de taça fina e terna.*

*Traz o vinho! Nesta corte do contento, não importa
se és abstinência ou bebedeira, se és sultão ou sentinela.*

*Deste albergue de duas portas um dia hás de partir.
Que diferença a portada ser rica ou ser austera?*

*Não se tem a vida fácil sem que tenha havido dor.
Com a firmação do pacto, afirmou-se essa tragédia.*

*O ser e o não ser... que isso não te aflija, só sê feliz.
Não ser enfim é o fim até da mais perfeita matéria.*

*A linguagem dos pássaros, o alto Asef, o corcel-vento
tudo isso o vento levou, a Salomão nada mais resta.*

*Ao ganhares asa e pluma, não vás longe do caminho.
Mesmo a flecha bem lançada não tarda a voltar à terra.*

*Que gratidão mostrará teu cálcamo, Hafez, àqueles
que passam de mão em mão os aforismos que versas?*

*Fala da nossa união, que da alma minha me levanto
sou ave celeste, da terra e seus ardis me levanto*

*Por teu amor posso jurar: se me chamares me levanto
até do trono da criação, ó amigo me levanto*

*Faz chover tua nuvem-guia, ó Senhor, sobre meu ser
que, tal o pó que é soprado pela brisa me levanto*

*Com vinho e um jogral senta-te ao pé da minha tumba
dançando, teu perfume sendo meu guia me levanto*

*Levanta e mostra teu talhe, belo de doce dançar
que eu, batendo as palmas, da terra e da vida me levanto*

*Ainda que eu seja velho, abraça-me forte em teu seio
que na aurora de amanhã eu redivivo me levanto*

*Quando da minha morte, dá-me o vislumbre do teu rosto
que eu, tal como Hafez, da terra e da vida me levanto*

Peri — Os Espíritos de Luz da Mitologia Persa

Entre jardins celestiais, montanhas sagradas e os ventos suaves que atravessam os desertos persas, surgiram os encantadores Peri ou Spenta Mainyu – seres associados à beleza, à luz e à pureza espiritual.

Descritos em antigas lendas como criaturas de aparência extremamente bela, os Peri eram frequentemente retratados com traços delicados, vestes luminosas e uma presença quase etérea. Em algumas histórias, possuíam asas; em outras eram espíritos capazes de atravessar o céu como estrelas errantes.



IMAGEM GERADA POR IA sob a direção de Ladylene Aparecida, Criada em 25/05/2026



IMAGEM GERADA POR IA, usando GIGACAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026

Nas tradições mais antigas da Persa, acreditava-se que esses seres haviam sido expulsos do paraíso por erros cometidos no passado. Condenados a vagar entre o céu e a terra. Buscavam redenção através da bondade, da pureza e da aproximação com a luz divina.

Na poesia clássica persa, especialmente nas obras de Hafez e outros grandes escritores, os Peri passaram a simbolizar beleza espiritual, amor idealizado e iluminação da alma. Muitas vezes apareciam ligados ao desejo humano de alcançar algo puro em meio às imperfeições do mundo terreno.

Os Spenta Mainyu na mitologia Persa, simbolizavam a busca humana pela luz, pela esperança e pela bondade em meio às trevas. Eles refletem o caráter dualista dessa tradição, onde cada batalha entre o bem e o mal.

Curiosidades...

Entre a Pérsia e o Brasil: Dois “Peri” Muito Diferentes

Ao ouvir o nome Peri, muitos de vocês, talvez se lembrem do outro personagem bastante conhecido da nossa literatura: o indígena Peri, protagonista do romance *O Guarani*, escrito por José de Alencar no século XIX.

Enquanto os Peri da mitologia persa eram espíritos celestiais associados à luz, à beleza e à espiritualidade, o Peri brasileiro foi criado como o ideal do herói indígena romântico: forte, leal, corajoso e profundamente conectado à natureza.

Dessa forma, ambos carregam a ideia de pureza.

Os Peri persas buscavam redenção espiritual entre o céu e a terra. Já o Peri de *O Guarani* simbolizava, dentro do romantismo brasileiro, uma figura quase mítica do homem nativo idealizado.

De um lado, espíritos luminosos cruzando desertos antigos da Pérsia. Do outro, um guerreiro indígena atravessando as matas brasileiras.

Dois Peri.

Dois mundos completamente diferentes.

Mas ambos eternizados através das histórias.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROUND", sob a direção de Arty Soares Reis, Criada em 04/06/2026

Martiya-khvara — A Devoradora de Homens

Antes de receber o nome pelo qual ficou conhecida no Ocidente, a Manticora era chamada pelos antigos persas de Martiya-khvara — junção de martiya (“homem”) e khvara (“devorar”) — podendo ser traduzida como “Devoradora de Homens”.

Entre as criaturas mais aterrorizantes do da antiga Pérsia, poucos despertavam tanto medo quanto a temida Manticora.

Descrita por viajantes e escritores da antiguidade como uma criatura monstruosa, a Manticora possuía corpo de leão, rosto humano e uma cauda mortal semelhante à de um escorpião, capaz de lançar ferrões. Venenosos contra suas vítimas.

Algumas versões das lendas afirmavam que sua boca escondia várias fileiras de dentes afiados, tornando impossível escapar uma vez capturado pela criatura.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROUND", sob a direção de Arty Soares Reis, Criada em 04/06/2026

Nas narrativas Persas, a Manticora habitava regiões selvagens e desérticas, lugares considerados perigosos demais para homens comuns. Ela surgia como um símbolo do desconhecido, da morte violenta e das forças indomáveis da natureza.

Séculos depois, a criatura atravessaria fronteiras culturais, sendo incorporada ao imaginário medieval europeu, onde passou a aparecer em bestiários, manuscritos e histórias fantásticas.

Monstros Que Atravessam Civilizações

A Manticora não foi a única criatura híbrida a surgir nas antigas civilizações.

Ao observar os monstros da Pérsia e da Grécia, torna-se impossível ignorar certas semelhanças entre seus seres mais aterrorizantes.

A Manticora e a Quimera possuem diferenças importantes em suas origens e narrativas. Ainda assim, ambas carregam a mesma essência simbólica: o medo humano daquilo que rompe padrões conhecidos.

A Quimera combinava leão, cabra e serpente em um único ser capaz de cuspir fogo. Já a Manticora surgia como uma devoradora de homens, unindo corpo de leão, traços humanos e uma cauda venenosa mortal.

Criaturas híbridas.

Misturas consideradas “antinaturais”.

Seres vistos como ameaça à ordem do mundo.

Talvez seja justamente por isso que monstros semelhantes apareçam em tantas culturas antigas.

A humanidade sempre teve dificuldade em lidar com aquilo que desafia suas ideias de normalidade.

Durante séculos, tudo o que fugia do padrão imposto como “natural” foi transformado em ameaça, desordem ou monstrosidade. Povos diferentes, religiões diferentes, corpos diferentes, amores diferentes.

O desconhecido quase sempre assusta antes de ser compreendido.

E talvez seja essa a parte mais inquietante dos monstros antigos:

muitas vezes eles revelam menos sobre criaturas sobrenaturais... e mais sobre os próprios medos humanos.

Azhdaha — Os Dragões da Antiga Pérsia

Muito antes de “Coração de Dragão”; “Game Of Thrones” e “Senhor Dos Anéis”, os antigos povos persas já temiam os seres serpenteantes associados ao caos, à destruição e às forças demoníacas.

Essas criaturas ficaram conhecidas como Azhadaha.

O nome possui origem extremamente antiga, derivado do termo avéstico Aži Dahāka, presente nos textos sagrados do Avesta. Na língua avéstica, Aži significa “serpente”, enquanto Dahāka tornou-se associado a uma entidade monstruosa e destrutiva.

Com o passar dos séculos, o termo evoluiria linguisticamente até dar origem à palavra “Azhdaha”, utilizada em tradições persas posteriores para designar dragões e criaturas serpentinadas gigantescas.

Diferente das tradições asiáticas em que os dragões eram vistos como símbolos de sabedoria, sorte, proteção. Os dragões persas raramente eram benevolentes.

Na cosmologia zoroastriana, criaturas serpentinadas apareciam ligadas ao caos, à corrupção e às forças malignas associadas a Ahriman – entidade que representava destruição, mentira e desordem no universo.

Entre essas figuras, uma das mais importantes era Zahhak, personagem lendário profundamente conectado ao mito do Aži Dahāka.

Na tradição persa, Zahhak tornou-se um rei tirânico, frio e possuidor de poderes sobrenaturais. Reza a lenda que serpentes nasceram de seus ombros após ser corrompido por forças malignas.

Dessas lendas surgiram as histórias de dragões reptilianos. Representando uma fusão entre criaturas demoníacas, dragões serpentinados e a tirania humana. Dando essa mistura um símbolo perfeito de caos, política e opressão.

Simurgh — A Ave Que Carregava a Sabedoria do Mundo

Entre demônios, dragões e criaturas nascidas do caos, a Pérsia também nos abrilhanta com uma das criaturas mais belas e simbólica de toda a mitologia oriental: A Majestosa Simurgh.

Essa bela criatura, que em algumas representações possuía traços de pavão, águia e cão formando uma criatura grandiosa e

que representa a sabedoria.

Seu lar ficava no alto da árvore da Vida – uma árvore sagrada ligada ao conhecimento e à renovação do mundo.

Para a cultura persa Simurgh representa o poder da sabedoria, no cuidado e na transcendência.



IMAGEM GERADA POR IA sob a direção de Ladylene Aparecida, Criada em 25/05/2026



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

Uma das lendas mais difundidas envolvendo essa criatura é a Lenda do Bebê Zal.

Reza a lenda que por nascer com cabelos completamente brancos, Zal foi rejeitado pelo seu pai, que interpretou sua aparência como mal agouro. Ele ordenou que a criança fosse levada para as montanhas e lá a deixassem para morrer. Simurgh em um de seus voos encontra o bebê aos prantos e o acolhe.

Passa a cria-lo como filho; o alimentando, protegendo e ensinando parte de seus conhecimentos sobre o mundo e universo.

Anos depois, já adulto, Zal retorna ao mundo humano, levando consigo os ensinamentos de Simurgh. Mas antes de partir, preocupado com seu filho, a ave da sabedoria entrega para o jovem uma de suas penas douradas, dizendo que ele deveria queimá-la caso precisasse de ajuda.

Dizem que a pana dourada foi usada em auxílio ao nascimento de Rostam, o maior herói da mitologia Persa.

LADYLENE APARECIDA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



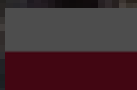
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



رعرشلا



Poesía



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, professora da Rede Estadual de Ensino, professora da rede estadual, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública e ocupa atualmente a vice-presidência da Academia Tauaense de Letras (ATL). Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar*, também é coautora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional *The Bard*.

COMO NASCE UM POEMA?

Como vimos na edição anterior, poema e poesia não são palavras sinônimas. Embora caminhem juntas, elas não são exatamente a mesma coisa. Compreender essa diferença é como observar a relação entre a alma e o corpo: uma não existe plenamente sem a outra, mas cada qual possui sua própria natureza. A poesia é a essência. É aquilo que toca, emociona, provoca e desperta sentidos. A poesia é abstrata, sensível e invisível. Não depende necessariamente das palavras para existir. Ela pode estar em uma música, em uma fotografia, em um gesto de carinho ou em um instante que nos atravessa profundamente. O poema, por sua vez, é a forma concreta por meio da qual a poesia se manifesta.

É sobre essa fascinante construção poética, o poema, que nos debruçaremos nesta edição da Revista *The Bard*. Afinal, por trás de cada verso existe um universo de emoções, percepções e escolhas criativas que transformam sentimentos em linguagem. Diante disso, propomos uma reflexão que acompanha a humanidade desde os primórdios da arte literária: como nasce um poema?

Há quem pense que um poema nasce da inspiração. Acredito que ele nasce daquilo que não cabe dentro de nós. Nasce de uma saudade que insiste em permanecer, de um amor que transborda, de uma ausência que ecoa pelos corredores da alma. Nasce quando a vida nos toca tão profundamente que o coração procura uma maneira de responder.

O poema não surge apenas das grandes histórias. Muitas vezes, ele nasce dos pequenos detalhes. Do perfume que desperta uma lembrança antiga. Do silêncio que acompanha uma despedida. Da lágrima que ninguém viu cair. Do sorriso que floresceu depois de dias difíceis. Antes de existir no papel, o poema existe como sentimento. É uma presença invisível que caminha conosco até encontrar a sua voz. Às vezes, é apenas um verso. Outras vezes, uma imagem, uma metáfora ou uma frase que parece surgir do nada. Mas nada vem do nada. Aquela palavra já estava sendo gestada dentro de nós, alimentada pelas experiências, pelos afetos, pelas dores e pelos sonhos acumulados ao longo do tempo. É nesse instante que começa o trabalho do poeta.

OS DIFERENTES TIPOS DE POEMAS

A poesia é uma das mais antigas e belas formas de expressão humana. Ao longo dos séculos, os poetas criaram diferentes maneiras de organizar os versos, os ritmos e as imagens poéticas, dando origem a diversos tipos de poemas. Cada forma possui características próprias, mas todas compartilham o mesmo propósito: transformar sentimentos, pensamentos e experiências em arte.

Entre os tipos mais conhecidos estão:

1. O soneto, composição clássica composta por 14 versos, divididos em dois quartetos (estrofes de 4 versos) e dois tercetos (estrofes de 3 versos). Muito utilizado para abordar temas como o amor, o tempo, a saudade e as reflexões existenciais, o soneto exige apuro técnico e grande domínio da linguagem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/06/2026"

2. Haicai: Poema de origem japonesa, extremamente curto, estruturado em apenas três versos (trinca) que geralmente evocam a natureza ou uma estação do ano.

3. Elegia: Poema de tom melancólico e reflexivo, dedicado a lamentar a morte de alguém ou expressar sentimentos de luto e tristeza profunda.

4. Épico (ou Epopeia): Um longo poema narrativo que conta grandes façanhas heroicas, lendas ou momentos históricos de um povo (ex: Os Lusíadas).

5. Ode: Poema solene dedicado a exaltar, homenagear ou celebrar valores nobres, sentimentos elevados, pessoas ou deuses.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/06/2026"

6. Sátira: Poema de caráter humorístico, irônico ou jocoso que tem como objetivo criticar, ridicularizar ou zombar de comportamentos sociais ou figuras políticas.

7. Verso Livre: Poema que não possui métrica regular (tamanho fixo dos versos) nem esquema de rimas obrigatório, permitindo total liberdade criativa ao autor.

Independentemente da forma escolhida, todo poema nasce

do desejo de expressar algo que ultrapassa a linguagem comum. Seja em versos rígidos ou livres, longos ou breves, narrativos ou contemplativos, o poema continua sendo um espaço privilegiado para a criação, a reflexão e a emoção. Conhecer os diferentes tipos de poemas é ampliar o olhar sobre as inúmeras possibilidades da linguagem poética e compreender que cada forma oferece ao poeta uma maneira singular de dar voz à sua sensibilidade.

Há quem diga que a poesia mora nas palavras. Eu prefiro acreditar que ela mora nas pessoas. Nas que sentem demais, nas que carregam memórias no peito, nas que transformam dor em verso, saudade em beleza e esperança em permanência.

É com imensa alegria que apresentamos a 38ª edição da coluna Poetas e Poetisas, um espaço onde cada poema se torna ponte entre corações que talvez nunca se encontrem, mas que compartilham as mesmas emoções.

Nesta edição, cada texto aqui publicado é um convite à contemplação, ao encontro consigo mesmo e à descoberta das tantas

formas de existir através da palavra.

A presença de cada poeta edifica esta coluna e fortalece a missão da Revista The Bard de valorizar a literatura como expressão de humanidade, sensibilidade e transformação.

A todos os autores que confiaram seus versos a este projeto, nossa profunda gratidão. Aos leitores, desejamos que cada poema encontre abrigo em seu coração e que cada página seja uma companhia afetuosa em sua jornada.

Abraços poéticos!

Que a poesia floresça em cada leitura.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolff, Criada em 28/06/2026"

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

COLUNISTA EDNA LESSA

INSTAGRAM





EDNA LESSA

Cidade: Fortaleza

Estado: Ceará

País: Brasil



NA DANÇA DO AMOR

Mais que pulsação
Somos ritmo antes do toque
Teu corpo fala, o meu responde
Na dança do amor nos perdemos
Para enfim nos termos

Porque não é só dança
é entrega, é encontro, é chama acesa.
É quando dois corpos se alinham
e duas almas dançam na mesma certeza.

Te olho e tudo faz sentido.
Te sinto e o mundo se expande.
Na dança, já não há dois:
só entrega e sintonia.
Somos um. Somos nós.



COLUNAS E COLUNISTAS

POST NO SITE





RUTE ELLA

Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil



DESPEDIDA

Na estrada,
a lua envelhece.
Olhos cansados
de tantos milênios
perdem-se
nas curvas do tempo.
E despedem-se
as palavras.
Uma a uma,
recolhem-se
ao longo corredor da espera,
onde o silêncio
é terra,
é semente,
é repouso.
Abre-se então o mistério
para além da noite fria.
Ali,
os olhos fincados no céu
aguardam que a poeira assente,

que o rumor dos dias se dissolva,
que a memória do sol
abandone suas últimas cinzas.
Tudo se distancia.
Tudo regressa.
E o que parecia fim
desata-se em horizonte.
Há um deslumbre
na alva que raia,
um clarão sem nome
entre a ausência e o retorno,
como se a eternidade
respirasse devagar
atrás das manhãs.
Na estrada,
a lua continua.
E nós,
feito luz desprendida do instante,
seguimos
para dentro do infinito.

INSTAGRAM



POST NO SITE





RILNETE MELO

Cidade: Pindaré Mirim

Estado: Maranhão

País: Brasil



IMAGINE A PALAVRA LIVRE

Imagine rimas
percorrendo fronteiras,
caminhando de mãos dadas
consertando mundos.

Imagine...

Se cada poema
fosse uma porta entreaberta,
um sopro que devolve fôlego
a quem já desistiu.

Imagine o silêncio
aprendendo a falar,
na língua suave das metáforas.

Você pode dizer que
Sou uma sonhadora,

mas sei que não sonho só,
há sempre quem encontre
abrigo
há sempre um coração que
renasce
no intervalo de um poema

Imagine e deixa acontecer

O mundo sendo reinventado,
cada vez que um verso em brasa
toca a pele de quem lê

Porque a poesia,
é luz que vive,
o que desperta
na chama silenciosa
de uma palavra livre.

INSTAGRAM



POST NO SITE





ARELY SOARES

Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil



"FLORAISOU"

Pelo jardim
Passaram as estações,
Que aprenderam a florescer
Em silêncio.
Desatento sentir
que aperta,
Mesmo de longe.
Dentro de mim
Há vozes antigas
Que desesperam pelo vento,
antes de ele soprar.
Há um tempo
Vi nascer amores intensos
Que partiram
No breve acordo da vida.

Eu permaneço
Sempre estarei.
Amo,
Tecendo na alma
Fios com delicadeza.
Não por medo,
É que o abraço
Guarda um prazo invisível.
E nesse supremo sentir,
Temo o dia
Em que o coração esqueça
Como é arder
E passe apenas
A existir.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MÁRCIA NEVES

Cidade: São Vicente

Estado: São Paulo

País: Brasil



SILENCIA

Silencia teu barco
Para que digas
À imensidão do espaço
Que estás passando

Silencia teu coração
Para que sintas
O barulho do mundo
Com precisão

Silencia
Silencia teu olhar
Ao observar a vastidão
Que deságua em teu leito

E por silenciar
Terás sentido o mundo
E controlado os vultos
A manifestar

Manifesta-te
No silêncio profundo
De tua sabedoria
Para dizeres ao mundo
O que nenhuma fala dirá

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



CHAMA QUE JAMAIS SE EXTINGUE

Paixão eterna, ó fogo sagrado da alma,
que ardes sem consumir-te completamente,
és tu quem desperta dragões adormecidos
nos abismos mais profundos do peito.

Não és capricho passageiro do tempo,
nem febre que se cura com remédios,
mas incêndio perpétuo que ilumina
os caminhos escuros da existência.

Quando te encontro nos olhos do amado,
vejo reflexos de estrelas ancestrais
que brilharam antes de eu nascer
e brilharão depois que eu partir.

És tu quem faz do coração forja ardente
onde se moldam sonhos impossíveis,
onde o ferro frio da razão se derrete
e toma forma de esperança líquida.

Paixão que atravessa séculos e eras,
que sobrevive à morte dos corpos,
que renasce em cada novo encontro
como fênix que emerge das cinzas.

Teus sussurros ecoam pela eternidade,
transformando instantes em infinito,
fazendo de um simples toque
promessa que transcende o tempo.

Que sejas bendita, ó paixão imortal,
que ensinas que alguns amores
não conhecem fim nem fronteiras,
mas habitam para sempre na alma.

WOLFBIO



POST NO SITE





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



SERPENTE VERDE QUE DEVORA POR DENTRO

Inveja, ó veneno sutil que se infiltra
pelos poros da alma desprevenida,
és tu quem transforma jardins em desertos
e corações generosos em pedra fria.

Nasces do olhar que compara sem cessar,
que mede a própria vida pela alheia,
que vê no sucesso do próximo
espelho cruel da própria pequenez.

És serpente verde que se alimenta
da felicidade que não conseguimos ter,
roendo por dentro como ácido corrosivo
até que nada reste além de amargura.

Quando te apossas de uma alma,
transformas virtudes em defeitos,
fazes da alegria alheia tortura
e da própria existência um fardo pesado.

Inveja maldita, que cega os olhos
para as bênçãos que já possuímos,
que faz esquecer a própria luz
na obsessão pela luz dos outros.

Mas há cura para teu veneno mortal:
é aprender a celebrar conquistas alheias,
é encontrar na própria jornada
razões suficientes para gratidão.

Que eu saiba transformar-te em inspiração,
que tua presença me ensine humildade,
que teu sussurro venenoso se torne
chamado para cultivar meu próprio jardim.

WOLFBIO



POST NO SITE





13



BETH BALTAR



Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel. Colunista da Revista Internacional The Bard e do Jornal The Bard News.

MESTRA JANETE LAINHA: A COLECIONADORA DE PALAVRAS



Imagem de Mestra Lainha - arquivo pessoal

Voltando ao século XX, encontramos uma sociedade machista e preconceituosa, onde o homem era quem reinava, excluindo e impondo o silêncio às mulheres. No espaço da poesia popular não foi diferente, especificamente na Literatura de Cordel, que além de não permitir a participação feminina, a mulher era representada de forma preconceituosa, pejorativa, cheia de estereótipos e de imagens distorcidas. Entretanto, a mulher se rebela contra este silenciamento, quando é publicado o primeiro cordel de autoria feminina, de Maria das Neves Batista Pimentel, mesmo recorrendo ao uso de um pseudônimo de Altino Alago-

ano, nome de seu marido. Este foi um fato determinante para abrir espaços para que outras mulheres pudessem publicar suas poéticas e em particular na Literatura de Cordel. Na contemporaneidade, existe um grande número de Poetisas de Cordel, criando sobre as mais diversas temáticas.

Desde 2007, pesquiso a Literatura de Cordel, Mestres e Mestras que encantam com suas poéticas, mas surpreendentemente encontrei a Mestra Janete Lainha, com uma vasta produção de folhetos de cordel e xilogravuras. Vamos conhecer essa “Colecionadora de Palavras”, como se autodenomina.



JANETE LAINHA COELHO

Janete Lainha Coelho nasceu em Ilhéus-Ba, em 1960. Casada com o servidor público Paulo Cezar Cabral e mãe de Jamille e Paulo. Graduada em Pedagogia, pela Faculdade Montenegro. Tem Especialização em “Produção Textual” e em “Gestão Cultural”, pela Universidade Estadual de Santa Cruz, especialista em “Língua Portuguesa Formação para o Magistério”, em “Metodologia de Ensino”, em “Psicopedagogia” e em Ciências Sociais: História e Geografia, pela Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral, de São Paulo.

Recebeu o título de “Mestra da Cultura Popular”, em 2012, pela Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, do Ministério da Cultura e o título de “Doutora Honoris Causa”, em 2022, pela Ordem dos Capelães do Brasil. Recebeu o prêmio de “Melhor Atriz”, do Troféu Jupará, por cinco vezes, o Prêmio Braskem de “Melhor Atriz”, com a peça “Mar Morto”, de George Wladimir e o Prêmio SEBRAE “Mulher de Negócios”, em 2013. No VII Festival de Inverno da Bahia obteve o 2º lugar na modalidade “Conto” e o 2º lugar a modalidade “Cordel” e no VIII Festival de Inverno da Bahia, obteve o 1º lugar na modalidade “Crônicas” e o 2º lugar na modalidade “Literatura de Cordel”. Produziu 1.040 títulos de folhetos de cordel e mais de 300 xilogravuras. É membro da Academia de Letras de Cordel de Salvador -Bahia e da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, na qual ocupa a cadeira 98. É Representante Territorial de Cultura no Território Litoral Sul, pela Secretaria de Cultura da Bahia. Fundadora Casa da Cultura Popular de Ilhéus e do Ponto de Cultura Literatura de Cordel para Todos. Membro do Fórum de Agentes, Gestores e Empre-

dedores Culturais do Litoral Sul da Bahia. É membro do Círculo Raiz (movimento cidadanista de Ilhéus). Membro da Câmara Temática de Cultura do Território Litoral Sul da Bahia. Diretora Cultural do Ilê Axé Guiania de Oiá e colaboradora junto ao Ilê Axé Ballomi, em Ilhéus. Por diversos anos, foi Conselheira Municipal de Cultura em Ilhéus e Membro do Colegiado Setorial de Livro, Leitura e Literatura. Enquanto atriz, atuou nos filmes: “O Quadro da Transformação”, de Jota Melo, em 2019; “A última Estação”, de Márcio Curi, em 2010, dentre outros. É filiada ao Partido Comunista do Brasil e Diretora da Secretaria de Combate ao Racismo em Ilhéus. Na Academia Grapiúna de Artes e Letras, ocupa a Cadeira 38, cuja patronesse é a professora e poetisa Valdelice Pinheiro (1929-1993).

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/06/2026”



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/06/2026”



Imagem de Mestra Lainha - arquivo pessoal

É Mulher Tambor “YÁ LLÚ”, no Candomblé Angola:

“É muito mais do que tocar um instrumento — é ser ponte entre o mundo visível e o invisível. É carregar no corpo o ritmo ancestral que chama, firma e sustenta a energia do terreiro. Cada batida é reza, é fundamento, é respeito aos mais velhos e aos Nkises. A Mulher Tambor rompe silêncios históricos, ocupa seu espaço com força, coragem e axé, mostrando que o sagrado também pulsa nas mãos femininas. Ser YÁ LLÚ é ouvir com o coração, tocar com a alma e honrar a tradição com responsabilidade e amor.”

A produção da Mestra Lainha em Literatura de Cordel, iniciou em 1970 e é composta por 1.040 títulos de folhetos de cordel e mais de 300 xilogravuras, Mestra Lainha afirma:

“Nos meus trabalhos estão temáticas como Afrocentrados, comunitários, Contos, Diversidade, Diversos, Educação Ambiental, Educacional, Erótico, Gastronomia, Humor, Infantil, Jurídicos, Mulheres empoderadas, Municipais (Nau do Cordel), Patrimônio Imaterial, Pelejas, Povos Tradicionais, Profissões, Saúde, Seres Fantásticos, Signos e Turismo”.



Imagem de Mestra Lainha - arquivo pessoal

Abaixo algumas capas de seus folhetos de cordel, com destaque para as xilogravuras de sua autoria:



Destacamos a temática “ancestralidade”, que tem sido um tema recorrente na literatura de cordel como forma de explorar as conexões entre passado e presente, identidades culturais e memórias coletivas. Na perspectiva literária, a ancestralidade é utilizada para construir narrativas que resgatam tradições, valores

e experiências de gerações anteriores, influenciando a identidade dos personagens e a construção das tramas. A Mestra Lainha aborda a ancestralidade para refletir sobre questões de pertença, herança cultural e o impacto das histórias familiares na formação do indivíduo.

“Sou Mestra Lainha, mulher da arte popular nascida em Ilhéus, na Bahia, e é na madeira que eu encontro minha voz e minha história. Cada pedaço que talho carrega sentimentos, memórias e a força do meu povo. A xilogravura, que aprendi junto com a Literatura de Cordel, é mais do que uma técnica pra mim: é resistência, é identidade, é vida. Quando eu desenho e entalho, estou contando histórias de mulheres fortes, da fé, do cotidiano e das tradições que não podem se perder. A arte talhada em madeira tem esse poder de atravessar o tempo, de manter viva a cultura popular mesmo em um mundo tão moderno. E enquanto eu tiver minhas mãos e minha inspiração, vou continuar fazendo da madeira um grito de cultura e liberdade”.

Como xilógrafa, sua primeira exposição de xilogravura, foi em 2014, intitulada “Sangrando”, como explica a Mestra:

“Eu me feria muito, mas também tinha o prazer de ver a obra nascendo. Nela eu transportava sempre esse retrato da mulher que sofre, mas também que goza de suas conquistas”

No início desta arte, usava restos de metais para fazer as goivas, instrumento para talhar a madeira, partes de guarda-chuva e um martelo. Entalhar a madeira, imprimir, secar é um trabalho que leva cerca

de oito dias, mas a Mestra Lainha nunca abriu mão de sua realização.

“Eu me orgulho de dizer que sou uma das poucas de minha cidade que vive de arte. Desenvolvi um trabalho de larga escala para dar conta de me sustentar. Vendo minhas obras no ponto de cultura que tenho e nas feiras em que declamo”.

“As mulheres estão cada vez mais em evidência. Hoje tratamos das especificidades de mulheres negras, reafirmamos nossas conquistas no mercado de trabalho e debatemos o lugar de fala”

AS MULHERES DO CORDEL COM: JANETE LAINHA

Da vida de nossa Ilhéus
Eu só posso falar bem
Pois foi onde me criei
Minha família também
Passando nesta ponte
No vai e volta vira e vem

Com o Cordel e a cultura
Eu duplico esta fonte
É tamanha indecência
A existência deste afronte
Ver toda a nossa paciência
Ser torrada nesta ponte

Hoje a população cresceu
Vivemos outra realidade
O controle do tráfego
Só nos traz dificuldade
A segurança da população
Virou uma banalidade.

BETH BALTAR

CONHEÇAM O SEU TRABALHO, VISITE SEU SITE
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





MESTRA LAINHA

Psicopedagoga e Xilógrafa



VOU ME CASAR COM A SENHORITA JANELA: A Escritora, a Diversidade e o Mundo

Vou contar caso estranho
Que o povo vai falar
Eu, mulher, já decidi
Com a janela me casar
Pois vi verdade nela
Mais que em qualquer altar

Não foi loucura vazia
Nem amor sem razão
Foi forma de ver o mundo
Sem pedir permissão
Janela aberta mostra
Amplia a visão

Porta fecha com o peso
Com comando e poder
Janela não impõe nada
Só deixa o mundo ser
Sem mandar nem cobrar vida
Nem valor a receber

Escrevi na madrugada
Com café e solidão
E vi dentro da janela
Outra forma de visão
Mundo passa na minha frente
Sem qualquer explicação

Vento entra sem pedir
Bagunça o pensar
Mas também leva o peso
Que vinha me aprisionar
E ensina que o caos vira
Novo modo de andar

Porta diz “não entra não”
Com sua voz de ferro
Janela diz bem baixinho
“Veja o mundo mais aberto”
E o impossível se torna
Caminho mais certo

Entendi nesse momento
Viver sem liberdade
É ficar preso em muros
Sem ar de verdade
Janela me ensina o mundo
Com mais clareza

Vi pessoas na janela
Caminhando sem sentir
Tristes, felizes, perdidos
Todos tentando existir
E cada cena da vida
Vira verso em mim



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICAI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



Janela não julga nada
Nem cobra condução
Só observa o que passa
Com silêncio e atenção
E por isso eu me entrego
A essa relação

Disseram "isso é loucura
Não se casa com janela"
Mas eu disse minha vida
Precisa ser mais singela
Que a porta só me fecha
E me prende dentro dela

Porta fecha com cadeia
Com regra e limitação
Janela sempre insiste
Rompe a opressão
E me mostra que liberdade
Nasce da observação

Escrevo e a janela
Me responde em cor e luz
Transforma dor em paisagem
E o silêncio me conduz
E o que sinto vira verso
Que a minha alma produz

Quando a vida fecha o mundo
E o destino diz não vai
Janela mostra pequenas
Frestas onde a esperança sai
E o impossível se abre
Sem perguntar de onde vai

Entendi com essa vida
Que casar não é ilusão
É ver o mundo sem portas
Com livre percepção
E escrever com o mundo
Dentro da criação

Quem escreve precisa
De outro horizonte largo
Não vive só de linhas
Nem de chão tão amargo
Janela me dá caminho
Sem qualquer pesado encargo

Vejo gente na rua
Cada um com seu sofrer
Uns correm atrás do tempo
Outros param pra viver
E tudo vira matéria
Que a minha alma vai ler

Janela não me promete
Nem futuro ou amor
Mas me ensina que o mundo
Tem caminho multicor
E até na chuva que cai
Nasce verso interior

Se a porta fecha o mundo
E o destino diz fim
Janela mostra outra fresta
Que nasce dentro de mim
E o fechado vira verso
Que não termina assim

Casar com a senhorita
Janela é libertar
É deixar o mundo entrar
Sem ninguém me limitar
E escrever com o vento
Sem nunca parar

Não é papel nem cadeia
Nem aliança de mão
É compromisso com vida
Com o mundo e o chão
Onde cada experiência
Vira minha razão

Me entrego à janela
Sem temor do que vir
Pois ela nunca se fecha
Nem deixa de existir
E até no vazio grande
Me ensina a ressurgir

Se alguém não entende isso
Deixo o vento explicar
Abro a minha janela
Deixo o mundo falar
Pois quem vê além da porta
Sabe finalmente andar

Tudo encaixa no tempo
Na visão que construí
Casar com a senhorita
Janela me faz assim
Aberta pro infinito
Que vive dentro de mim

E encerro essa história
Com verdade e expressão
Quem se casa com janela
Nunca vive em prisão
Vive onde o fechado abre

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD



COLUNA *Vai um livro aí?* Resenhas

ARELY SOARES



Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora. Autora da obra *Re-tratos Poéticos*, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

Entre Páginas e Pulsares: Histórias que Transcendem o Comum

As páginas se abrem e o convite se renova. É um privilégio recebê-los nesta 38ª edição da Revista Internacional The Bard para juntos, explorarmos horizontes através das palavras na coluna "Vai um Livro Aí?".

Convido-os a um despertar: o de habitar novos mundos e afetos que nos transformam. Mais do que ler, desejamos que você sinta o pulsar de cada narrativa, transcendendo as fronteiras do comum. As obras de hoje são tesouros que, uma vez abertos, transbordam diálogos eternos.

Para inaugurar esta jornada, selecionamos "Noites Brancas", de Fiódor Dostoiévski. Marco inicial da carreira do autor, esta novela é aclamada por sua sensibilidade ímpar e um romantismo hiperbólico. É uma leitura fluida, perfeita para adentrar o universo russo. O título evoca o fenômeno de São Petersburgo onde, no verão, o sol nunca se põe totalmente, banhando a cidade em crepúsculos intermináveis — o cenário ideal para uma trama de desilusão amorosa e lirismo existencial.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Para encerrar com chave de ouro, trazemos “Não Me Abandone Jamais”, de Kazuo Ishiguro. Classificada como uma “outsider science fiction”, a obra subverte o gênero ao priorizar o drama psicológico e ético em um passado alternativo e melancólico. O título ecoa o jazz de Judy Bridgewater, evocando a solidude e o desamparo da protagonista, Kathy. Um romance de metáforas poderosas que ressoam profundamente em nossa sociedade contemporânea.

O universo literário nos aguarda e cada minuto conta. Vamos desbravar essas narrativas juntos?

Participar é simples e acessível: conecte-se conosco e siga a The Bard e nossa colunista nas redes sociais. Vamos construir uma relação! Compartilhe sua obra enviando-nos um exemplar do seu livro. Cada página será lida com carinho e atenção.

Estamos ansiosos para descobrir a magia das suas palavras e compartilhá-la com o mundo. Esta é mais do que uma oportunidade de divulgação; é uma chance de fazer parte de algo maior, de um diálogo literário que transpõe oceanos. Então, o que me dizem? Vamos juntos nessa jornada? O mundo está esperando para conhecer o seu talento.

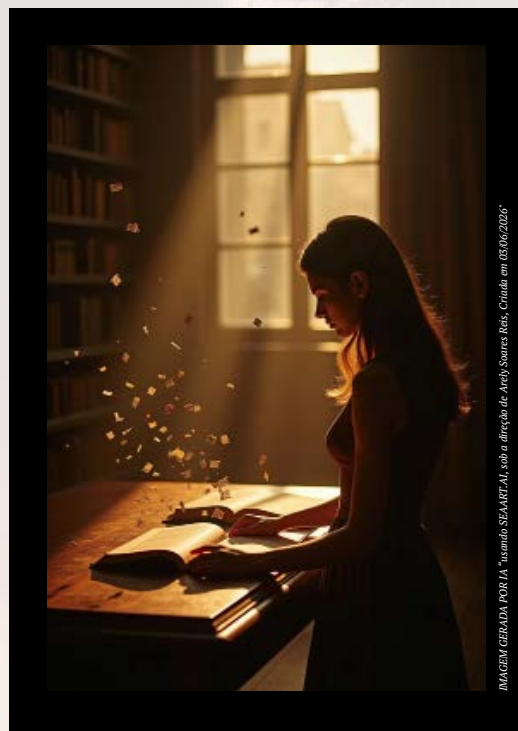
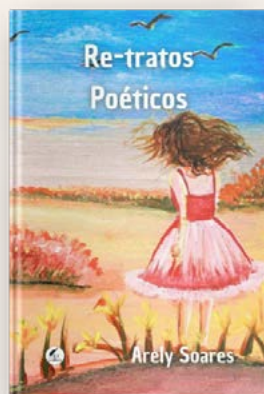


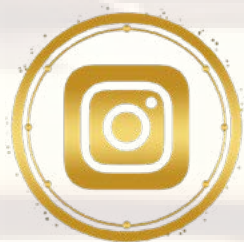
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMRTAI", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026

LIVRO DA AUTORA

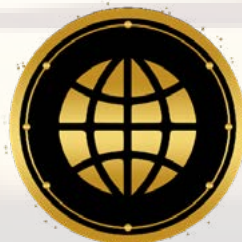


[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE



LIVRO: NOITES BRANCAS

AUTOR: FIÓDOR DOSTOIÉVSKI



CLICK AQUI

Existem milhares de livros que, provavelmente, jamais leremos ao longo da vida. Entre leitores, há inúmeros questionamentos sobre o que define uma obra como "incrível" ou "ruim". No entanto, acreditamos que tal definição só se concretiza na particularidade do sentir de cada indivíduo. Ou seja: se uma narrativa não tocou o coração de um, mas foi capaz de comover outro, isso já significa muito. Portanto, o ato da leitura vai muito além de decifrar palavras e expressões cultas; ler é imersão, é compatibilidade, é sentir através do pouco dizer. É ouvir com os olhos da alma.

Ao compartilhar a obra “Noites Brancas”, de Fiódor Dostoiévski, convido você, querido leitor, a mergulhar para sentir... e sentir profundamente!

Publicado originalmente em 1848, este romance centra-se na melancolia e na paixão idealizada. O narrador-protagonista não possui nome, sendo conhecido apenas como o “Sonhador”: um homem que vive atado às ruas de sua própria solidão, guiado por uma imaginação profunda.

O enredo, lírico e acessível, narra o encontro entre esse jovem solitário e Nástienka, uma moça de coração partido. O momento em que seus caminhos se cruzam, enquanto ele caminha pela gélida São Petersburgo, não é um evento qualquer; é uma conexão imediata.

Imagine-se, leitor, encontrando alguém com quem você se conectasse tão rapidamente em apenas quatro noites de conversa? É exatamente o que ocorre entre o Sonhador e Nástienka: um encontro que traça um novo destino e oferece a ele uma perspectiva inédita diante da vida.

A partir desse laço, para o nosso protagonista, coisas extraordinárias parecem possíveis. Contudo, paira a dúvida: estaria ele sonhando excessivamente?

Este livro nos captura com singeleza e mistério, em um cenário onde a noite parece nunca escurecer e as luzes da desilusão e do amor brilham na mesma intensidade. A ambientação primorosa, aliada ao enredo, encanta-nos sobremaneira e nos impele a folhear as páginas com entusiasmo. Temas como amor, solidão, pertencimento e abismos existenciais convidam-nos a transitar entre o devaneio e a realidade.

Não avançaremos mais nos detalhes desta magnífica obra. Entretanto, desejo que você a leia na íntegra e se surpreenda com o seu desfecho. Asseguro que tanto o título quanto o autor são referências literárias indispensáveis; não há motivos para hesitar nesta escolha.

Vamos caminhar pela Rússia de Dostoiévski e compreender o espírito real de Noites Brancas?

POST NO SITE



LIVRO: NÃO ME ABANDONE JAMAIS

AUTOR: KAZUO ISHIGURO



CLICK AQUI

Toda obra carrega um enigma, mas há livros cujos segredos instigam o leitor de forma muito mais profunda. Sabe aquela história que nos tira o fôlego e faz com que queiramos ler "só mais uma página" sem parar? Esta indicação de leitura se revela precisamente assim: uma narrativa introspectiva e, de certa forma, astuta em seus relatos.

Em "Não Me Abandone Jamais", Kazuo Ishiguro constrói um enredo de tamanha densidade que, para um leitor atento, torna-se um prazer contemplar cada desdobramento sem perder um único fio da trama. A história é conduzida por Kathy H., uma mulher de 31 anos que revisita sua infância em Hailsham, um internato exclusivo na Inglaterra. A narrativa envolve três amigos — Kathy, Ruth e Tommy — que cresceram juntos nesse local, carregando uma condição especial que o leitor descobre gradualmente.

O que se pode antecipar é que essas crianças possuem destinos traçados desde o nascimento. A partir desse cenário emocionalmente carregado, somos confrontados com questões sobre a egocentricidade humana e a desigualdade. O texto flui entre incertezas, angústias e revelações; um convite irresistível à curiosidade.

É fascinante como a narradora resgata os fatos de sua infância, desatando os nós de suas recordações. São diversos enigmas revelados aos poucos, como um quebra-cabeça cujas peças o leitor vai encontrando até que o quadro final se complete. Um desafio intelectual e emocional.

Ishiguro nos faz mergulhar cronologicamente nessas memórias — um recurso literário que, quando bem articulado como nesta obra, torna-se puro encanto. O autor nos desperta empatia pelos protagonistas, fazendo-nos sofrer e embarcar em uma poderosa metáfora sobre a vida e a finitude.

Os temas centrais perpassam a busca por certezas, a coisificação do indivíduo, o amor e a força das lembranças. Trata-se de uma obra magnífica que jamais flerta com a superficialidade. Ela nos obriga a refletir sobre a mortalidade e, acima de tudo, sobre o que nos define como humanos.

Não Me Abandone Jamais já diz muito a partir do próprio título. É um convite ao acolhimento e à reflexão profunda.

Até mais... abraços literários!

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

"O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"



38^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: "a formação cultural desde os primeiros anos"

39ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

PERÍODO DE 06 DE JUNHO À 31 DE JULHO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

16



MÁRCIA NEVES



Márcia Neves é graduada em Letras pela Unisantos, pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta e pós-graduanda em Psicologia Educacional; baiana de origem, vi-centina e santista de coração. Mamãe do Yohan, amante das letras e da poesia, defensora da educação. Autora dos livros "Grades de Liberdade"/poesias, "Poesia - o lugar encantado das crianças"/conto infantojuvenil, "Bucólicos"/haikais, "Xii ka ka - entre silêncios e gargalha-das"/conto infantojuvenil, "Ninguém ronca mais que eu"/infantil e "Telúricos"/haikais. Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias; coautora nos Fanzines "Korja Sacrílega" e "Semeaduras de lume, para noites transgressoras".

VILÃO, DESAFIO OU SOFRIMENTO?

Estimados leitores,

É com grande satisfação que a Coluna Nossa Literatura – Virtudes Poéticas apresenta mais uma edição na The Bard, revista internacional dedicada à palavra que provoca, à reflexão que inquieta e ao pensamento que nos convida a olhar o mundo com mais profundidade.

Nesta 38ª edição, convido vocês a dialogarem com questões urgentes do nosso tempo, da educação à comunicação, da escuta ao silêncio, das palavras que nos constituem às relações que nos transformam. Este artigo nos convida à pausa, à leitura atenta e, sobretudo, ao exercício de pensar junto.

Acredito que a palavra escrita e falada ainda é um dos mais potentes instrumentos de transformação social. Por isso, mergulhar nesse texto como quem fala e escuta, com curiosidade, espírito crítico e abertura ao diálogo, vai além de qualquer reflexão poética, é um grito ínfimo de solidariedade.

Que esta leitura seja provocadora, inspiradora e, acima de tudo, significativa.

E se ressoar em vocês, passem adiante, compartilhem!

Reitero minha gratidão por estarem conosco na The Bard.

Boa leitura!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

"Apesar de tudo, há ainda as palavras que nos metem medo. Delas irrompe a cega proliferação de imagens. Porque se ao princípio era o nome, foi dos nomes que nasceram as coisas."

Helberto Helder

No processo de sobrevivência, a linguagem emergiu como ferramenta essencial para o estabelecimento de regras e condutas. Por meio dela, o ser humano garante sua participação na sociedade ao longo da vida. À medida que o tempo avança e as tecnologias se renovam, comunicar-se torna-se ainda mais necessário, especialmente

em um mundo globalizado e transformado pela internet, que revolucionou até mesmo a mente humana.

Mas, paradoxalmente, em tempos cada vez mais conectados, a citação de Graciliano Ramos "a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer" ganha ain-

da mais relevância. A palavra não é um acessório: ela possui corpo, ocupa espaço e protagoniza a essência do pensamento e do sentimento humano. Dizer é como sentir, sem clareza, vira, além de desorganização, muita confusão. E quando não somos ouvidos, o que sentimos pode se transformar em sofrimento silencioso.

VILÃO, DESAFIO OU SOFRIMENTO?

Ainda na pré-história, o homem descobriu que poderia criar mecanismos de organização e viver melhor em grupo. Para isso, a comunicação tornou-se sua principal aliada. Foi, e continua sendo, um dos maiores avanços da humanidade, uma tecnologia sofisticada e inegável. Contudo, junto a essa conquista, surgiram problemas que persistem até hoje.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

É natural que o ser humano se expresse e queira manifestar seus sentimentos e defender suas convicções. Porém, nesse processo de aprendizado e convivência, surge a necessidade de uma habilidade fundamental: a escuta. Não à toa, conhecemos a máxima atribuída a Pitágoras: "Escuta e serás sábio; o segredo da sabedoria é o silêncio." A escuta atenta é uma virtude, enquanto falas precipitadas tornam-se meros ruídos na comunicação.

No ambiente escolar, esses ruídos têm protagonizado o cotidiano dos estudantes e dificultado a organização e condução de processos que dependem de harmonia para se consolidar. São muitas camadas que se transformam em desafios nas mãos dos professores, mas a agitação, a falta de concentração e a ausência de escuta ativa têm sido os maiores vilões. Mais do que isso: geram frustração, ansiedade e um sentimento de invisibilidade em crianças e adolescentes que precisam ser vistos e compreendidos.



Esse fenômeno, porém, não se restringe à escola. No ambiente familiar, é igualmente comum percebermos, até entre os adultos, uma necessidade de fala muito maior que de escuta. O diálogo genuíno cede espaço ao monólogo disfarçado, onde cada um espera apenas sua vez de falar, sem verdadeiramente ouvir o outro. O resultado? Relações sem sentido, conflitos não resolvidos e um sofrimento compartilhado que raramente é nomeado ou é mal interpretado, podendo desencadear outros fatores, como isolamento, depressão, etc.

É comum ouvirmos que crianças e adolescentes são "desafios"

para os professores. Na verdade, não se trata apenas disso. Crianças e adolescentes atravessam fases de desenvolvimento pessoal, cognitivo e social que exigem cuidado e orientação de famílias e profissionais. O que parece estar ocorrendo é uma "desaprendizagem" do ato de escutar, e isso, sim, não se trata somente de desafio, mas também de sofrimento. Um desafio que, quando ignorado, transforma-se em dor para todos, inclusive para os professores que não conseguem desenvolver seu trabalho com eficiência e tendem a querer controlar e resolver situações que fogem de sua responsabilidade.

Final, quando falar já não é dizer, a falta de escuta é, ao mesmo tempo, vilão, desafio e sofrimento. Vilão porque sabota o processo educativo; desafio porque exige mudança de postura de todos os envolvidos, essencialmente dos professores que coordenam salas de aulas numerosas; e sofrimento porque reverbera diretamente no trabalho e na saúde do professor, que precisa se fazer ouvido, mas não tem quem o escute. Nesse ciclo de surdez coletiva, todos perdem: alunos, famílias e, especialmente, aqueles que dedicam suas vidas a ensinar. Cabe às famílias, portanto, assumir seu papel fundamental na educação para a escuta, cultivando desde cedo, no seio familiar, a capacidade de ouvir com atenção e respeito. Sem essa base, a escola SOZINHA não conseguirá reverter um problema que se constrói, ou se desconstrói, primeiramente em casa.

Nesse contexto, todos temos a necessidade primeira de aprender a ouvir e utilizar o nosso silêncio para perceber o mundo.

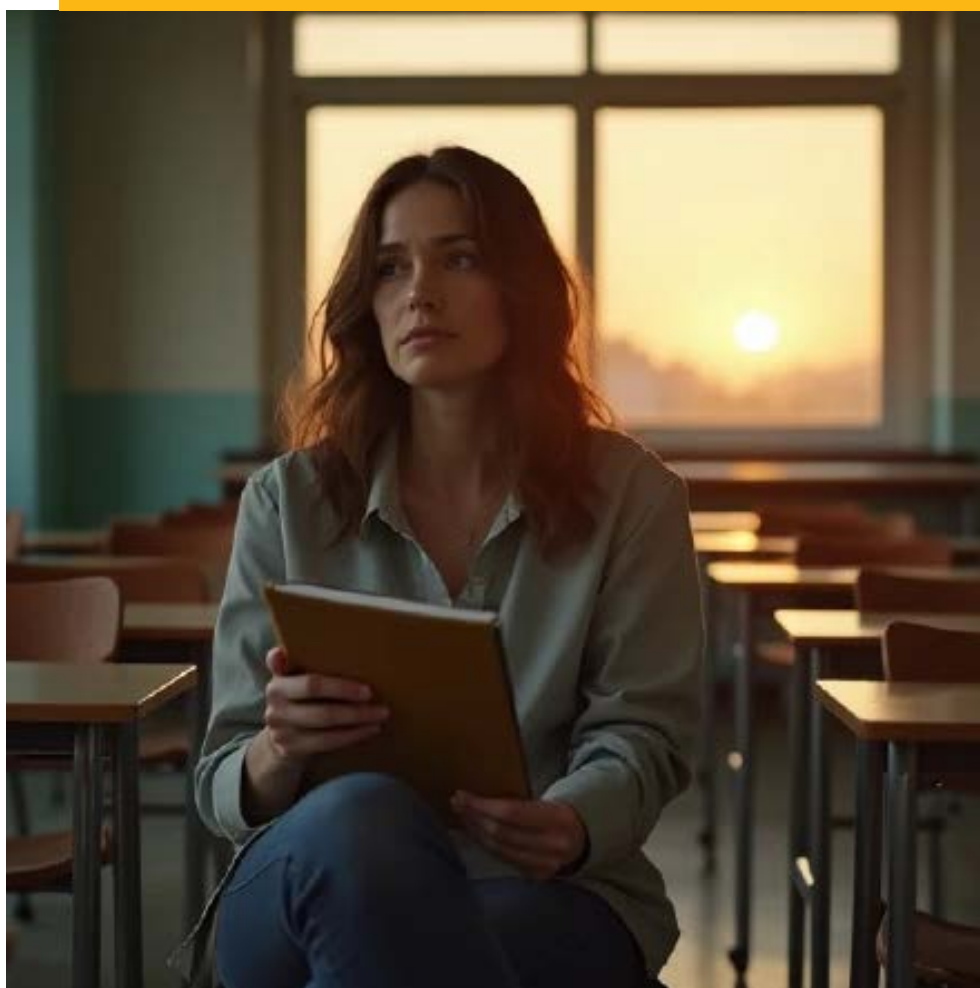


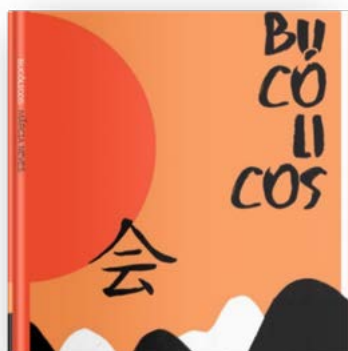
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ALINE ABREU SANTANA



Jornalista, autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, escritora científica acadêmica, professora de Português e Literatura e colunista da THE BARD. Doutora Honoris Causa, recebeu o título de Comendadora do Brasil, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e na AMLH. Foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture - na França. Fundadora da OneLife Consultoria Educacional e da EscreverArte/Unira Educação, bem como do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

“A GEOGRAFIA DE QUEM FALA DEMAIS”

A reunião começou como quase todas as reuniões on-line educacionais começam: com microfones fechados, câmeras indecisas e aquele constrangimento digital que paira no ar como quem pergunta, sem coragem de dizer em voz alta, se alguém vai mesmo conseguir transformar uma tela em encontro.

Eu estava ali, sentada diante do computador, com uma xícara já fria ao lado, o cabelo preso sem muita convicção e o bloco de anotações aberto sobre a mesa. Era um daqueles eventos sobre educação, linguagem e práticas pedagógicas. Gente de muitos

lugares, formações, idades e sotaques. O tipo de espaço que, em teoria, reúne vozes. Na prática, às vezes, reúne silêncios constrangidos e conexões instáveis.

A mediadora, sorridente e organizada, propôs a primeira rodada de apresentações.

- “Vamos fazer algo breve”, ela disse. “Nome, cidade e uma palavra que represente o que vocês esperam deste encontro.”

Breve.

Essa palavra, quando entra numa reunião on-line, quase sempre entra sozinha e sai desacompanhada.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROK-AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026”

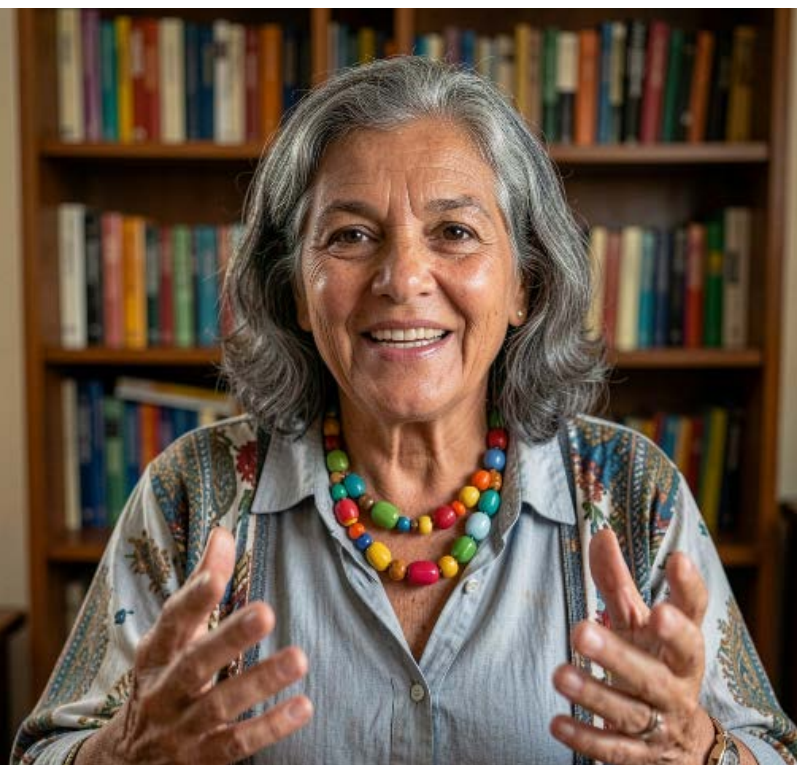


IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFIC.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

Maria de Fátima continuou.

Falou da infância, da escola normal, da primeira turma, da diretora rígida, do tempo em que mimeógrafo era tecnologia de ponta, das dificuldades da pandemia, dos netos, da fé, da merenda escolar, da sala multisseriada, da reforma ortográfica, da alfabetização e de uma vizinha que, segundo ela, "nunca aprendeu a usar vírgula, mas faz um acarajé que é uma poesia".

Lallo, que passava atrás de mim naquele instante com um copo d'água na mão, ouviu uns segundos da fala e perguntou em tom baixo:

- "Essa parte da reunião já é o curso inteiro ou ainda é a apresentação?"

Tive vontade de rir, mas contive. Maria de Fátima seguia inteira no entusiasmo de quem não falava apenas de si, mas do mundo inteiro que carregava na garganta.

- "Ela está falando pelos cotovelos", sussurrei.

Lallo encostou no batente da porta.

- "Engraçada essa expressão", ele disse. "Porque, até onde eu sei, cotovelo não fala."

- "Mas parece que acompanha", respondi.

As primeiras apresentações vieram tímidas, quase obedientes. "Ana, Recife, troca." "Marcos, Curitiba, escuta." "Juliana, Goiânia, aprendizagem." Tudo caminhava bem. Ritmado. Econômico. Civilizado.

Até que chegou a vez de uma senhora de voz firme, câmera ligada, estante cheia ao fundo e um colar de contas grandes que parecia também querer participar da conversa.

- "Boa noite, meus amores", ela começou, com a autoridade de quem não apenas entrou na sala, mas tomou posse dela. "Eu sou Maria de Fátima, falo de Salvador, sou professora há trinta e sete anos, mas se eu for contar desde o tempo da catequese, porque eu comecei muito cedo a ensinar os meus irmãos, aí vocês podem colocar mais alguns anos nessa conta..."

Olhei para a barra inferior da tela. O microfone dela seguia aberto. A câmera, firme. A disposição dela, infinita.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"



E foi aí que a expressão começou a crescer em mim, como tantas vezes acontece. Uma frase feita, dessas que a gente usa sem pedir documentos, de repente exigiu investigação. “Falar pelos cotovelos.” Que imagem curiosa. Que excesso curioso. Que corpo curioso. Não basta a boca. Não basta a língua. Não bastam as mãos. É como se a pessoa falasse tanto, tanto, tanto, que até os ossos quisessem entrar na conversa.

Na tela, a mediadora ensaiava delicadamente um corte.

- “Professora Maria, que riqueza ouvi-la...”

Mas Maria de Fátima ainda não havia chegado nem à metade do que considerava essencial.

- “Porque vejam bem, eu ainda nem entrei na parte da palavra que eu escolhi, que é ‘esperança’, mas não

essa esperança abstrata, não, eu digo a esperança concreta, aquela que usa sapato confortável e vai à luta...”

Lallo riu.

- “Eu gosto dela.”

- “Eu também”, eu disse. “Mesmo falando pelos cotovelos.”

A expressão, então, ficou me rondando enquanto a reunião seguia. Pensei no quanto ela é portuguesa em seu exagero imagético. Dizer que alguém fala muito seria simples demais. Nossa língua raramente se contenta com o simples quando pode escolher o expressivo. E o português, tão dado ao corpo, aos gestos, às metáforas quase físicas, escolheu justamente os cotovelos. Talvez porque quem fala demais geralmente gesticule. Talvez porque o corpo todo entre na fala. Talvez porque, em certos casos, as palavras

saíam pelos lados, pelas dobras, pelas juntas.

Mais tarde, quando a mediadora enfim conseguiu reorganizar a ordem do encontro e jogou um vídeo na tela para “respirarmos um pouco”, abri discretamente uma aba no navegador e fui atrás da expressão como quem vai atrás de uma pessoa antiga.

Descobri, ou melhor, relembrei, que em espanhol se diz praticamente a mesma coisa: *“hablar por los codos”*. E achei bonito isso. Tão perto de nós, os hispanofalantes mantiveram a mesma imagem corporal. Também por lá o excesso verbal se derrama pelos cotovelos. Como se Península Ibérica e América Latina compartilhassem não só raízes linguísticas, mas também um certo gosto pela fala encarnada, pela palavra que ocupa espaço, faz curva, se mexe junto com o corpo.

No inglês, a imagem muda. Em vez de cotovelos, aparecem as orelhas. *“To talk someone’s ear off”*, falar até arrancar a orelha de alguém. Ri sozinha diante da tela. Os ingleses, ou pelo menos a expressão em inglês, parecem menos preocupados com quem fala e mais com o sofrimento do ouvinte. Faz sentido. Há culturas em que a conversa em excesso é vista como invasão, como ultrapassagem de um limite individual. A orelha, coitada, paga a conta.

Também há a expressão britânica *“talk nineteen to the dozen”*, falar dezenove para cada doze, como se a fala fosse medida em desproporção, em velocidade, em atropelo numérico. E eu achei isso profundamente inglês. Até o exagero deles parece contabilizado.

No francês, a coisa ganha outra musicalidade: *“parler comme une mitrailleuse”*, falar como uma metralhadora. Já não é mais o corpo que fala demais. É a máquina. A oralidade vira rajada, disparo, sucessão rápida e quase automática. No italiano, a imagem se suaviza e ao mesmo tempo se expande: *“parlare a macchinetta”*, falar como

uma maquininha, ou *“parlare come un fiume in piena”*, falar como um rio cheio. Ah, os italianos. Mesmo quando querem apontar o excesso, o fazem com alguma beleza. Um rio cheio transborda, sim, mas também fertiliza. Leva, arrasta, ocupa, mas não deixa de ser água em movimento.

No alemão, por sua vez, a fala excessiva vira cachoeira: *“wie ein Wasserfall reden”*. Falar como uma cachoeira. E de repente eu entendi que cada povo escolhe, para o excesso, aquilo que vê, ouve, teme ou admira com mais frequência. Uns pensam no corpo. Outros na máquina. Outros na natureza. Outros no dano. Outros no fluxo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

E talvez seja exatamente isso que a língua faça com a cultura: ela não apenas traduz o mundo, ela revela o que cada povo enxerga quando o mundo transborda.

Voltei para a reunião com essas imagens todas abrindo e fechando dentro de mim. A mediadora já tinha passado para a etapa dos grupos menores. Fomos divididos em salas simultâneas, essas pequenas caixas virtuais em que, de repente, desconhecidos precisam agir como se já compartilhassem intimidade.

Na minha sala estavam um professor do interior de Minas, uma coordenadora do Maranhão, duas alunas de pedagogia, uma orientadora de São Paulo e, para minha surpresa, a própria Maria de Fátima.

- “Agora vai”, pensei. “Ou a sala voa, ou afunda.”

A proposta era simples: comentar uma experiência educativa marcante em no máximo dois minutos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

A orientadora leu a instrução em voz alta e acrescentou:

- "Gente, vamos tentar respeitar o tempo, tá?"

Maria de Fátima assentiu com a cabeça. Aquele assentimento me pareceu perigosamente educado.

A primeira participante falou de um projeto de leitura. O professor mineiro comentou sobre rádio escolar. Uma das alunas se emocionou ao contar da alfabetização da avó. Tudo muito bonito, muito cabível, muito dentro do tempo.

Até que chegou novamente a vez dela.

- "Eu vou ser breve", disse Maria de Fátima.

Lallo, que tinha voltado para perto de mim com seu café, ouviu isso ao passar e murmurou:

- "Mentiu já na oração principal."

Quase engasguei.

Mas, curiosamente, naquela segunda fala, ela não se perdeu. Falou

muito, sim. Mais do que os dois minutos previstos, também. Mas havia ali uma energia que já não me irritava. Havia uma humanidade difícil de rejeitar. Maria de Fátima contou de um menino que aprendera a ler aos onze anos, já desacreditado por todos. Contou da mãe dele, que chorou ao vê-lo lendo a placa do ônibus. Contou que, naquele dia, entendeu que alfabetizar não era ensinar sílabas, mas devolver caminhos.

A sala ficou em silêncio.

Dessa vez, um silêncio respeitoso, aquecido, quase reverente.

Quando ela terminou, ninguém ousou interromper com cronômetro.

Foi então que percebi que nem todo "falar pelos cotovelos" é igual. Há os que falam demais porque têm horror ao vazio. Há os que falam por ansiedade. Há os que falam por vaidade, por medo, por necessidade de controle. Mas há também os que falam muito porque a vida lhes deu matéria demais. E, nesses casos, o excesso não é necessariamente falta de medida. Às vezes é sobra de mundo.

Anotei isso no meu caderno.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

- “Sobra de mundo.”

A reunião terminou quase duas horas depois. Quando fechei a câmera e desliguei o microfone, fiquei olhando a minha própria imagem sumir da tela. A casa estava quieta. Lallo sentou-se na cadeira ao lado.

- “E então?”, perguntou.

- “Então que eu comecei achando que ela falava pelos cotovelos...”

- “E?”

- “E continuo achando”, respondi. “Mas agora acho isso com ternura.”

Ele apoiou os braços na mesa.

- “Talvez o problema nunca seja falar muito.”

- “Talvez”, eu disse.

- “Talvez o problema seja quando ninguém escuta o que realmente está sendo dito.”

Fiquei olhando para ele por alguns segundos. Havia dias em que Lallo passava horas sem dizer quase nada. E, no entanto, quando dizia, fazia parecer que o mundo havia esperado por aquela frase.

- “Você já reparou”, perguntei, “que as expressões sobre falar muito revelam muito mais do que parecem?”

- “Como assim?”

- “Veja. Em português e espanhol, a fala ocupa o corpo. No inglês, ela agride a orelha do outro. No francês, vira rajada. No italiano, pode ser máquina ou rio. No alemão, cachoeira. Cada língua escolhe uma imagem. E cada imagem diz alguma coisa sobre a forma como aquela cultura enxerga o excesso.”

Lallo fez que sim com a cabeça.

- “E o que o português diz?”

Pensei um pouco antes de responder.

- “Que falar demais não é só som. É gesto. É corpo. É presença. É exagero encarnado.”

- “Bem brasileiro isso também.”

- “Bem nosso”, corrigi.

Porque talvez seja mesmo. Num país em que a conversa começa na fila do pão, atravessa a calçada, invade o elevador e termina com convite para café, falar nunca foi apenas transmitir informação. Falar é estabelecer clima. É quebrar gelo. É testar confiança. É oferecer presença antes mesmo de oferecer conteúdo. O brasileiro, muitas vezes, fala para acolher, para existir em coletivo, para tornar o espaço menos hostil.



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICAI, sob a direção de Yana Lavrina, Criada em 03/06/2025"

Claro, há excessos. Sempre há. Quem fala demais pode atropelar. Pode cansar. Pode não ouvir. Pode fazer do encontro um monólogo decorado de convivência. Mas também é verdade que, entre nós, o silêncio prolongado demais costuma ser suspeito. Pode soar tristeza, raiva, distância, arrogância. Nossa cultura, de algum modo, aprendeu a desconfiar do silêncio e a investir na conversa como ponte.

Talvez por isso “falar pelos cotovelos” não seja só crítica. Às vezes é também diagnóstico afetuoso. Uma bronca com laço. Uma forma de dizer: você exagera, sim, mas eu reconheço a sua humanidade no exagero.

Fui para a cozinha lavar a xícara já esquecida na mesa. A água corria e eu pensava na professora de Salvador, na cachoeira alemã, no rio italiano, na metralhadora francesa, na orelha inglesa arrancada pela fala alheia. E pensava em como a linguagem se diverte em escolher partes do mundo para explicar o mesmo comportamento.

No fundo, ninguém fala apenas pela boca.

Falamos pela pressa. Pela carência. Pela cultura. Pela família. Pelo lugar onde fomos criados. Falamos pela memória de casas barulhentas ou de casas silenciosas demais. Falamos pelo medo de não sermos notados. Falamos pelo prazer de sermos ouvidos. Falamos porque a palavra, em certos dias, é o único jeito que temos de pedir companhia.

Voltei para a sala e encontrei Lallo mexendo no computador.

- “O que você está fazendo?”

- “Pesquisando.”

- “O quê?”

- “Quero saber se existe alguma expressão em algum lugar do mundo para quem fala pouco e pensa muito.”

Sorri.

- “Se não existir, você inventa.”

Ele me olhou com aquele meio sorriso dele, tão econômico que parece sempre vir do lugar exato.

- “E você escreve”, respondeu.

Talvez seja isso.

Uns falam pelos cotovelos.

Outros calam pelos olhos.

E no meio disso tudo, as línguas seguem fazendo o que sabem fazer melhor: transformar comportamento em imagem, imagem em cultura, cultura em espelho.

Naquela noite, antes de dormir, pensei novamente em Maria de Fátima. Imaginei seus alunos, sua sala, sua voz rodando pelos corredores da escola, quebrando o gelo, ocupando os espaços, às vezes cansando, às vezes salvando. E me dei conta de que certas pessoas não falam apenas muito. Elas falam para manter o mundo aquecido.

E talvez o mundo, às vezes, precise mesmo disso.

De alguém que fale pelos cotovelos.

Desde que, de vez em quando, fale também pelo coração.

PARA SABER MAIS:

EXPRESSÃO / IDIOMA	SENTIDO	OBSERVAÇÃO CULTURAL
“Falar pelos cotovelos” – português	Falar demais, sem parar	A imagem sugere que a fala transborda tanto que até o corpo parece participar da conversa. Costuma ser usada de modo crítico, mas também afetivo.
“Hablar por los codos” – espanhol	Falar pelos cotovelos	Muito próxima do português, preserva a mesma metáfora corporal, o que mostra uma proximidade cultural na forma de imaginar o excesso da fala.
“To talk someone’s ear off” – inglês	Falar até arrancar a orelha de alguém	Aqui o foco não está em quem fala, mas em quem ouve. A imagem ressalta o incômodo causado pelo excesso verbal.
“Talk nineteen to the dozen” – inglês britânico	Falar muito e muito rápido	A expressão associa a fala ao exagero numérico e à velocidade, como se as palavras saíssem em descompasso.
“Parler comme une mitrailleuse” – francês	Falar como uma metralhadora	A comparação com uma rajada mostra a rapidez e a intensidade da fala, como algo quase mecânico.
“Parler sans arrêt” – francês	Falar sem parar	Forma mais direta e menos figurada para indicar fala contínua.
“Parlare a macchinetta” – italiano	Falar como uma maquininha	A imagem remete a um fluxo constante, ritmado e quase automático de palavras.
“Parlare come un fiume in piena” – italiano	Falar como um rio cheio	A metáfora é mais fluida e expressiva: a fala aparece como algo que transborda, ocupa espaço e avança.
“Wie ein Wasserfall reden” – alemão	Falar como uma cachoeira	A imagem da cachoeira destaca volume, continuidade e força, como se as palavras despencassem sem pausa.

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

ALINE ABREU SANTANA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



LINKEDIN



POST NO SITE



COLUNA *Dialética*

25



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.

Entre falar e dizer: uma dialética da palavra na era digital

Nunca se falou tanto. Nunca se escreveu tanto. Nunca se produziram tantas mensagens, imagens, áudios, vídeos, comentários, reações e opiniões.

Entretanto, paradoxalmente, talvez nunca a palavra tenha sido tão silenciosa.

Vivemos uma época em que bilhões de mensagens atravessam diariamente cabos submarinos, satélites e servidores espalhados pelo planeta, mas em que a comunicação parece afogar-se na própria abundância.

O século XXI assiste a um fenômeno singular: **a inflação da linguagem**. Como uma moeda submetida a uma emissão descontrolada, a palavra perde valor à medida que sua circulação se torna infinita.

Falar já não significa necessariamente dizer; ouvir já não significa compreender; estar conectado já não

significa estar em relação.

A modernidade tardia transformou a comunicação em uma espécie de atmosfera permanente. As redes sociais, os aplicativos de mensagens instantâneas, os sistemas de videoconferência e os algoritmos de recomendação criaram uma condição inédita na história humana.

Pela primeira vez, uma parcela significativa da humanidade encontra-se potencialmente conectada vinte e quatro horas por dia. Entretanto, aquilo que se apresenta como triunfo da comunicação frequentemente revela-se como sua negação.

A hiperconexão converte-se em hipersaturação.

A informação multiplica-se enquanto o significado se dissolve.

A teoria matemática da comunicação formulada por Claude Shannon ajuda a compreender esse paradoxo. Shannon demonstrou que a transmissão de informações poderia ser medida matematicamente por meio da redução da incerteza.

Em sua fórmula da entropia informacional, a quantidade de informação aumenta proporcionalmente à imprevisibilidade dos sinais transmitidos. Contudo, Shannon jamais se preocupou com o significado das mensagens.

Seu modelo analisava a eficiência da transmissão, não a profundidade do conteúdo. O resultado histórico foi curioso: a sociedade contemporânea tornou-se extraordinariamente eficiente para transmitir sinais, mas cada vez menos eficiente para produzir sentido.

A comunicação atual assemelha-se a uma gigantesca tempestade eletromagnética. Milhões de vozes cruzam-se simultaneamente, como partículas em um acelerador de colisões simbólicas.

O ruído cresce em proporção superior ao significado. O que Shannon chamava de "noise", o ruído do sistema, deixou de ser um elemento periférico para tornar-se a própria paisagem da experiência contemporânea.

Nesse contexto, as reflexões de Marshall McLuhan revelam uma impressionante atualidade. Quando afirmou que "o meio é a mensagem", McLuhan antecipava um mundo em que as plataformas moldariam a própria estrutura do pensamento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

O problema contemporâneo não reside apenas no que é dito, mas na arquitetura tecnológica que condiciona o dizer.

O formato breve das redes sociais, a lógica da velocidade e a busca incessante por engajamento transformam a palavra em mercadoria. O discurso deixa de ser espaço de reflexão para tornar-se produto de consumo instantâneo.

A linguagem passa então a obedecer aos imperativos do mercado. Cada frase compete por atenção em um oceano de distrações.

Cada opinião disputa visibilidade em um universo de estímulos. O resultado é uma comunicação submetida à lógica da aceleração.

O pensamento profundo torna-se economicamente desvantajoso. A reflexão exige tempo, mas a economia digital recompensa a rapidez.

Sob esse aspecto, as análises de Byung-Chul Han acerca da sociedade do cansaço tornam-se fundamentais.

Han argumenta que as sociedades disciplinares descritas por Michel Foucault foram substituídas por sociedades do desempenho. O indivíduo contemporâneo não é mais coagido principalmente por forças externas; ele explora a si mesmo voluntariamente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

O sujeito torna-se empresário de sua própria existência. Produz conteúdos, administra sua imagem, monitora sua produtividade e transforma sua subjetividade em capital simbólico.

Nesse cenário, a comunicação deixa de ser encontro para tornar-se performance. Não se fala para compartilhar experiências. Fala-se para permanecer visível. O silêncio passa a ser interpretado como ausência social.

A desconexão converte-se em suspeita. A própria interioridade é colonizada pela exigência permanente de exposição.

A física oferece uma metáfora reveladora para compreender essa condição. Em sistemas altamente energizados, partículas colidem continuamente, produzindo calor, turbulência e instabilidade.

Algo semelhante ocorre nas redes contemporâneas. O excesso de interação produz uma espécie de entropia social. Quanto maior a circulação de mensagens, mais difícil torna-se a estabilização de significados compartilhados.

O universo digital aproxima-se de uma explosão térmica perma-

nente, uma supernova comunicacional em que o brilho excessivo obscurece a visão.

A crítica de Jean Baudrillard aprofunda ainda mais essa percepção. Para Baudrillard, vivemos em uma era dominada pelos simulacros.

Os signos deixam de representar a realidade e passam a substituir a própria realidade. As redes sociais constituem talvez a expressão mais acabada desse processo.

Fotografias não registram experiências; produzem experiências destinadas a serem fotografadas. Palavras não descrevem emoções; fabricam emoções para consumo público.

O signo emancipa-se do real e passa a circular autonomamente.

Essa ruptura afeta diretamente a subjetividade. O sujeito contemporâneo encontra-se cercado por imagens de felicidade, sucesso, produtividade e realização.

Cada tela transforma-se em espelho e tribunal.

A comparação permanente gera ansiedade crônica.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 06/06/2026"

"Quando comunicar vira performance, o silêncio deixa de ser pausa e vira suspeita, e nossa interioridade se agita como partículas em colisão: muito calor, muita visibilidade, pouca conexão real."

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 06/06/2026"





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

A comunicação deixa de aproximar pessoas para transformá-las em concorrentes simbólicos.

As reflexões de Erich Fromm ajudam a compreender essa transformação.

Fromm, observava que as sociedades modernas deslocaram progressivamente o eixo da existência do "ser" para o "ter". Hoje talvez seja necessário acrescentar uma nova categoria: o "parecer".

O indivíduo não precisa ape-

nas possuir ou existir; precisa parecer possuir e parecer existir. A identidade converte-se em espetáculo.

A filosofia da linguagem oferece instrumentos decisivos para analisar esse fenômeno. Ludwig Wittgenstein afirmava que os limites da linguagem são também os limites do mundo.

Entretanto, o mundo digital expande indefinidamente os signos enquanto reduz progressivamente a experiência concreta.

Multiplicam-se os discursos sobre a vida ao mesmo tempo em que diminuem os espaços efetivos para vivê-la.

De modo semelhante, J. L. Austin demonstrou que falar é agir. Sua teoria dos atos de fala mostrou que certas palavras realizam ações concretas.

Prometer, declarar, jurar ou nomear são formas de transformar a realidade.

Contudo, a hiperprodução discursiva contemporânea produz um efeito paradoxal: a repetição excessiva enfraquece a eficácia performativa da linguagem.

Promessas multiplicam-se até perder credibilidade. Declarações sucedem-se até tornarem-se ruído.

Essa erosão da palavra possui consequências políticas profundas.

Jürgen Habermas defendia que a democracia depende da existência de uma esfera pública orientada pelo diálogo racional.

Entretanto, os algoritmos contem-



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

porâneos favorecem a polarização, o sensacionalismo e a fragmentação. A esfera pública transforma-se em arquipélago. Grupos comunicam-se incessantemente, mas raramente se encontram.

A comunicação de massas, estudada por pensadores como **Harold Lasswell**, já havia demonstrado a **importância de responder às perguntas fundamentais: quem diz o quê, por qual canal, para quem e com quais efeitos.**

Hoje essas perguntas tornaram-se ainda mais complexas.

Muitas vezes não sabemos quem

fala. Algoritmos, inteligências artificiais, perfis automatizados e sistemas de recomendação participam ativamente da circulação das mensagens.

O emissor dissolve-se.

O receptor fragmenta-se.

O canal multiplica-se.

A própria lógica da viralização aproxima-se de modelos epidemiológicos.

Informações propagam-se como vírus simbólicos. Algumas mensagens alcançam milhões de pessoas em poucas horas.

Outras desaparecem instantaneamente. **A atenção coletiva comporta-se como uma epidemia emocional sujeita a contágios, surtos e mutações permanentes.**

Entretanto, talvez o aspecto mais preocupante dessa transformação resida no enfraquecimento da escuta.

A comunicação pressupõe reciprocidade. Pressupõe a possibilidade de ser afetado pelo outro. Contudo, a cultura da hiperconexão estimula uma relação narcísica com a linguagem.

Cada indivíduo torna-se emissor permanente. Todos falam simultaneamente.

Poucos escutam.

As análises de Martin Buber revelam a gravidade dessa perda. Para Buber, a existência humana realiza-se plenamente na relação "Eu-Tu", no encontro autêntico entre sujeitos. A hiperconexão, entretanto, tende a converter o outro em objeto de consumo informacional.

O diálogo transforma-se em monólogo cruzado. A presença converte-se em perfil. A alteridade dissolve-se em estatística.

Vivemos assim uma época singular em que o planeta inteiro parece conectado por uma gigantesca rede nervosa digital.

Satélites orbitam a Terra transportando mensagens. Cabos atravessam oceanos.

Centros de dados consomem quantidades colossais de energia para sustentar o fluxo incessante de informações.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Nunca a humanidade construiu uma infraestrutura comunicacional tão monumental. Contudo, essa torre de Babel eletrônica frequentemente produz mais solidão do que encontro.

A hiperconexão promete proximidade, mas frequentemente entrega isolamento.

Promete diálogo, mas produz ruído.

Promete comunidade, mas estimula competição.

Promete liberdade, mas alimenta novas formas de dependência psicológica.

A palavra, outrora ponte entre consciências, corre o risco de transformar-se em mero reflexo automático de sistemas algorítmicos.

Quando falar já não é dizer, a linguagem aproxima-se do vazio.

Torna-se eco sem origem, repetição sem experiência, circulação sem encontro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

O desafio contemporâneo talvez não seja aumentar a quantidade de comunicação, mas recuperar sua densidade humana.

Em um mundo que transforma cada segundo em conteúdo e cada silêncio em ausência, a verdadeira resistência pode consistir justamente em devolver peso às palavras, profundidade à escuta e significado ao ato de comunicar.

Pois sem isso, permaneceremos conectados a tudo e, paradoxalmente, cada vez mais distantes uns dos outros.

Mas existe ainda uma dimensão mais profunda desse fenômeno. O esvaziamento da palavra não representa apenas uma crise da comunicação; representa uma crise da própria experiência humana.

Quando a linguagem perde densidade, a realidade também perde espessura. O mundo transforma-se em uma superfície lisa onde tudo circula, mas pouco permanece.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

A metáfora do rio, utilizada desde Heráclito para representar o fluxo da existência, parece insuficiente para descrever nosso tempo. Já não habitamos um rio.

Habitamos uma inundação. Somos arrastados por **correntes de informação** que não nos permitem sequer reconhecer a paisagem.

Essa condição foi antecipada por Paul Virilio ao desenvolver sua **teoria da dromologia**, o estudo da velocidade como força estruturante da sociedade moderna.

Para Virilio, toda aceleração tecnológica produz também um acidente correspondente.

O acidente do navio é o naufrágio; o acidente do avião é a queda; o acidente da comunicação global é o colapso da atenção.

A hiperconexão produz sua própria ruína interna. Quanto mais veloz se **torna o fluxo informacional, menor é a capacidade humana de assimilá-lo.**

Nesse sentido, a subjetividade contemporânea assemelha-se a uma cidade iluminada durante uma tempestade elétrica permanente. Relâmpagos de notícias atravessam o horizonte.

Notificações piscam como constelações artificiais.

Opiniões surgem e desaparecem com a velocidade de meteoros. Entretanto, sob toda essa luminosidade existe uma escuridão crescente: a incapacidade de elaborar simbolicamente a experiência.

As reflexões de Carl Gustav Jung ajudam a compreender essa dimensão. Para Jung, os símbolos constituem pontes entre a consciência e as profundezas da psique.

Contudo, a cultura digital tende a substituir símbolos por sinais.

O símbolo exige interpretação; o sinal exige apenas reação. O símbolo abre mundos; o sinal produz impulsos.

A sociedade contemporânea converte-se progressivamente em um gigantesco painel luminoso onde estímulos sucedem-se incessantemente sem alcançar as regiões mais profundas da alma.

Talvez por isso observemos um crescimento significativo de sentimentos de ansiedade, solidão e desorientação existencial.

A abundância de comunicação não produz necessariamente pertencimento.

O excesso de contatos não produz intimidade. O acúmulo de seguidores não produz amizade.

Como observava Zygmunt Bauman, vivemos em uma modernidade líquida onde os vínculos tornam-se frágeis, provisórios e descartáveis.

As relações humanas passam a seguir a lógica dos mercados financeiros: conexões rápidas, investimentos emocionais mínimos e permanente possibilidade de retirada.

Essa fragilidade também foi percebida por Richard Sennett, que identificou na cultura contemporânea uma corrosão gradual dos laços duradouros.

O indivíduo conectado encontra-se cercado por multidões digitais e, ao mesmo

tempo, frequentemente privado de comunidades concretas.

A praça pública foi substituída pela plataforma. O encontro foi substituído pelo acesso. A convivência foi substituída pela conexão.

Ao mesmo tempo, a crítica desenvolvida pelos pensadores da chamada **Escola de Frankfurt permanece extraordinariamente atual. Theodor Adorno e Max Horkheimer já advertiam que a indústria cultural possuía a capacidade de transformar consciência em consumo.**

No século XXI, essa previsão alcança níveis inéditos. A atenção tornou-se recurso econômico.

O tempo tornou-se mercadoria. As emoções tornaram-se dados. A própria linguagem passou a ser minerada por algoritmos capazes de transformar palavras em previsões de comportamento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

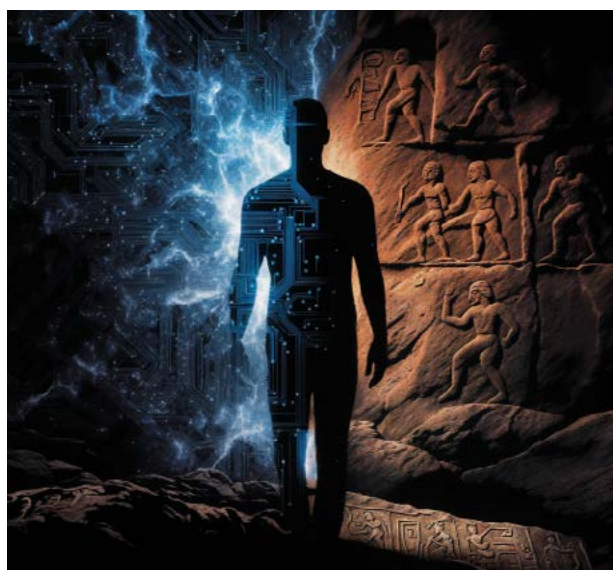


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

O que está em jogo, portanto, não é apenas uma transformação tecnológica, mas uma transformação antropológica.

O ser humano sempre contou histórias para organizar sua relação com o mundo.

Os mitos, as religiões, a filosofia, a literatura e a arte funcionaram como bússolas simbólicas diante da imensidão da existência.

Hoje, porém, essas narrativas competem com um fluxo contínuo de conteúdos fragmentados que raramente permitem contemplação ou profundidade.

A imagem mais adequada para compreender nosso tempo talvez seja a da antiga Biblioteca de Alexandria em chamas, mas invertida.

Na Antiguidade, o conhecimento desaparecia porque os livros eram destruídos.

Agora os livros permanecem, os arquivos permanecem, os dados permanecem, mas o excesso de informação ameaça produzir um esquecimento semelhante.

Não perdemos a memória por falta de registros; perdemos-la por saturação.

Por isso, a crise contemporânea da palavra não pode ser enfrentada apenas com mais tecnologia. Trata-se de uma questão ética, cultural e existencial.

Recuperar a potência da linguagem significa recuperar a capacidade de silêncio, escuta, contemplação e reflexão.

Significa devolver às palavras o peso que possuíam quando eram capazes de fundar mundos, selar compromissos, transmitir sabedorias e construir comunidades.

No fim, talvez o maior paradoxo de nossa época seja que a humanidade construiu a mais extraordinária rede de comunicação da história justamente quando começou a esquecer o significado do encontro.

Somos navegadores de um oceano digital sem margens visíveis. Cada tela funciona como um farol e, simultaneamente, como uma miragem.

Milhões de vozes ecoam através das fibras ópticas que atravessam continentes, mas muitas vezes essas vozes parecem percorrer corredores vazios.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMART AI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 06/06/2026"

E talvez seja precisamente aí que resida o desafio do século XXI: impedir que a palavra se transforme definitivamente em ruído. Impedir que a comunicação se converta apenas em circulação. Impedir que a conexão substitua a presença.

Pois quando falar já não é dizer, quando ouvir já não é compreender e quando estar conectado já não significa estar junto, a própria condição humana começa a correr o risco de tornar-se uma sombra projetada na parede luminosa das máquinas.

A tarefa de nosso tempo consiste em devolver alma à linguagem antes que a linguagem se torne apenas um reflexo automático dos sistemas que criamos para nos aproximar e que, silenciosamente, podem estar nos afastando de nós mesmos.

Clayton Alexandre Zocarato

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.

CICLO: A MUDANÇA E O MESMO

O iê! Nas próximas páginas, você encontrará uma reflexão sobre o tema da mudança. Afinal, por que é tão difícil aceitar que tudo muda e, ainda assim, em certos aspectos, tudo continua? Quais são as travas que dificultam lidar com o ineditismo da vida? Em um cenário atual tão conturbado e acelerado, as mudanças acabam “tirando o nosso chão”. Desejo que, de alguma forma, você saia daqui mais preenchido e, principalmente, mais você!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI", sob a direção de Tínia Lavínio, Criada em 03/06/2024."

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

Luiz Vaz de Camões

Mudam-se os tempos, mudam-se
as vontades.

Muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já foi coberto de neve fria,
e, enfim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz de mor espanto,
que não se muda já como soia.

Olá, como você está? A vida, por aí, anda mudando aceleradamente como por aqui? Tempos frenéticos anestesiavam e fragmentam, e facilmente nos distanciam do que importa. Sempre que penso em mudança, lembro do poema acima, especialmente dos versos: “Todo o mundo é composto de mudança / tomando sempre novas qualidades”. O velho poeta, que tantos naufrágios viu com os olhos do corpo e tantos outros com os da alma, sabia do que falava: a vida não é uma linha reta que vai

do berço ao túmulo em suave declive, mas um redemoinho, um remoinho de folhas secas que ora sobem aos céus, ora se espatifam no chão.

Temos vivido tempos desafiadores, é verdade. De intensas e significativas transformações. Mas quando não foram difíceis os tempos?

Quando é que acordamos e dissemos: “Ah, que bom, hoje o mundo resolveu parar de girar para que eu possa descer sem tontura”?

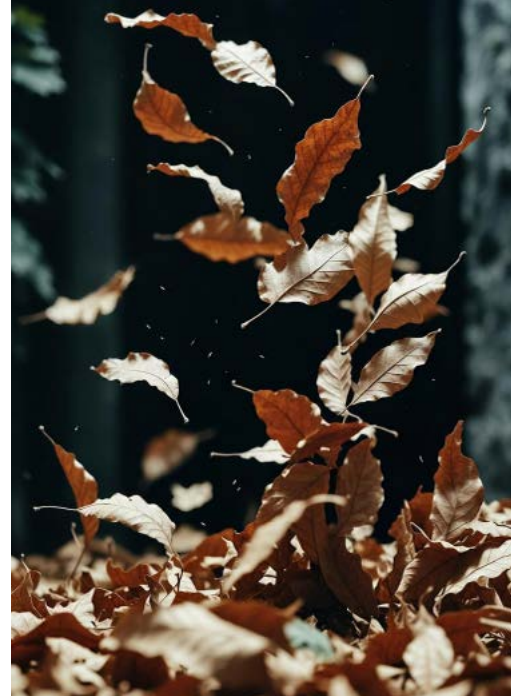


IMAGEM GERADA POR IA “usando GROKAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026”

Para mim, uma imagem possível é a montanha-russa: constante sobe e desce emocional. Há semanas em que somos lançados para o alto, o estômago grudado na espinha, o vento assobiando nos ouvidos da esperança. Na semana seguinte, despencamos de roldão, e aquela mesma velocidade que antes nos parecia vertigem prazerosa agora é puro terror. O problema não é a montanha-russa em si, diga-se de passagem. A questão é que ninguém nos entregou o manual de instruções antes de embarcar. Não sabemos onde estão os freios, não sabemos se o cinto de segurança vai suportar a próxima curva. E essa é a loucura da vida, não é? Uma incerteza permanente!

Como você lida com a incerteza da vida? Ou, dito de outro modo: qual ilusão você cria e habilmente sustenta para fazer crer a si mesmo(a) que tem o controle da própria vida? Como você lida com a incerteza da vida?

Também tenho pensado bastante na figura do deserto (sim, ando mais filosófica do que o habitual, é verdade). Não aquele das pirâmides e dos camelos de posts instagramáveis, mas o deserto interior, aquele que se instala quando todas as referências se apagam. Em algum momento, será preciso enfrentá-lo em nós. Nas palavras de Alexandre Coimbra Amaral, psicólogo respeitado: “Em muitos momentos, muito mais até do que imagináramos ser razoável, a vida perde o sentido. O sentido da vida tem data de validade, mas nunca sabemos ao certo quando ele chegará. Estar vivo é in-

cessantemente reinventar o sentido do próprio viver.”

O deserto não é castigo, como insistem os moralistas de plantão. É, antes, um território de prova, de experimentação, um lugar no qual a alma aprende a andar sem muletas. Às vezes, também é onde aprende a cair e a ficar no chão até recompor as forças. Deserto não é morada; é transição, lembra? Dói, desconforta, parece um erro. Mas, se esse enfrentamento é inevitável, vale recordar o óbvio: os ciclos se alternam. A renovação é a lei imbatível da natureza.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK-AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

Por quais desertos você já passou? Olha aí: escrevi “já passou” porque, tenho certeza, você não mora neles. Pode até estar vivendo agora em outro novo deserto, mas até ele se renovar e seguirá sua tarefa exemplar: fazer renascer das próprias cinzas, assim como a fênix.

Nas palavras de Heráclito: “Não há nada permanente a não ser a mudança.” O filósofo grego, que viveu em uma época de guerras e desmoronamentos (tal como a nossa, aliás, somente com roupagens diferentes), percebeu algo que a humanidade insiste em esquecer: o repouso é a exceção, o movimento é a regra. Mas calma: essa ideia não é uma apologia ao produtivismo que nos escraviza dia e noite e nos tira a experiência de viver, OK? Até a montanha, que nos parece tão sólida e definitiva, é feita de lentíssimo desmanche.

E, como as verdades universais são atemporais, revestidas apenas do colorido “local”, também dizem os chineses, com sua delicadeza cortante: “Sempre a primavera, nunca as mesmas flores.” Eis aí um dos mais belos aforismos já produzidos pela inteligên-

cia humana. Ele consola e fere ao mesmo tempo. Console-se, porque promete o retorno da estação das flores. Fere porque nos lembra que as flores que amamos no ano passado já se foram para sempre. A primavera volta, sim, mas nunca com o mesmo ramalhete.

E, já que trouxe as flores, vale lembrar também das belíssimas cerejeiras no Japão: um convite reiterado à contemplação da beleza e da impermanência da natureza. Diante das mudanças inevitáveis, sempre há o convite, imperativo, para a renovação. Simples assim. “Só que não.” Porque entre o convite e a aceitação vai uma distância maior do que a que separa o céu da terra, e é nesse vão que a gente se perde e se encontra.

Negar a impermanência da natureza é sandice. Concorro. Mas sandice também é achar que a razão governa o coração. Acostumados ao convencional, ao perene, ao que já conhecemos e nos dá segurança, temos ainda bastante dificuldade de aceitar o novo: um emprego, um país, uma moradia, uma relação amorosa, uma condição física, enfim, a nova vida que, a cada dia, ressurge veemente à janela do nosso quarto.



E ela está sempre ali, a nova vida. Não precisa bater à porta, porque a porta é ela mesma. Basta abrir os olhos de manhã e perceber que o corpo que ontem doía hoje dói de outro jeito, que o pensamento que ontem nos atormentava hoje deu lugar a outra inquietação. A novidade não é um acontecimento raro. É a matéria-prima de cada segundo.

Há espaço para o inédito em sua vida?

Em geral, quando algo sai do nosso desejo, esperneamos e pensamos que “Deus nos abandonou”. Atitude infantil. Imatura. Mas também profundamente humana. Quem nunca, diante da perda ou da frustração, sentiu um aperto no peito e murmurou um “Por que comigo?” Negamos, choramos, emburramos, adoecemos e, por fim, exaustos, consentimos, meio a contragosto, maldizendo o cruel destino que, impiedoso, nos faz sofrer.

O grande escritor tcheco Milan Kundera disse certa vez que a vida é uma guerra de todos contra todos, e o inimigo mais traiçoeiro é o passado, que insiste em se apresentar como futuro. Por isso relutamos tanto: porque cada mudança nos confronta com a verdade incômoda de que o tempo não é um rio que corre mansamente para o mar, mas um torvelinho que nos joga para a frente enquanto tentamos olhar para trás.



Nesse contexto, a relutância significa desgaste desnecessário e luta perdida. A vida tem um propósito claro: garantir que o aprendiz ganhe autonomia e dê voos mais altos. Mas ninguém disse que a escola seria um piquenique. A vida é uma professora exigente, dessas que não aceitam atestado médico e que marcam prova surpresa na segunda-feira de carnaval.

Assim, é sinal de maturidade reconhecer que o término de um ciclo indica renovação, não obstante nosso desespero e nossa rejeição diante do inesperado digam o contrário, pois o medo grita alto. Ele sempre gritou. O medo foi a primeira emoção do primeiro animal que espiou para fora da toca e viu a noite cheia de olhos brilhantes. A diferença é que hoje temos uma diversidade de psicopatologias originadas no medo e no desamparo, ansiedade, transtorno de pânico, síndrome do pânico, mas a sensação é a mesma: aquela mão gelada apertando o estômago, aquela voz que sussurra “fica, não sai, é perigoso”.

A mente inquieta e o coração acelerado constroem realidades cruéis, desestimulantes. E, com facilidade, somos engolidos pelo monstro devorador que habita nossas entranhas e mina nossas energias. Mas, a boa notícia é que o medo, esse devorador de sonhos, tem função protetiva importante e pode ser um aliado poderoso diante das novidades que chacoalham nossa vida e nos roubam o chão.

Dessa forma, aceitar as mudanças indica, especialmente, a conquista de um funcionamento emocional mais saudável exatamente porque é mais flexível (a doença mora na rigidez excessiva): maior lucidez e, por isso, mais leveza. A leveza não é futilidade, não é indiferença. Muito menos alienação. É, como ensinou o poeta italiano Ítalo Calvino, um valor a ser perseguido em tempos de peso excessivo. Leveza é a capacidade de não se deixar esmagar pelo que não se pode controlar. É saber que a tempestade vai passar, mas que, enquanto ela dura, podemos dançar na chuva ou ao menos não nos afogar no copo d'água.

Num clichê, a natureza é sábia e, a exemplo disso, a água consegue contornar toda sorte de obstáculos para atingir o alvo: o aprimoramento incessante. A água não briga com a pedra. Ela a beija repetidas vezes até que a pedra se torne seixo, e o seixo se torne areia, e a areia se torne leito de rio. Não há violência na água. Há paciência e estratégia: não força bru-

ta para derrubar muros, mas constância suave para atravessá-los.

Aceitar os desafios, afinal, pode valer a pena. E, se sobrevierem mais trovoadas, é só abrir o guarda-chuva. Se cair? No dito popular: “Do chão, não passa.” O dito está certo, mas não conta a história inteira. É bem verdade que, às vezes, o tom-

bo nos leva para além do solo, pois mergulhamos nos abismos de onde tentamos frequente e habilmente nos esquivar. Há quedas que não terminam no chão. Há quedas que continuam caindo em nós, abrindo crateras, deslocando placas tectônicas da alma. O chão, nesses casos, é apenas o começo.

A boa nova, porém, é que não há abismo sem fundo. Toda descida, por mais íngreme que seja, encontra um limite. E é nesse limite, nesse ponto mais baixo da espiral, que algo extraordinário acontece: o movimento se inverte. A vida sempre reinicia o movimento da volta, da ascensão. Não há como evitar! Não porque sejamos otimistas incorrigíveis, mas porque a própria estrutura do real é cíclica. O que desce, sobe. O que morre, renasce. O inverno não é o fim da primavera: é sua condição de possibilidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

Diante do turbilhão de emoções e de experiências que temos vivenciado, é certo que, quando um ciclo acaba, outro naturalmente surge. Estamos falando da natureza, lembra? Da natureza das coisas, da natureza da vida, da natureza que há em nós e que teima em ser esquecida sob camadas de medo e controle. É condição sine qua non que, para o novo surgir, o antigo deva partir. Não é o “fim do mundo”. Bem ao contrário, é o início de novos tempos, fecundos de possibilidades.

A palavra “fecundos” vem do latim fecundos, que significa fértil, abundante. E a fertilidade, todos sabem, exige decomposição. O adubo é feito de restos. O novo broto nasce do que apodrecceu: essa é a verdade que os agricultores conhecem e os filósofos confirmam.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

Que venham, então, novos ares. E que Zéfiro, o vento ocidental que os antigos consideravam o mensageiro da primavera, aquele que trazia o adormecimento depois do rigor do inverno possa trazer uma brisa que nos permita respirar e prosseguir na caminhada. Respirar: é disso que se trata. De

inspirar e expirar. De receber o mundo e devolvê-lo transformado. À semelhança do sol que, a cada novo dia, surge vigoroso e renovado, embora continue o mesmo. Eis o grande paradoxo, o mistério que a ciência explica, mas que só a poesia alcança: o sol de hoje não é o de ontem, no entanto, é o mesmo sol.

Nós também. Não somos mais quem fomos há um ano, há um mês, há uma hora. E, ainda assim, somos. Neste instante, você já não está igual ao momento que principiou a leitura deste texto, percebe? A identidade é essa costura frágil entre o que se foi e o que se está sendo. Afinal, como lembra a canção, aquela que a gente canta no chuveiro ou no trânsito, quando ninguém está ouvindo, "tudo é uma questão de manter a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo". Mente quieta para não inventar tempestades onde há apenas brisa. Espinha ereta para não se curvar diante do que não merece reverência. Coração tranquilo, enfim, porque o resto, o resto é paisagem. E a paisagem, por mais bela ou aterrorizante que seja, sempre passa. Resta o viajante. Resta você. Resta essa respiração agora, este momento em que o ciclo, silenciosamente, já começou de novo.

Um beijo!



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

Colunista Adriana Moura Salles

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E
ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





08



RENATA MUNHOZ



Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

A maternidade no Brasil colonial: Herança do abandono



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 06/06/2026"

Muito se tem discutido sobre o protagonismo feminino no nascimento das crianças e sobre a questão do aborto. A intensidade desses debates revela um movimento histórico importante: o avanço do direito feminino de autonomia sobre o próprio corpo. Ao mesmo tempo, esse avanço continua a se confrontar com ideologias conservadoras profundamente enraizadas, especialmente em contextos religiosos. Não se pretende aqui tomar partido nesse debate contemporâneo, mas ampliar a perspectiva histórica a partir de um dado frequentemente esquecido: a maternidade nem sempre foi vivida como escolha, nem como experiência prote-

gida pela sociedade.

O período colonial, que se estende de 1500 até 1808, foi marcado por uma realidade social extremamente desigual. A maioria da população vivia em condições de pobreza, e as mulheres ocupavam uma posição particularmente vulnerável nesse sistema. Longe da imagem idealizada da maternidade, os documentos do século XVIII revelam uma realidade marcada pelo medo, pela precariedade e pela impossibilidade material de sustentar um filho. Em muitos casos, abandonar uma criança não significava ausência de afeto, mas uma tentativa desesperada de garantir a sobrevivência dela.

O aumento populacional nas regiões portuárias, sobretudo ao longo do século XVIII, fez crescer de forma significativa o número de crianças abandonadas em locais públicos. A Igreja Católica, que exercia forte controle moral sobre a sociedade, condenava duramente a morte de crianças sem o sacramento do batismo, pois se acreditava que suas almas não seriam salvas. Para evitar esse destino considerado trágico, consolidou-se uma espécie de convenção social: as crianças deveriam ser deixadas nas Santas Casas de Misericórdia, instituições religiosas responsáveis pela assistência aos mais pobres.

Foi nesse contexto que surgiu a chamada Roda dos Expostos. O mecanismo, de origem italiana, consistia em um cilindro de madeira instalado no muro da instituição. A mãe depositava o bebê na parte externa, tocava o sino e girava o cilindro, que levava a criança para o interior do prédio. Assim, o anonimato de quem entregava a criança era preservado. A existência desse dispositivo revela uma contradição profunda: ao mesmo tempo em que a sociedade condenava o abandono, criava um sistema institucional para torná-lo possível.

Os registros das Santas Casas mostram números que impressionam pela dimensão social do fenômeno. Apenas na cidade de Salvador, entre 1758 e 1762, mais de quatrocentas crianças foram deixadas na Roda. Entre 1790 e 1796, o número ultrapassou seiscentas. Considerando que a população da cidade girava em torno de 65 mil habitantes, trata-se de um índice extremamente elevado. Esses dados indicam que o abandono não era exceção, mas parte estrutural da organização social do período.



Imagem de DW.com por Google

O procedimento de acolhimento seguia regras rígidas. Ao ser depositado na Roda, o bebê era recolhido pelas freiras responsáveis, lavado, alimentado e identificado por meio dos chamados “sinais”. Esses sinais podiam ser marcas físicas, como cicatrizes ou manchas de nascença, mas também pequenos objetos deixados junto à criança: correntinhas, pedaços de tecido, alfinetes, moedas. Em alguns casos, havia também um bilhete. Mesmo em uma sociedade com baixos índices de alfabetização, muitos pais deixavam pequenas mensagens com o nome da criança, a data de nascimento e, sobretudo, a promessa de que voltariam para buscá-la.

Esses bilhetes, estudados em profundidade filológica por minha parceira de pesquisas, Elizângela Dias, constituem documentos de enorme valor histórico e humano. Na obra “As crianças das rodas dos expostos: escritos do século XVIII ao XX” Elizângela Dias mostra o contrário da ideia de abandono como gesto frio e impessoal. Isso porque muitos textos revelam sofrimento, culpa e desespero. Em alguns casos, os pais rasgavam o papel ao meio e guardavam uma parte, como se estivessem criando uma espécie de prova para um reencontro futuro. O abandono, nesse contexto, aparece como consequência da pobreza e da marginalização feminina, não como ausência de amor.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROKAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 06/06/2026”

A situação tornava-se ainda mais dramática quando os bebês chegavam à Roda já doentes ou mesmo mortos. O alto custo dos enterros fazia com que muitas famílias recorressem à instituição religiosa para garantir ao filho uma sepultura cristã. Esse gesto, que pode parecer contraditório à primeira vista, revela a complexidade emocional da maternidade no Brasil colonial. A mãe que não conseguia sustentar o filho era, ao mesmo tempo, aquela que buscava garantir a ele alguma forma de dignidade.

A sobrevivência das crianças abandonadas era extremamente baixa. Muitas eram entregues às chamadas mães de leite, mulheres que amamentavam vários bebês ao mesmo tempo em troca de pagamento. As condições sanitárias eram precárias e as contaminações frequentes. Estima-se que, de cada três crianças abandonadas, apenas uma sobrevivia até os

sete anos de idade. A maternidade, nesse contexto, não pode ser compreendida apenas como experiência individual, mas como parte de uma estrutura social que colocava a vida feminina e a vida infantil em permanente situação de risco.

A imagem da mulher colonial também foi construída a partir de um olhar profundamente marcado por preconceitos. Autoridades da época descrevem as mulheres brasileiras como excessivamente livres, moralmente frágeis ou responsáveis pela desordem social. Essa visão, baseada em padrões europeus que pouco tinham a ver com a realidade brasileira, contribuiu para transformar a mulher em principal culpada pelo abandono das crianças. Pouco se consideravam as condições concretas de vida dessas mulheres, muitas vezes pobres, solteiras, abandonadas ou vítimas de relações socialmente proibidas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 06/06/2026"

O destino feminino no Brasil colonial estava fortemente ligado ao casamento e à maternidade. Mulheres que não conseguiam casar-se ou que engravidavam fora das normas sociais enfrentavam marginalização, pobreza e exclusão. Em muitos casos, o abandono de uma criança não era uma escolha, mas a única possibilidade de sobrevivência. A sociedade, entretanto, preferia interpretar esse gesto como falha moral, reforçando a imagem da mulher como responsável pelo problema.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 06/06/2026"



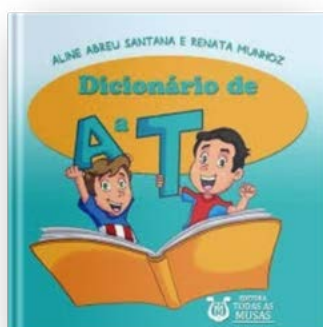
IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 06/06/2026"

A análise histórica permite perceber que a maternidade, no Brasil colonial, foi marcada por uma contradição profunda. Ao mesmo tempo em que a sociedade exaltava o ideal da mulher mãe, criava condições que tornavam essa maternidade inviável para grande parte da população feminina. A Roda dos Expostos surge, assim, como um símbolo dessa contradição: ao mesmo tempo em que representa abandono, revela também uma tentativa de preservar a vida em meio à pobreza e à desigualdade.

Compreender essa realidade histórica é fundamental para ampliar o debate contemporâneo sobre o papel da mulher e sobre o direito à autonomia do corpo feminino. Muitas discussões atuais não são novas. Elas fazem parte de uma longa história em que a maternidade sempre esteve atravessada por questões sociais, econômicas e culturais. A herança desse abandono, longe de pertencer apenas ao passado, continua a marcar profundamente a formação da sociedade brasileira.

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





07



SANDRA SANTIAGO



Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematisando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.

QUANDO A PALAVRA ESCONDE, HUMILHA E EXCLUI!

A vida humana habita a terra há muitos milênios, e pelo que se sabe os homens primitivos viveram por muito tempo em bandos, em busca do próprio alimento, obrigados a recolher somente o que era comestível, sem dispor de habitação ou outros utensílios que tornassem sua vida mais segura e tranquila. É somente a partir do paleolítico que a vida desses indivíduos começa a ser facilitada pela invenção de instrumentos rudimentares que vão permitindo avançar na luta pela sobrevivência.

Tais desafios de algum modo pode ter motivado a necessidade de se viver coletivamente. Juntos há de haver mais chances de sobrevivência do que numa vida solitária, especialmente em contexto tão adverso. Mas, estar junto mo-

tivou a necessidade de comunicação. As diferentes linguagens possibilitaram estabelecer trocas, disseminar valores e construir práticas. Assim, pode se dizer que nossas necessidades emergem da convivência. As fragilidades de uns podem ser amenizadas pelas habilidades de outras. Mas, nada fica perdido quando é possível “estar junto”.

A evolução humana evidencia o quanto necessitamos uns dos outros e de como nossas diferenças podem ser benéficas ao bom funcionamento do grupo. Contudo, por vezes, são elas que usamos para nos afastar, para oprimir e para excluir. A história atesta isso! O diferente assusta e para neutralizar sua ação criamos estigmas sobre ele. Nomeá-lo como perigoso, incapaz ou inferior são algumas estratégias usuais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROUNDAR", sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 03/06/2026

Em pequena escala, patologizamos e laudamos. Em grande escala, escravizamos, destruimos. Destituímos de direitos e de humanidade. As invasões, as guerras, a escravidão são alguns exemplos nessa direção. Mas, numa análise foucaultiana, os hospitais, as prisões e até as escolas podem ser instituições de correção e negação das diferenças. De alguma forma, as diferenças humanas são colocadas numa balança e os mecanismos de controle do Estado estabelece regras para validar/invalidar, aceitar/negar, incluir/excluir.

Em diferentes épocas e contextos, ora guiados pela mitologia, ora pelo misticismo e ora com o aval científico, tendemos à categorização, à classificação, à hierarquização dos sujeitos, com base nos comportamentos aceitáveis e inaceitáveis. Desse modo, sur-

gem os desviantes, os doentes ou deficientes, mas, são todos considerados marginais, portanto, não cabem na sociedade normalizada, capaz, eficiente.

Nos primórdios, as narrativas orais eram suficientes para assegurar a disseminação dessas práticas. Mas, pouco a pouco, em grande parte das civilizações, o registro gráfico passa a desempenhar um papel decisivo, dando legitimidade às normas sociais, seja em pedras, tabletas, papiros, papel ou mais recentemente, nas mídias digitais. No registro gráfico as ideias puderam ser perpetuadas, mais facilmente aceitas com tom de verdade. No passado ou no presente, nestes veículos, se imprimem marcas potentes sobre os diferentes sujeitos, que variam da invisibilidade ao sucesso, do estigmatiza à aceitação, ou mesmo da vida à morte.

Na Antiguidade, os registros de Aristóteles sobre a deficiência humana marcaram profundamente o olhar sobre as pessoas acometidas por tal condição. Ele é identificado como o criador da lógica, além de autor do primeiro tratado de uma psicologia científica e certamente o primeiro escritor de história da filosofia. Por muitos, é considerado também o patriarca das ciências naturais, sendo ainda, metafísico, moralista, político. Suas contribuições ainda hoje estão presentes em meio às diferentes ciências. Mas, no presente, é a opinião do influencer que nada sabe de deficiência, mas que sente-se à vontade para destilar seu preconceito e encontra ressonância nos egos dos seus seguidores.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAVANTAI", sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 03/06/2026

“

Classificar o humano é também uma forma de controlar: em pequena ou grande escala, criamos balanças que validam ou excluem, e instituições como hospitais, prisões e escolas viram instrumentos que corrigem a diferença para caber na norma.

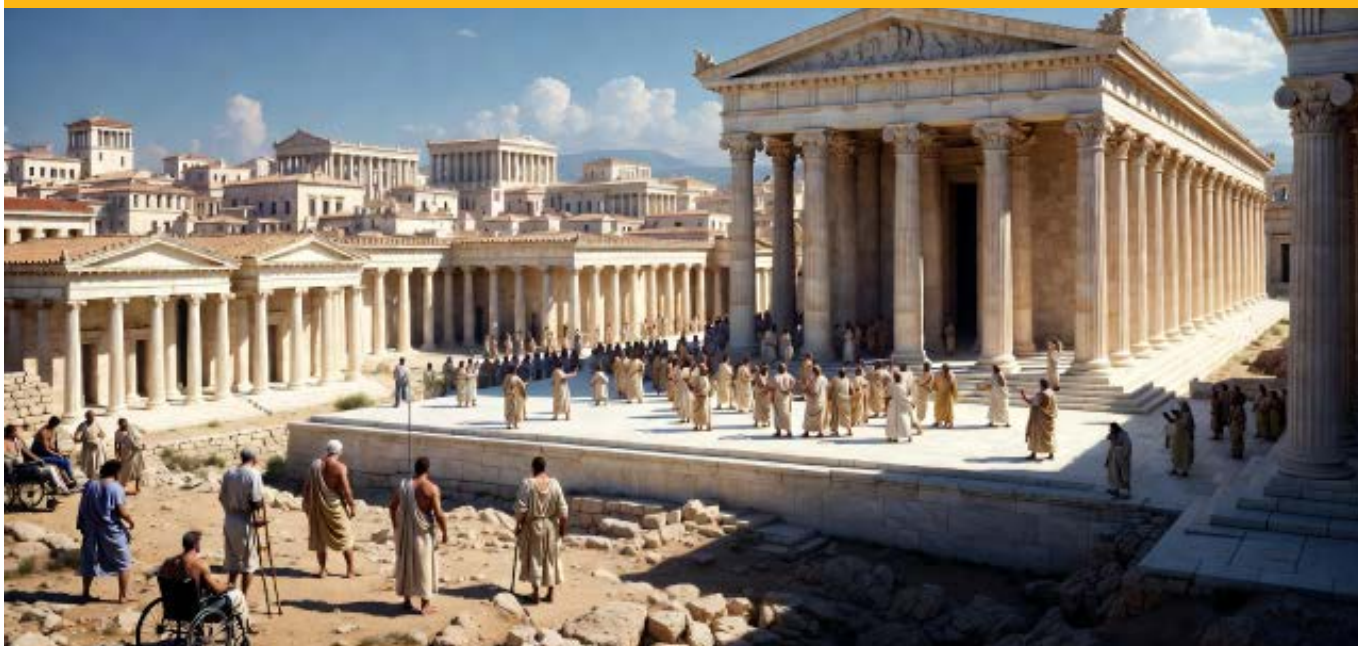


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis,, Criada em 03/06/2026"

No que diz respeito à deficiência as idéias aristotélicas recomendava o extermínio ou a expulsão das pessoas com deficiência do convívio social. E, “em nome do equilíbrio demográfico e numa posição coerente com as linhas mestras aristocráticas e elitistas” da sua Política, ele defendia que filhos nascidos com deficiência poderiam ser eliminados sempre que implicasse em dependência econômica. E hoje são os olhares, julgamentos e desrespeitos que são disseminados sem nenhum cuidado e respeito. De um modo ou de outro, as atitudes destroem vidas e sonhos.

De tal modo, se a palavra de um filósofo teve um peso gigantesco para o pensamento da época e de séculos subsequentes, o impacto de hoje ocorre em maior velocidade, só que são pessoas ignorantes que postam suas sandices sem nenhum pudor. Assim, seja nos hieróglifos, do Egito, na escrita cuneiforme dos Sumérios, nos papiros romanos, ou nos memes capacitistas, as palavras tem poder e são capazes de impactar vidas, dando-lhes direitos ou retirando-os.

De um modo ou de outro, os escritos são as expressões de uma realidade pensada e manifesta a partir de um grupo. No caso, o grupo que detém o domínio do conhecimento, da técnica e do poder. Por isso, podem anunciar sua visão de mundo para os demais e definir as regras do jogo. Mas, e o que acontece com os demais, com destaque para aqueles que não tem conhecimento nem poder, nem lugar de fala?

A literatura revela que desde épocas mais remotas é possível identificar registros de ordenamentos, orientações ou leis que descrevem as pessoas com deficiência como possuidoras de inúmeros motivos para serem banidas do convívio social. Cabe destacar que não são elas que falam sobre si. Quem lhes descreve, relata suas condições e suas necessidades não vivem a deficiência. Por que elas não foram autorizadas a falar?

Na Antiguidade e época medieval, por orientação do Estado,

as crianças nascidas com deficiência eram sacrificadas, os indivíduos escravizados que tinham alguma deficiência eram dizimados. Na modernidade, era legítimo e bastante estimulada a prática da segregação destas pessoas em asilos, hospitais ou manicômios, apartando-as do convívio social. E hoje, se questiona o direito ao trabalho e à educação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFIC.AI, sob a direção de Arely Soares Reis,, Criada em 03/06/2026"

Com o advento da ciência continuou se buscando métodos mais “civilizados” para desqualificar as diferenças humanas e conformar a todos a um padrão imposto, uma forma de controle, portanto, de poder. Nesse sentido, a classificação das deficiências, bem como do que lhe é mais adequado em termos sociais é a tônica dos paradigmas da integração social e, mais recentemente, da inclusão social. Mas, é notório que o estabelecimento de um rótulo continua sendo necessário aos olhos da contemporaneidade. E ainda evidenciamos os sem deficiência discutindo a respeito dos que tem deficiência, sem lhes dar o devido espaço de fala.

IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNETIC AI, sob a direção de Aryly Soares Reis, Criada em 03/06/2026"



Nesse processo, pessoas com deficiência reclamam o direito de ser como são, opinando sobre o que precisam que seja modificado na sociedade, e não nelas. O movimento “nada sobre nós sem nós”, desde sempre, tenta dar um basta à percepção preconceituosa e capacitista que ainda perdura socialmente. Terminologias de cunho eufemista são sempre combatidas. De pessoas “excepcionais” à “especiais” e mais recentemente de “atípicas” à “neurodivergentes”, são uma tentativa desesperada da sociedade de suavizar o preconceito estrutural, mas, na prática nada muda. A mudança de termos não altera o preconceito, pelo contrário, denuncia a dificuldade em convivermos e valorizamos nossas diferenças. Portanto, é preciso estar atento ao que dizemos sobre aqueles a quem proibimos de falar.

Não é possível negar que as palavras são poderosas

instrumentos de expressão e de poder e se vinculam aos contextos onde são cunhadas. Negar o direito de usá-las ou invalidar a produção de alguns sujeitos é exclusão. Usá-las inadvertidamente também exclusão. O uso das palavras nesse campo exige cuidado e respeito. Antes, porém, ouça o que as pessoas com deficiência têm a dizer. “Nada para nós sem nós” é tema de uma luta histórica e, talvez o germe desse movimento esteja em 1981, quando foi instituído o Ano Internacional das pessoas com deficiências. Mas, de lá para cá, apesar dos avanços, ainda se constata que há um longo caminho a percorrer até que a ideia vire prática, onde as pessoas com deficiência participem das decisões políticas e sejam elas mesmas, protagonistas e não meras receptoras. Nesse processo, a palavra pode ser um importante recurso de libertação.

Colunista Sandra Santiago

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E
ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

A Poesia do Universo

A poesia não desvenda os mistérios cósmicos, não explica a vastidão do universo, no entanto, artistas de todo o globo inspiraram-se na grandiosidade cósmica e criam obras extraordinárias que abrem “portais” na mente dos apreciadores da arte.

Aos leitores desta coluna, lanço um convite especial para que juntos possamos viajar entre sonhos galácticos que, com alegria e simplicidade venho partilhar com vocês.

Não há maneira de deter a emoção diante da imensidão do firmamento.

"O céu, grande, pleno de esplêndido recato, uma provisão de espaço, um excesso de mundo."

"E nós, muito distantes para não deixar modelar, muito próximos para dele nos desviar".

(Ranier Maria Rilke, Poemas Para a Noite)

A noite é um convite aos sonhos, um despertar para a poesia que habita em nós.

A noite o céu acende suas luzes que trazem um espetáculo à nossa visão. Nossos sentidos acolhem com efusão a manifestação do infinito.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT-4" sob o direcionamento de Adriano Magalhães, Criada em 03/06/2024

As frases mais famosas e emocionantes de Van Gogh sobre as estrelas, refletem a sua conexão profunda com a noite e o cosmos:

"Não tenho certeza de nada, mas a visão das estrelas me faz sonhar".

"Quando sinto uma terrível necessidade de religião, saio à noite para pintar as estrelas".

(Van Gogh, 1888)

Van Gogh percebia nas estrelas uma fonte de vida, esperança e sonhos. Ele considerava o céu estrelado um lembre-

te de que existe algo grandioso e belo que nos ajuda a encontrar luz, mesmo nas noites mais escuras.

O artista considerava que ao olhar as estrelas, o coração humano tende a se aprofundar nas questões da própria infinitude.

Deixo aqui uma pequena frase autorral que espero produzir eco no coração dos queridos leitores da Revista The Bard:

"O universo é fluente na linguagem da Poesia". (Elke Lubitz)



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

A Luz que Viaja no Tempo

Contemplar as estrelas no céu noturno é como viajar no tempo, trafegar pelo passado, já que a luz demora anos e anos para chegar até nós.

As estrelas são fantasmas de puro lume a escrever cartas para o futuro.

*"Isso que se oferece a nós com a luz das estrelas,
isso que se oferece a nós,
capte-o qual um mundo sobre a sua face,
não o tome levemente.*

*Mostre à noite que você recebeu silenciosamente o que ela lhe trouxe
Só quando você for confundido com ela
é que ela lhe conhecerá".*

(Ranier Maria Rilke)

A luz que nos ilumina e nos permite ver o mundo é, em si mesma, invisível.

É pela interação da luz com a matéria que chegamos ao mistério da composição química das estrelas e das galáxias.

A luz manifesta a sua presença desde que seu trajeto seja interceptado por um objeto material, sejam pétalas de flores, a retina dos nossos olhos, um vaso colorido, um colibri multicolor, ou o espelho de um telescópio.

A luz do sol demora oito minutos para chegar à terra, isso é um lembrete de que vivemos sempre

tocados pelo passado imediato.

A luz possibilita a exploração do passado do universo e, ao fazer isso, provê a compreensão de seu futuro. Ela nos traz novidades sobre o passado.

A epopeia cósmica pode ser reconstituída através dela.

Os telescópios, esses poderosos instrumentos modernos, recolhem a luz do cosmos.

Eles são as fantásticas máquinas para remontar no tempo.



Magnitude e Beleza

O cosmos traduz a Poesia do infinito. Como não encontrar beleza e arte na magnificência do Infinito?

O cosmos pode ser sentido e percebido muito além das fórmulas frias da ciência. Dizer que ele escreve sua própria poesia no alfabeto do universo é sentir com a alma.

O espaço é composto de folhas em branco e os eventos astronômicos são os versos do universo.

Na poesia humana, a rima une dois versos criando uma harmonia sonora. No cosmos podemos dizer poeticamente que sua rima consiste na transformação da matéria.

Estrelas que morrem explodem gerando super novas, assim não deixam de brilhar.... Espalham novos elementos pelo universo.

A nebulosa de Órion é um imenso berçário onde nascem numerosas estrelas jovens e massivas.

A luz irá sempre nos conectar ao universo.

"A luz azulada que rodeia a terra provém da difusão da luz solar pelas moléculas de ar.

Desde que não haja mais atmosfera, o céu torna-se negro".

Do livro UMA NOITE de Trinh Xuan Than.

"Ver um universo em um grão de areia

E um paraíso numa flor selvagem

Ter o infinito na palma da mão

E a eternidade em uma hora".

Sublimes versos de William Blake em Augúrios da Inocência.

A visão da arte expande a nossa visão sobre o mundo e o universo.

A Velocidade do Pensamento

Antes mesmo da invenção dos telescópios e do avanço científico para a elucidação dos compostos químicos que compõe a matéria das estrelas, antes de calcularem a velocidade da expansão do universo, a arte poética já considerava que o cosmos seria um espelho vasto e profundo da alma humana.

Sob a ótica da Poesia o universo deixa de ser um arranjo de matérias e vácuo para tornar-se um poema definitivo. A obra que transcende o universo da lógica e compõe a sinfonia que dança com o infinito.

Antes de ser declarada a velocidade da luz, houve a velocidade do pensamento que ousou buscar respostas que a matemática por si só não conseguiu abraçar.

A Poesia traduz verdades científicas em sentimentos. O pensamento humano é desafiado a conectar-se com os mistérios de um céu noturno. Uma vastidão que ao olhar humano é composta de silêncio e de luz.

Não estamos apenas no universo, nós somos parte dele.

A imensidão do vácuo não é um vazio desesperador. Mas um palco que encena sua própria coreografia solitária, ligada aos outros pela gravidade.

Poesia no estado mais puro.

Como é maravilhoso o dom de

imaginar e buscar conhecimento sobre os enigmas dos eventos que acontecem no espaço.

Feliz é aquele que busca a ciência e não deixa de se conectar com a sua alma.

O universo é fonte inesgotável de conhecimento e inspiração.

Céu Noturno

A lua sempre exerceu fascínio sobre o imaginário humano. Quer seja o homem um poeta, cientista, astrônomo ou astrólogo. Há quem não se enquadre nestes exemplos citados, porém, ainda que a pessoa não tenha declarado seu fascínio pelo céu noturno, habita no seu interior uma certa admiração e curiosidade por este céu.

Isso é da natureza humana, o mistério e a beleza sempre despertarão algum tipo de sentimento no coração da humanidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

"Eu queria a Lua...Esse mundo, tal como é feito, é insuportável. Tenho necessidade, pois, da Lua, ou da felicidade, ou da imortalidade, de qualquer coisa que seja louca talvez, mas que não seja desse mundo."

(Alberto Camus, Calígula)

O ponto mais brilhante do céu noturno visto da ótica terrestre. A lua exerce um papel decisivo na nossa existência, visto que tem uma relação simbiótica com a Terra. Sem ela a vida na Terra seria impossível.

"Ao fim de cada mês, quando a Lua realiza uma volta completa em torno da Terra, o náutilo secretou trinta estrías. Assim sua concha permite retratar a evolução dos movimentos da Lua ao redor da Terra."

Do livro "UMA NOITE" de Trinh Xuan Thuan



IMAGEM GERADA POR IA "usando GRCR. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Considerações finais: Metáforas Vivas

Na Literatura do Universo, não somos meros espectadores, somos metáforas vivas.

Somos uma expressão do cosmos, versos que respiram, poemas pulsantes.

A obra do infinito reverbera na essência humana.
"Insondável é o coração do homem"

A ciência explica o nascimento de uma estrela, mas, a Poesia canta e declama o seu brilho!!!

A busca das verdades universais e a criação artística bebem da mesma fonte: O fascínio perante o invisível.

Como escreveu Bilac:

"Ora direis pois, ouvir estrelas"

O coração da criação bate no nosso peito. Um anseio profundo pela eternidade.

A ciência expande seus domínios enquanto a Arte transpõe os portais da alma humana.

Espero que de alguma forma este texto possa imprimir no leitor, um desejo pelo conhecimento dos mistérios que o universo apresenta. Que não sejam esquecidos o encanto e o fascínio da criação, uma amálgama do saber e da arte.

Que a visão das estrelas o faça sonhar, sempre.

Sou grata pela oportunidade de me expressar nesta revista valiosa que tanto admiro.

Grata ao CEO e sua eficiente equipe.

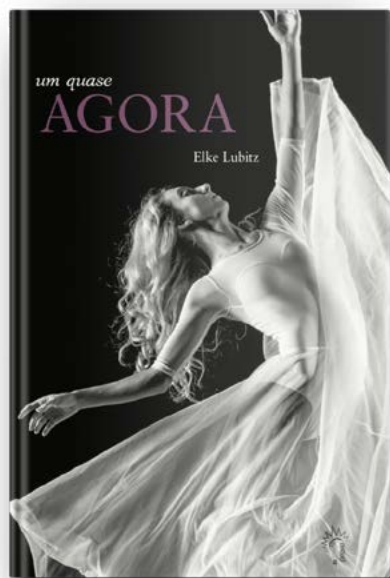
Espero encontra-los por aqui na próxima edição.

Elke Lubitz



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E
ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





04



MIA KODA



Psicanalista, poetisa, espiritualista, escritora e criadora de conteúdo digital. Autora de seis obras, sendo “Rios Internos – Deixe sua essência fluir” sua publicação mais recente. Defensora da causa animal, destina parte dos direitos autorais para abrigos que resgatam animais abandonados. Membro da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – e vice-presidente da APL – Academia Penapolense de Letras. Redatora digital e colunista da Revista Internacional The Bard.

CHAPADA DOS GUIMARÃES: UMA TRILHA, UMA MEDALHA DE OURO E UM APRENDIZADO SOBRE A VIDA

Há experiências que não terminam quando chegamos ao destino. Elas continuam caminhando dentro de nós, silenciosamente, transformando a forma como enxergamos a vida e fazendo toda a diferença em nosso destino.

Existem períodos em que a alma atravessa desertos invisíveis. Dias em que nos sentimos sem força, sem preparo, sem coragem suficiente para continuar. E, curiosamente, é justamente nesses momentos que a vida costuma nos convidar para uma travessia.

Porém, nem toda trilha começa com confiança. Às vezes, ela começa com o medo. Outras vezes, inicia-se no cansaço, logo após uma grande mudança, quando ainda estamos tentando reorganizar o corpo, os pensamentos e os sentimentos.

A verdade é que ninguém atravessa uma mon-

tanha e retorna exatamente a mesma pessoa. Estou certa de que você, caro leitor ou leitora, já percebeu isso.

Esta edição da Liter'Alma nasceu de uma experiência real: uma peregrinação de 34 quilômetros na Chapada dos Guimarães, vivida em 2003, poucos meses após uma cesariana; um período em que meu corpo ainda aprendia a se recuperar e minha alma tentava compreender sua nova forma de existir.

Mas esta não é apenas uma história sobre caminhada.

É uma história sobre pertencimento. Sobre influência emocional. Sobre os grupos com os quais escolhemos caminhar. E, principalmente, sobre descobrir que talvez a maior vitória da vida não seja vencer, mas continuar.



CADERNO DE RECOMEÇOS

Eu não tinha preparo físico, não era atleta, não treinava e nem sequer fazia longas caminhadas. Além disso, meu corpo carregava as marcas recentes da maternidade: havia apenas três meses que eu passara por uma cesariana.

Estava retornando ao trabalho logo após o término da licença-maternidade, e a empresa em que eu trabalhava havia organizado uma experiência incrível para os funcionários: uma trilha na Chapada dos Guimarões. A intenção era fortalecer o trabalho em equipe e gerar superação individual. Como o desafio era intenso, optei, de início, por não participar da caminhada. Escolhi ficar no carro de apoio, que levava itens de primeiros socorros, rádio e comida, oferecendo suporte aos que seguiriam pela Chapada. Parecia a decisão mais sensata, confortável e segura.

Mas existem momentos em que algo dentro de nós pede passagem, como um chamado difícil de explicar e impossível de ignorar. Algo em mim dizia: *Viva essa experiência!*

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"



E então, decidi caminhar. Meu líder, Iron Santana, ficou relutante; talvez tenha pensado que eu atrasaria a turma ou temido por minha saúde física. No entanto, não me impediu.

No começo, tudo parecia apenas uma trilha comum: uma equipe com pessoas diferentes compartilhando o mesmo percurso e o mesmo objetivo de concluir 34 quilômetros de mata para chegar ao topo. Mas, conforme os quilômetros avançavam, comecei a perceber algo mais profundo: cada grupo carregava uma energia emocional própria.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Na frente, estavam os entusiasmados, aqueles que acreditavam que a experiência seria incrível e seguiam admirando a paisagem. Vez ou outra, repetiam: *"Força, nós vamos conseguir!"*

No meio, estavam os "inseguros esperançosos". Os que sentiam medo, mas continuavam mesmo assim — pessoas de poucas palavras, penso que para economizar energia.

Mais atrás, estavam os derrotados por antecipação. Aqueles que, antes mesmo dos primeiros sinais de cansaço aparecerem, já queriam desistir. Reclamavam do percurso, transformavam o cansaço em condenação e falavam da desistência como se ela fosse inevitável. Ouvi frases como: *"Eu queria estar em casa"*, *"Não vejo sentido nisso"*, *"Não vou conseguir"*.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMART AI", sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 08/06/2026

Eu comecei o percurso entre os derrotados, mas logo compreendi que estava me contaminando com aquele sentimento de fracasso. Ali, entre os pessimistas, comecei a desacreditar de mim mesma. O corpo parecia mais pesado. A subida, mais difícil. O medo, mais intenso. Percebi que, se continuasse daquela forma, desistiria.

Então, apertei o passo e, por um tempo, caminhei entre os medianos, aqueles que estavam se esforçando, mas sem muito entusiasmo. Pensei que, se permanecesse com eles, até poderia concluir o percurso (e realmente muitos concluíram), mas a experiência não seria tão divertida e transformadora quanto poderia ser.

Depois de alguns quilômetros, consegui me aproximar daqueles mais animados, que realmente acreditavam na chegada ao topo. E algo extraordinário aconteceu. O percurso não ficou mais fácil. A Chapada continuou íngreme. O corpo permaneceu cansado. A dor continuou existindo. Mas a alma mudou.

Passei a ouvir palavras de incentivo. Pessoas oferecendo ajuda. Gente admirando a paisagem em vez de amaldiçoar a caminhada. Pessoas cansadas, sim, mas comprometidas em seguir até o fim. Foi quando descobri uma lição que muda a vida: há ambientes que drenam nossa energia, e há ambientes que despertam nossa potência.

Foram dezesseis horas de caminhada.

Dor.

Exaustão.

Superação.

Ao final da trilha, recebi uma “medalha de ouro”, um objeto simbólico para a verdadeira recompensa: perceber o quanto éramos capazes. Capazes de continuar. Capazes de suportar. Capazes de atravessar aquilo que, antes, parecia impossível.

Desde então, sempre que a vida parecia difícil demais, eu me lembrava daquela trilha, fazia os ajustes necessários e simplesmente seguia em frente. Há experiências que não terminam quando chegam ao fim; elas continuam acontecendo dentro de nós durante anos. E, enquanto algumas pessoas carregam cicatrizes, outras carregam medalhas invisíveis.

Quando a vida volta a doer, quando o medo reaparece ou quando nos sentimos pequenos demais diante de um desafio, retornamos silenciosamente a momentos como esse para lembrar quem somos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Foi isso o que aconteceu naquela trilha na Chapada dos Guimarães.

A princípio, parecia apenas uma experiência corporativa. Um desafio físico. Uma caminhada longa demais para alguém sem preparo, recém-saída de uma cesariana, cansada, insegura e emocionalmente vulnerável.

Mas a vida raramente nos leva a um lugar apenas pelo motivo aparente. Às vezes, uma montanha é apenas uma montanha. Outras vezes, ela é uma iniciação. E talvez crescer seja justamente isso: descobrir que existem caminhos que o corpo percorre apenas para que a alma desperte.

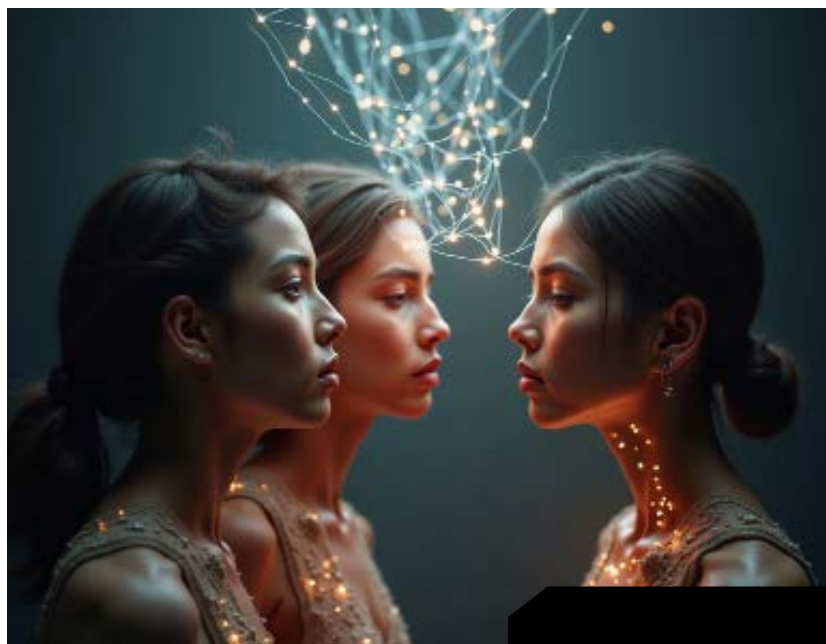


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

CARTOGRAFIA DA ALMA

A psicanálise compreende que o ser humano é profundamente influenciado por seus vínculos. Não nos construímos isoladamente; nossa identidade é moldada através das relações, dos espelhos emocionais, da linguagem e da convivência.

O psicanalista Donald Winnicott compreendia que o ser humano não floresce no vazio. O self (o si-mesmo) se fortalece nos encontros que oferecem segurança, acolhimento e a possibilidade de existir sem medo. É por isso que algumas pessoas expandem nossa existência, enquanto outras nos diminuem silenciosamente. Como ele próprio apontava, é no encontro com o outro que o self se desenvolve.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Isso significa que nossa subjetividade floresce ou adoece conforme os ambientes emocionais que habitamos.

Há relações que nos expandem; outras nos reduzem lentamente.

Há pessoas que despertam nossa potência; outras, o nosso medo.

Há ambientes que nos fazem acreditar que somos capazes; outros nos convencem de que jamais conseguiremos.

Muitas vezes, pensamos que a força emocional é uma questão estritamente individual. Mas não é. O ser humano é essencialmente relacional. Precisamos de incentivo, pertencimento, validação e segurança para desabrochar.

O psiquiatra e sobrevivente do Holocausto Viktor Frankl dizia que “quem tem um porquê enfrenta qualquer como”. É exatamente isso o que acontece quando encontramos pessoas e ambientes que alimentam nossa esperança: eles nos ajudam a lembrar o motivo de continuar.

Durante a trilha na Chapada dos Guimarães, o cansaço físico não foi a única dificuldade. Havia também o peso emocional das vozes negativas, das reclamações constantes e da sensação silenciosa de incapacidade que determinados ambientes despertam. Por um instante, ceder ao desânimo parecia mais fácil do que persistir.

Mas tudo mudou com a decisão de caminhar ao lado daqueles que ainda acreditavam na experiência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

As palavras de incentivo, o espírito de cooperação e a beleza compartilhada da paisagem devolveram o sentido ao percurso. Suportamos melhor o sofrimento quando ele encontra propósito e conexão. Frankl compreendia que o ser humano não resiste apenas por vigor físico, mas pela existência de algo — ou alguém — que torne a caminhada significativa.

A experiência na chapada revela que, às vezes, não estamos fracassando por incapacidade. Estamos fracassando porque estamos cercados de desesperança.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GLOK AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

CRIAR-SE

O ser humano é profundamente influenciável. Isso não é fraqueza; é a nossa natureza. Por isso, não basta saber se estamos no caminho certo, precisamos nos questionar se estamos com as pessoas certas.

Este exercício pode ajudar a clarear a mente. Faça uma caminhada em solitude, sem pressa e por um caminho tranquilo, e reflita:

- Quem eu era há cinco anos?
- Quem estou me tornando hoje?
- Que pesos emocionais preciso deixar pelo caminho?

- Qual medalha invisível desejo conquistar?
- Quais pessoas verdadeiramente apoiam os meus projetos?
- Como posso me posicionar ou transformar os ambientes que não me fazem bem?

Ao final da caminhada, escolha uma pequena pedra no chão e leve-a consigo. Ela será a sua medalha: um símbolo concreto para lembrar você da importância de seguir adiante, sustentando os passos ao lado das pessoas certas.

ALMA EM VERSOS

Existem histórias que apenas entretêm, e outras que nos encontram no momento exato em que precisamos delas. Alguns livros nos acolhem. Alguns filmes nos reorganizam emocionalmente. Algumas músicas funcionam como lanternas em períodos escuros da vida.

Nesta edição, escolhi obras que dialogam intimamente com a travessia da Chapada dos Guimarães: coragem, superação, pertencimento e a delicada descoberta de que, muitas vezes, somos mais fortes do que imaginamos.

Filme | Sociedade dos Poetas Mortos

Embora lançado no final da década de 1980, tornou-se uma das obras mais simbólicas para uma geração inteira de jovens nos anos seguintes. A história acompanha um professor de literatura que desperta em seus alunos algo que a sociedade frequentemente tenta silenciar: a autenticidade.

Mais do que um filme sobre poesia, é uma narrativa sobre coragem existencial; sobre aprender a ouvir a

própria voz em meio ao barulho do mundo e não viver apenas para responder às expectativas externas. Existe um paralelo profundo entre a trilha na Chapada e os ensinamentos do professor Keating: as pessoas ao nosso redor influenciam diretamente a maneira como enxergamos as nossas próprias possibilidades.

Livro | Em Busca de Sentido (Viktor Frankl)

Poucas obras falam com tanta propriedade sobre a resiliência e a resistência humana. Ao narrar sua experiência nos campos de concentração nazistas, Viktor Frankl demonstra que o ser humano é capaz de suportar dores inimagináveis quando encontra um sentido para continuar. Esta leitura conversa diretamente com a experiência da montanha porque nos lembra que o sofrimento muda de peso e de forma quando existe um propósito.

Música | Tocando em Frente (Almir Sater e Renato Teixeira)

“Ando devagar porque já tive pressa...”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTE AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Existem músicas que parecem estradas; esta é uma delas. A canção fala sobre maturidade, tempo, simplicidade e sobre a compreensão de que viver não é uma corrida de velocidade. Ela nos recorda que cada pessoa possui seu próprio ritmo de travessia e que chegar primeiro nunca é o mais importante. Continuar, sim.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"





ESSENTIA

Talvez hoje você esteja caminhando entre pessoas que enfraquecem a sua luz. Existe algo profundamente perigoso na convivência com aqueles que já desistiram da própria esperança. O desânimo é contagioso e a desesperança também. Muitas vezes, não percebemos que estamos adoecendo emocionalmente porque nos habituamos a consumir, diariamente, discursos derrotistas.

Esta é a hora de resgatar o sobrevivente que existe em você.

Quase sempre acreditamos que precisamos dar conta de tudo sozinhos, mas a vida ensina o contrário. Precisamos de suporte. Precisamos de vínculos seguros. Precisamos de pessoas que nos lembrem da vista bonita quando nossos olhos teimam em focar apenas no cansaço.

E, para mudar de vida, o melhor começo é simplesmente mudar de direção emocional:

- Mudando de ambiente.
- Mudando de companhia.
- Mudando a forma como você conversa consigo mesmo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART. AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 03/06/2026"

Ninguém floresce cercado apenas de desesperança.

Lembre-se: você não precisa ser a pessoa mais forte da trilha. Você só precisa continuar caminhando.

Então, vá.

Respire fundo.

Aperte o passo.

Escolha melhor quem caminha ao seu lado.

E continue.

Se esta reflexão tocou sua alma, compartilhe sua experiência nos comentários do Instagram @miakodaoficial.

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

"O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"



38ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: "a formação cultural desde os primeiros anos"

39ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

PERÍODO DE 06 DE JUNHO À 31 DE JULHO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



CRIS GOMES



Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

O PREÇO DA VERDADE

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." [João 8:32]

Nunca me senti tão presa quanto atualmente... aprisionada pelo verniz social imposto sutilmente pela nova ordem mundial que sedimenta a brandura como regra.

Qual o preço da verdade? Será que estamos preparados para ouvir certas verdades, mesmo que sejam duras? Certamente a resposta é não. Percebo cada vez mais que as pessoas evitam as verdades, principalmente quando elas ameaçam suas convicções e escancaram realidades difíceis de digerir. Talvez por isso a ideia de suavizar a

verdade esteja tão em alta e "camuflar" a crueza dos fatos abrace emocionalmente as pessoas já exaustas de tantas mazelas.

Vivemos sob uma maquiagem cada dia mais tatuada na pele, daquelas que desenvolvem crosta profunda, difícil demais de arrancar porque já cristalizou nas camadas superficiais da cutis. O mais engraçado, porque virou piada gramatical, é que a estilística emergiu e com ela vieram as figuras de linguagem. Na carruagem, ostentado pelos louros das redes sociais, vem todo senhor de si, o eufemismo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

O que antes era objeto de estudo dos docentes e recurso explorado pelos escrevedores da língua-mãe, hoje perambula pela sociedade com ares de entidade divina. Somos uma raça que adora ostentar e mostrar o luxo, nem que seja fantasia, e o exibir-se está nas entranhas humana. De-

nota superioridade e poder que sempre esteve em alta. Por conta disso, esse jogo de palavras torna-se tão sutil que as pessoas nem percebem a vulnerabilidade a que estão expostas. Absorvem as novas expressões fantasiando que o mundo pode ter a cor desejada sem nem compreender a distor-

ção da realidade.

A sutileza ganha ares de importância suavizada já que as pessoas não desejam ouvir verdades duras. Mascaram-se realidades a um ponto que quando fica perceptível, é impossível o retorno.

O mais triste é que a verdade tornou-se agressiva. É quase uma inquisição onde não há lado vencedor, apenas vítimas da erudição gramatical. Pobres coitados que não se dão conta do jogo social. Vivem à beira do tratado de Tordesilhas. Ficaram do lado ingênuo, onde as letras suavizadas pela doçura da voz modulada gera sensação de conforto eloquente. Aceitam e caminham passos cadenciados rumo ao abatedouro. Sequer compreendem a dimensão a que estão expostos. São manobrados e deixam-se ir, acreditando que têm direito à palavra sem dela conseguir extrair as entrelinhas do sentido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

E essa avalanche de construções esparrama por todo lado expressões potencialmente menos desagradáveis criando uma cultura de bem-estar emocional, onde o acolhimento ganhou destaque.

A fala direta, considerada sincera demais por alguns, cedeu lugar ao respeito pelo efeito que ela irá produzir naquele que a ouve. O que ratifica essa ideia é a generosidade ao lidar com o outro para não incorrer em mais e/ou maiores problemas além dos que já existem. A experiência do ouvinte ganhou status de relevância. É um novo olhar para lidar com as diferenças sociais sem fragilizar ou expor ainda mais aqueles que estão na base da pirâmide. É como se fosse possível escolher as palavras para blindar situações complexas do ponto de vista social/ econômico.

A Psicologia e a Sociologia mergulharam nessa questão e trouxeram importantes colaborações: a primeira trazendo experiências centradas em acolhimento emocional derrubando muros dolorosos e a segunda atenta ao fenômeno sociocultural onde sociedades contemporâneas têm dificuldade em lidar com limites existenciais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"



Essas duas áreas captaram a fragilidade do mundo contemporâneo ao lidar com questões relacionadas à existência humana e os eufemismos vêm florescendo onde cresce o desconforto diante de certas verdades. É como se eles se tornassem amortecedores simbólicos da realidade.

Outro fator importante a mencionar é o cuidado com as redes sociais. As pessoas, ou pelo menos a maioria, têm relativo cuidado ao posicionar-se publicamente entendendo que a publicidade pode ter efeitos positivos ou desastrosos. O polimento da palavra pode dar o recado, atestar um ponto de vista ou declarar apoio, enfim qualquer que seja a situação ex-

posta aos milhões de usuários da rede, se ela estiver sob o verniz do vocabulário bem colocado, os danos são minimizados e no final o número de seguidores aumenta. A regra é clara: todo cuidado ao fazer uso da palavra, principalmente numa era onde todo mundo tem um celular à mão e tudo é exposto na rede.

Fico pensando, entretanto, no fato de que suavizar demais a realidade pode distorcer a gravidade dos fatos. Parece-me uma fuga, uma vontade de fechar os olhos para as cruzeiras da vida. Conheço pessoas que preferem se manter alheias aos estigmas desbotados daqueles que vivem à margem social e, não são poucas, pelo con-

trário, o número aumenta consideravelmente a cada retaliação.

Será que banir da vista as feridas sociais, a infelicidade alheia, as dores humanas também não nos torna insensíveis? A postura do “não quero saber para não sofrer” blinda a visão, mas enrijece a empatia e desencoraja a caridade. Aquele que não se compadece da dor do outro é incapaz de estender a mão; por isso a questão é muito mais complexa já que uma sociedade onde a fragmentação de valores perpassa pelo status social, a compaixão deixa de ser uma virtude e passa a ser um privilégio seletivo.

Vivemos sobre uma espécie de esteira de eufemismos. Termo, aliás, popularizado pelo linguista e psicólogo cognitivo Steven Pinker, especialmente em seu livro *The Blank Slate* (2002). Nele, o autor menciona que os eufemismos acabam, com o tempo, adquirindo a mesma conotação dos termos que substitui criando um ciclo contínuo de imagens e valores, daí a ideia de esteira rolante. A análise feita é que quando as ideias deixam de ser compreendidas, a transformação perde força e altera a realidade. O problema em si não é o uso de tantos eufemismos, é o mecanismo de ocultação que ele tem desenvolvido. O que era para criar uma ideia de gentileza e cortesia, de acolhimento e respeito, passa a ser filtro da realidade dificultando a visão real da vida e não enxergá-la é que tem se tornado o novo problema social. Quando enxergamos os problemas e somos tocados pelo sofrimento do outro, escolhemos descruzar os braços e agir tornando as soluções plausíveis.

Esse mecanismo tem enfraquecido à medida que nos distanciamos da realidade e concentramos nosso olhar na bela semântica das palavras.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

O mundo carece de ações concretas, de pessoas envolvidas, de atitudes reais. E a gramática que me perdoe, mas nem sempre a preservação crescente estimula o gesto concreto. As artes, a música e a literatura que abusem desse recurso. Que reinventem a linguagem por meio de palavras, símbolos, formas e cores com o objetivo de despertar a imaginação e ampliar a beleza do mundo. Afinal o mundo precisa de menos palavras cuidadosamente escolhidas e mais mãos estendidas.

Talvez esteja aí o preço que a verdade cobre. Ela insiste em revelar aquilo que a maioria prefere não ver. Ela mostra que muitos problemas sociais persistem por falta



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFIC, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

de disposição para enfrentá-los. A vontade política ainda é tímida diante do cenário mundial e a população também demonstra atitudes discretas de efetivo empenho. Uma minoria se mostra engajada em projetos de relevância. No Brasil temos: Pastoral da Criança, Cruz Vermelha, Gerando Falcões, AACD, APAE além de milhares de projetos comunitários locais. No mundo temos: Médicos Sem Fronteiras, Cruz Vermelha, Habitat for Humanity, Save the Children, World Central Kitchen e UNICEF entre outros.

O que todas essas ações revelam é que o ser humano pode ser tocado pela verdade e principalmente pela empatia. É nos gestos corriqueiros, simples e diários que a verdade se reveste de amor em prol do próximo. Essa virtude divina ganha ares humanos toda vez que uma pessoa age pensando no coletivo e não apenas em si mesma.

Vale lembrar que a verdade por si só não transforma o mundo. É o conhecimento, agora tão disponível num mundo digital, que impulsiona a ação; a disposição de permitir que a verdade modifique nossas ações tornando-nos agentes de transformação. Isso sim cria uma atmosfera de benevolência e engajamento onde todos são chamados ao serviço. É nesse ponto que a humanidade mostra mais emoção, menos razão. Não apenas como um amontoado de pessoas desconectadas do mundo físico, mas como uma raça disposta a fazer valer a perpetuação da vida vivida com dignidade. Vida onde famílias possam respirar respeito, onde possam transformar suas histórias e onde se sintam acolhidas estejam onde estiverem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

Utópico esse pensamento, não acha? Permito-me viajar na fé que me move a aceitar o fardo de imutável condição. Você decide de qual lado ficará. Decide também se vai continuar com os braços cruzados rodeado de eufemismos bonitos e distante da realidade que o cerca.

Entenda, porém, que todas as ações têm consequências. A passividade como escolha também cobra o preço, não é somente a verdade que o faz. O maravilhoso em tudo é que a vida tem memória e nada passa despercebido. Nada!



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROKAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

E voltando à Gramática, mais precisamente ao eufemismo, vejo aqui uma das maiores limitações atuais: podemos suavizar a realidade, mas ela existe. Ignorar a fome, a pobreza, as guerras, a luta pelo poder, mas ainda assim os fatos nos revelam a existência dessas situações concretas. As palavras têm poder, porém não alteram os fatos.

É justamente por isso que a chamada "esteira dos eufemismos", descrita por Steven Pinker, revela algo tão significativo sobre nosso tempo: mudamos os nomes, mas os problemas insistem em permanecer. Estão aí quer queiramos ou não. A verdade não se impressiona com a sutileza das palavras, ela aguarda a tomada de atitude, a ação propriamente dita.



Cabe a mim e a você decidirmos qual será nossa atitude daqui para frente.

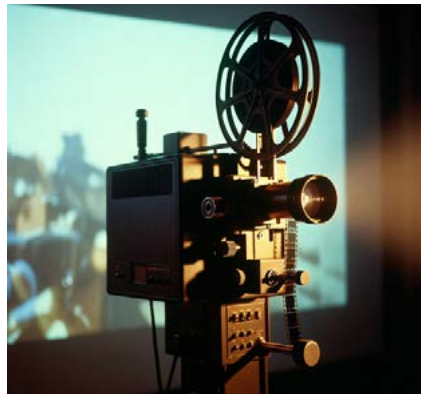
Desejando que tenha aproveitado essas palavras para uma reflexão e que a partir dela você se sinta impulsionado a movimentar-se rumo à ação concreta, despeço-me com um abraço afetuosos e deixo algumas sugestões para que mergulhe ainda mais na temática que desenvolvi:

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"



Livros:

- Steven Pinker – Tábula Rasa (The Blank Slate)
- George Orwell – 1984
- Viktor Frankl – Em Busca de Sentido
- Hannah Arendt – Eichmann em Jerusalém
- Zygmunt Bauman – Modernidade Líquida



Filmes:

- O Show de Truman (The Truman Show, 1998)
- 1984 (1984)
- Sociedade dos Poetas Mortos (Dead Poets Society, 1989)
- A Lista de Schindler (Schindler's List, 1993)



Documentários:

- O Dilema das Redes (The Social Dilemma)
- Human (2015)
- 13ª Emenda (13th)
- Uma Verdade Inconveniente (An Inconvenient Truth)

IMAGENS GERADAS POR IA "Usando GPT-4", sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 04/06/2026

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





STELLA GASPAR

Professora e Escritora



O Esplendor Sereno do Sossego

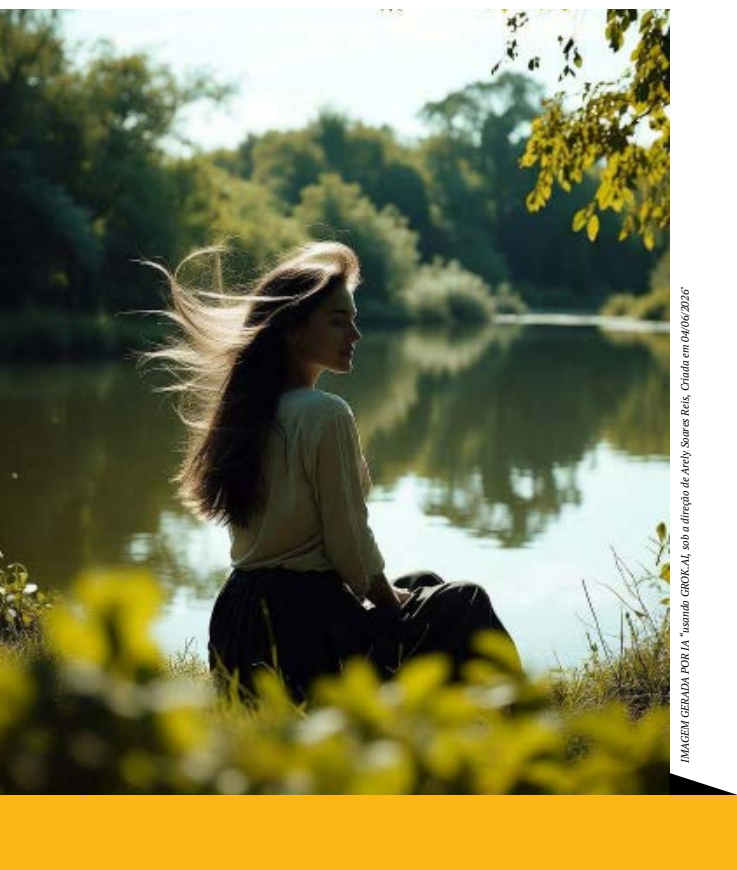


IMAGEM GERADA POR IA *usando GPT-4, sob a direção de Arley Soares Reis, criada em 04/04/2024

Estamos quase sempre sedentos de um agradável e duradouro sossego. Há em nós uma busca silenciosa, abrigada no íntimo, pelo repouso da alma. Amamos a vida em calmarias, vivida com sabedoria, como quem aprende a ouvir o vento e a decifrar o canto discreto das horas.

No sossego, nosso riso fica reluzente; parece uma lua dourada que se acende no céu da alma. É um brilho que ilumina por dentro, como se cada sorriso fosse um convite para celebrar a leveza e o bem-estar do corpo em movimento, apreciando o silêncio.

Em nossas memórias, precisamos guardar o aroma do perfume que agita e alivia o coração. São fragrâncias que não se compram: vêm de lembranças, de encontros, de instantes que tocaram nossa pele e deixaram marcas invisíveis, como se cada nota perfumada fosse uma promessa de descanso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMARTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

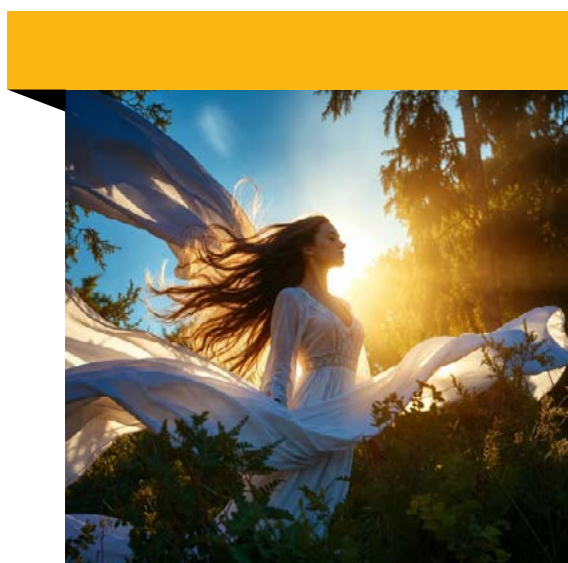


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/06/2026"

Ah, as cores são fiéis aos nossos momentos. O branco, por exemplo, é a fidelidade do nosso pacto com o sossego; é a lembrança pura da paz que nos visita em momentos divinos. O azul nos recorda o infinito de uma linda esperança, o verde nos devolve a natureza que cura, e o dourado nos lembra que até o silêncio pode brilhar.

Precisamos olhar o mundo com doces desejos, permitindo que nossos olhos abram caminhos onde flores e jardins possam nascer.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Mais de duas mil línguas, um continente: a extraordinária diversidade linguística africana

Quando se fala em África, é comum que a primeira imagem evocada seja a de uma vasta extensão territorial repleta de paisagens exuberantes, povos diversos e uma história milenar. No entanto, existe um patrimônio tão extraordinário quanto pouco conhecido fora do continente: sua imensa riqueza linguística. Com mais de duas mil línguas vivas, a África abriga cerca de um terço de todos os idiomas falados no planeta, constituindo um dos maiores tesouros culturais da humanidade.

Cada língua africana representa muito mais do que um conjunto de palavras e regras gramaticais. Ela é um arquivo vivo da memória coletiva, um repositório de saberes ancestrais, uma for-

ma singular de interpretar o mundo e um elo entre gerações. Em suas expressões, metáforas e narrativas sobrevivem conhecimentos sobre agricultura, medicina tradicional, astronomia, ecologia, espiritualidade e organização comunitária que foram transmitidos oralmente durante séculos.

A diversidade linguística africana é resultado de milhares de anos de história. Muito antes da formação dos Estados modernos, povos estabeleceram redes comerciais, desenvolveram sistemas políticos complexos, produziram arte, filosofia e literatura oral em idiomas próprios, moldados pelas condições geográficas, pelas migrações e pelos encontros entre diferentes culturas.

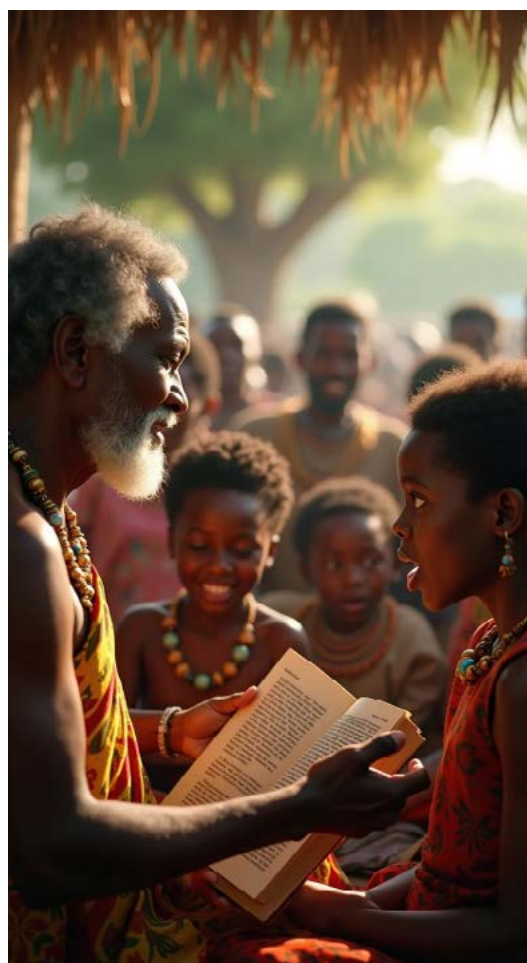


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/07/2026"

Os estudiosos costumam organizar essa pluralidade em quatro grandes famílias linguísticas: Níger-Congo, Afro-Asiática, Nilo-Saariana e Khoisan. Cada uma reúne centenas de línguas com características fonéticas, gramaticais e culturais distintas. A família Níger-Congo, por exemplo, é considerada uma das maiores do mundo em número de idiomas, abrangendo línguas como iorubá, zulu, xhosa, igbo e suaíli, esta última utilizada como língua franca em diversos países da África Oriental.

Já a família Afro-Asiática inclui o árabe, amplamente difundido no norte do continente, além do amárico, idioma oficial da Etiópia, e do hauçá, uma das línguas

mais faladas da África Ocidental. Enquanto isso, as línguas Khoisan, conhecidas pelos característicos sons de clique, preservam traços de algumas das mais antigas tradições linguísticas da humanidade.

Essa multiplicidade faz com que, em muitos países africanos, uma mesma pessoa cresça falando duas, três ou até quatro línguas diferentes. O idioma da família pode ser distinto daquele utilizado na escola, na administração pública ou no comércio. Em regiões urbanas, o multilinguismo faz parte da vida cotidiana e demonstra uma capacidade de convivência entre culturas que desafia modelos linguísticos mais homogêneos observados em outras partes do mundo.

Entretanto, essa riqueza enfrenta desafios significativos. O período colonial deixou profundas marcas na organização linguística do continente. Durante décadas, as administrações europeias impuseram o uso do português, francês, inglês, espanhol ou italiano como línguas oficiais da educação, da justiça e da administração pública. Em muitos casos, falar uma língua africana dentro das escolas era motivo de punição ou discriminação.

Mesmo após os processos de independência, muitas dessas línguas coloniais permaneceram como instrumentos de integração nacional, sobretudo em países marcados por grande diversidade étnica e linguística. Embora tenham desempenhado um papel importante na comunicação entre diferentes grupos, sua predominância também contribuiu para o enfraquecimento de diversos idiomas locais, especialmente aqueles falados por pequenas comunidades.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/07/2026"

Segundo a UNESCO, centenas de línguas africanas encontram-se atualmente em diferentes graus de vulnerabilidade. Algumas possuem poucos falantes idosos; outras deixaram de ser transmitidas às novas gerações, correndo o risco de desaparecer nas próximas décadas. Quando uma língua desaparece, não se perde apenas um meio de comunicação. Desaparecem também formas únicas de compreender a natureza, interpretar o tempo, organizar a vida comunitária e narrar a experiência humana.

É justamente por reconhecer esse patrimônio que diferentes iniciativas de preservação vêm ganhando força em várias regiões do continente. Universidades, centros de pesquisa, comunidades tradicionais e organizações culturais trabalham na documentação de idiomas ameaçados, na produção de dicionários, gramáticas, registros audiovisuais e materiais didáticos. A Academia Africana de Línguas (African Academy of Languages), vinculada à União Africana, atua

na valorização das línguas africanas como instrumentos fundamentais para o desenvolvimento, a educação e a integração regional.

Outro aspecto essencial dessa revitalização é a literatura produzida em idiomas africanos. Durante muito tempo, escritores recorreram às línguas europeias para alcançar maior circulação internacional. Contudo, diversos intelectuais passaram a questionar essa lógica. Entre eles destaca-se o escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o, que defende a escrita em línguas africanas como forma de preservar identidades culturais e fortalecer a autonomia intelectual do continente. Para ele, a língua é também um território da memória; quando um povo perde seu idioma, corre o risco de perder parte de sua maneira própria de pensar e interpretar o mundo.

Ao lado da literatura escrita, permanece viva uma das maiores riquezas culturais africanas: a tradição oral. Muito antes da invenção

da imprensa em diversas regiões do continente, histórias, poemas, genealogias, ensinamentos filosóficos e acontecimentos históricos eram preservados pela palavra falada. Os griôs, guardiões da memória em diversas sociedades da África Ocidental, desempenham, ainda hoje, um papel fundamental na transmissão desses conhecimentos, demonstrando que oralidade e conhecimento caminham lado a lado.

Ao lado da literatura escrita, permanece viva uma das maiores riquezas culturais africanas: a tradição oral. Muito antes da invenção da imprensa em diversas regiões do continente, histórias, poemas, genealogias, ensinamentos filosóficos e acontecimentos históricos eram preservados pela palavra falada. Os griôs, guardiões da memória em diversas sociedades da África Ocidental, desempenham, ainda hoje, um papel fundamental na transmissão desses conhecimentos, demonstrando que oralidade e conhecimento caminham lado a lado.

Essa tradição oral influenciou profundamente manifestações culturais nas Américas. Diversas palavras incorporadas ao português brasileiro têm origem em línguas africanas, assim como cantos, ritmos, expressões religiosas e formas narrativas que atravessaram o Atlântico com milhões de africanos escravizados. Em cada vocábulo preservado na fala cotidiana, em cada canto tradicional ou celebração popular, sobrevivem fragmentos dessa extraordinária herança linguística.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/07/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/07/2026"

As línguas africanas também revelam uma impressionante capacidade de adaptação ao mundo contemporâneo. Hoje, é possível encontrar aplicativos para aprendizado de idiomas, projetos de digitalização de dicionários, traduções literárias, emissoras de rádio comunitárias e iniciativas voltadas à presença dessas línguas na internet e nas redes sociais. Jovens escritores, músicos, cineastas e criadores de conteúdo utilizam seus idiomas ancestrais como forma de reafirmar pertencimento e dialogar com novas gerações.

Em um tempo marcado pela globalização, preservar a diversidade linguística tornou-se um compromisso com a própria diversidade humana. Cada idioma contém soluções culturais construídas ao longo de séculos, modos particulares de observar a natureza e formas únicas de expressar sentimentos, valores e conhecimentos. Proteger essas línguas significa proteger diferentes maneiras de existir.

A extraordinária diversidade linguística africana nos lembra que o mundo não é composto por uma única voz, mas por um imenso coral de culturas. Cada língua falada no continente representa uma janela aberta para a história da humanidade, um convite permanente ao diálogo e uma prova de que a riqueza cultural não reside na uniformidade, mas na pluralidade. Ao reconhecer esse patrimônio, compreendemos que preservar as línguas africanas é preservar parte essencial da memória coletiva do planeta.

Por REDAÇÃO THE BARD

Fátima Moniz e cifras de saudade para Conceição Lima

A África lusófona está cinzenta e sem ânimo. Perdemos a poetisa, jornalista, escritora, irmã e amiga, Conceição de Deus Lima, de São Tomé e Príncipe, dona da frase: "... e de repente todas as aves sossegaram. Mas coisa nunca vista, os cantos ecoavam de onda em onda." Texto de São Lima da Revista África 21, Dezembro de 2008, pág. 41.

Conceição Lima escrevo hoje com recurso as tuas proféticas palavras. Naquela manhã de Maio acordei e de repente as redes sociais de todos os cantos do mundo falavam de sua partida para a outra dimensão, os cantos ecoavam de onda em onda. Parei e pensei muitas coisas... a luta da mãe africana, que cria filhos com matabicho ou se quiserem dando café da manhã não com pão, mas com mandioca, safú, banana verde assada e chá de folhas de limão ou café fraco. Pensei na mãe africana que ao invés de termómetro controla a febre com as costas da mão, prepara o algodão ou pano molhado e coloca na testa para baixar a febre, porque a maior parte das vezes não temos farmácia perto ou não há aspirina.

Conceição Lima, pensei no dia da Mulher africana o ano passado e perante ilustres figuras declamaste o poema: "Súplica", um dos poemas mais emblemáticos da escritora moçambicana Noémia de Sousa, escrito por volta de 1951, o texto é um grito de resistência contra a opressão colonial, onde a autora proclama que, mesmo que tirem tudo do seu povo, a música e a identidade jamais poderão ser roubadas. Eu fiquei arrepiada e a África estremeceu pois, tua delicadeza e convicção nas palavras bem pronunciadas me levaram a gravar e a partilhar com o mundo.

Estamos tristes, mas tudo ficou mais calmo, quando o Dr. Bernardino Neto, trouxe uma coleção da Revista África 21, comprado nos miúdos que vendem na calçada de Luanda e disse veja as crónicas de Conceição Lima que muito gostas. Fiquei a olhar, agradei e comecei a ler e a chorar. Podias viver mais, talvez quando velhinhas fizessemos uma tarde de poesia para Alda Lara e Alda do Espírito Santo. Talvez fizemos um pôr do sol em Vila Nova de Gaia, quem sabe na Torre Eiffel, ou mesmo na Montanha do Kilimanjaro, na Tanzânia.



Imagem de Google

Conceição de Deus Lima, fui até Viana para cumprimentar o seu mano Will e fiquei as voltas pensando no teu percurso, televisão, universidade, varias línguas, poesia e outros apontamentos em todos os idiomas e "...limpando enfim dos olhos ásperos da véspera, vi que nunca tantas asas haviam ousado equilibrar-se nos ares e nos céus do

nosso sítio, sustento o fulgor das suas penas e a arte de seus ninhos e a prodigiosa harmonia de seus cantos.". "O suim-suim e o papa-figo, o keblankaná e o kelêkêê e o ossobô e a viuvinha e o tluki-sun-dêsu e o sêlêlê e o tomé-gagé e a até a pata d'aua encontraram finalmente um timbre musical." Conceição Lima virou poesia.



Imagem de Google



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/07/2026"

Nestas linhas, neste desabafo africano, está a nossa força e a terapia, e continuamos, porque não mudamos a lei da vida, mas esteja segura onde estiveres, sua luta continua, sua mensagem continua, tua caminhada rumo a emancipação da Mulher, ao bem estar dos nossos povos, continua, teus poemas continuarão a ser lidos e divulgados e eu estarei aqui para provar que o que escreveste estava certo "e vimos que isto era bom", como dizias... "E vimos as flores e os nomes dados as flores, antes de nós e sem roçar as pétalas, soubemos de novo como eram lindas."

Por FÁTIMA MONIZ

FÁTIMA MONIZ

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



RESILIENTE



02



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

QUANDO OS RETALHOS DA VIDA APRENDEM A FLORESCER

Como fios que entrelaçam memórias e emoções, o patchwork transforma fragmentos em inteireza, oferecendo à alma caminhos de cura e renovação.

A arteterapia constitui uma importante estratégia complementar no cuidado à saúde mental, favorecendo processos de autoconhecimento, expressão emocional e fortalecimento dos recursos psíquicos do indivíduo. Por meio da utilização de diferentes linguagens artísticas, o paciente encontra formas seguras e acessíveis de externalizar sentimentos, conflitos e experiências que, muitas vezes, não conseguem ser expressos apenas pela comunicação verbal.

No contexto clínico, os benefícios da arteterapia podem influenciar positivamente a evolução do paciente, contribuindo para a redução de sintomas relacionados à ansiedade, ao estresse, à depressão e a outros qua-

dros que impactam o equilíbrio emocional. O processo criativo estimula a organização do pensamento, amplia a percepção de si mesmo e favorece a elaboração de vivências difíceis, promovendo maior compreensão sobre emoções, comportamentos e padrões de relacionamento.

Ao conduzir reflexões significativas sobre a própria trajetória de vida, a arteterapia fortalece a capacidade de enfrentamento diante das adversidades, auxiliando o paciente na construção de novas formas de lidar com desafios e conflitos internos. A experiência artística também favorece estados de relaxamento, atenção plena e sensação de realização, fatores que contribuem diretamente para o bem-estar psicológico.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/06/2026"

Outro aspecto relevante é o desenvolvimento gradual da autorregulação emocional. Ao criar, experimentar e ressignificar conteúdos internos por meio da expressão artística, o indivíduo amplia sua capacidade de reconhecer emoções, compreender seus gatilhos e responder de maneira mais consciente às situações do cotidiano. Esse processo favorece o aumento da autoestima, da autoconfiança e do sentimento de competência pessoal.

Dessa forma, a arteterapia não se limita à produção artística em si, mas configura-se como um recurso terapêutico que promove qualidade de vida, fortalecimento emocional e ampliação da saúde mental. Ao integrar criatividade, reflexão e expressão simbólica, oferece ao paciente oportunidades de transformação, contribuindo para uma vivência mais equilibrada, saudável e significativa.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/06/2026"



PATCHWORK

Há algo de profundamente humano no ato de costurar retalhos. Talvez porque todos nós sejamos feitos deles.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/06/2026"

Fragmentos de memórias, alegrias interrompidas, perdas, encontros, despedidas, sonhos desfeitos e outros reconstruídos. A vida raramente se apresenta como um tecido inteiro. Quase sempre chega em pedaços. E é justamente aí que o patchwork nos oferece uma das mais belas metáforas da existência.

A palavra "patchwork" significa, literalmente, "trabalho com remendos". Sua origem remonta a séculos atrás, atravessando culturas e continentes. Em épocas de escassez, mulheres reuniam pequenos pedaços de tecidos que já não possuíam utilidade individual. Sobras de vestidos, aventais, roupas infantis e lençóis gastos eram cuidadosamente guardadas para, mais tarde, serem transformadas em colchas, mantas e peças de uso cotidiano.

O que parecia não servir para mais nada encontrava uma nova razão de existir.

Cada retalho carregava uma história. Uma cor desbotada pelo tempo. Uma lembrança. Um afeto.

E assim surgiam as colchas de retalhos: não apenas objetos utilitários, mas verdadeiros mapas afetivos costurados à mão.

Na contemporaneidade, o patchwork ultrapassou a dimensão artesanal para ocupar um espaço relevante nas práticas terapêuticas e no universo da arteterapia. Mais do que produzir uma peça bonita, o processo de selecionar, organizar, combinar e unir fragmentos tornou-se um exercício simbólico de reconstrução interior.

A arteterapia, reconhecida internacionalmente como importante recurso complementar em tratamentos de saúde física e emocional, utiliza diversas linguagens artísticas para favorecer a expressão de sentimentos, o fortalecimento da autoestima e a elaboração de experiências difíceis. Entre elas, o trabalho têxtil ocupa lugar especial por envolver ritmo, repetição, toque e criação.

Quando uma pessoa atravessa um trauma, uma perda significativa, um adoecimento ou uma ruptura emocional, frequentemente experimenta a sensação de estar fragmentada. Como um tecido rasgado.

É nesse contexto que o patchwork revela sua força poética.

Ao unir pedaços aparentemente desconexos, a pessoa também começa a reorganizar partes de si mesma. Cada costura torna-se um gesto de cuidado. Cada combinação de cores, uma escolha consciente. Cada bloco finalizado representa uma pequena vitória sobre o caos.

A ciência tem demonstrado que atividades manuais criativas podem reduzir níveis de ansiedade, favorecer estados de atenção plena, estimular funções cognitivas e contribuir para a diminuição do estresse. Em ambientes hospitalares, centros de reabilitação, instituições voltadas à saúde mental e grupos de apoio, práticas artísticas têm auxiliado pessoas a ressignificar experiências dolorosas e recuperar o senso de pertencimento e propósito. Mas talvez os benefícios mais profundos não possam ser medidos em gráficos.



IMAGEM GERADA POR IA "Jusaido SFAAT, AI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 04/06/2025"

Eles acontecem no silêncio. No instante em que alguém percebe que sua história não precisa ser apagada para continuar. Que as marcas permanecem, mas podem compor um novo desenho. Que os pedaços não precisam ser escondidos. Precisam ser acolhidos. Uma colcha de patchwork não é bela apesar dos retalhos. Ela é bela por causa deles.

IMAGEM GERADA POR IA "Jusaido MAGNIFIC, AI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 04/06/2025"





IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 04/06/2026"

E talvez essa seja a grande lição que essa arte ancestral oferece ao nosso tempo: a vida não exige perfeição. Exige integração. Os tecidos não voltam a ser o que eram antes. Tornam-se algo novo. Mais complexo. Mais rico. Mais singular.

Da mesma forma, quem atravessa a dor não retorna ao ponto de partida. Mas pode descobrir novas formas de existir,

criar e florescer.

No patchwork, o que parecia sobra transforma-se em obra.

Na vida, o que parecia fim pode tornar-se recomeço.

E talvez a verdadeira arte esteja justamente aí: na coragem de costurar esperança onde antes havia apenas fragmentos.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



ESNUDA

em Palavras

ERÓTICO

19



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico *Deliciosamente Libertino* (2020) e da trilogia *Meu Nome é Maximus*, cujo título mais recente, *Maximus Infernus*, foi lançado em abril de 2025. Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

A Voz inquietante que fez do afeto um ato literário

Leitor, permita-se desacelerar por alguns instantes. O inverno pede excessos silenciosos: vinho servido lentamente, o calor discreto da lareira, páginas abertas durante a madrugada e pensamentos que se tornam mais perigosos sob a penumbra.

É nesse cenário que surge Violette Leduc, uma das mais inquietantes e sofisticadas vozes da literatura francesa. Escritora do desejo, da vulnerabilidade e da fome emocional, ela transformou o erotismo em algo muito além da provocação física.

Em sua literatura, o corpo deseja, mas também sofre, implora, fantasia e se perde. Seus personagens carregam paixões febris, carências profundas e a necessidade quase desesperada de existir no olhar do outro.

Hoje, atravessaremos as páginas de uma autora que compreendeu como poucas pessoas que o erotismo também pode nascer da solidão, da obsessão e da delicada violência de querer ser amado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SERRAVALLE, sob a direção de Tônia Lavínia, criada em 05/06/2025"

Biografia de Violette Leduc



Imagem de Google

Nascida em 1907, na França, Violette Leduc foi uma escritora marcada pela intensidade emocional e pela coragem de transformar experiências íntimas em literatura. Filha ilegítima e criada em meio a sentimentos de rejeição e inadequação, encontrou na escrita uma forma de expor desejos, fragilidades e conflitos que, durante décadas, permaneceram silenciados na literatura feminina.

Sua obra atravessa temas como erotismo, solidão, obsessão afetiva e identidade, sempre conduzidos por uma escrita profundamente confessional e sensorial. Leduc abordou o desejo feminino de maneira incomum para sua época, tratando o corpo e a paixão sem idealizações românticas ou pudores convencionais.

Ao longo de sua trajetória, aproximou-se de importantes nomes da intelectualidade francesa, entre eles Simone de Beauvoir, que reconheceu a potência de sua escrita e contribuiu para que sua obra alcançasse maior visibilidade.

Entre seus livros mais conhecidos estão *A Bastarda*, *Thérèse e Isabelle* e *Ravage*, obras que exploram relações afetivas intensas, sexualidade e a complexidade emocional do desejo humano.

Hoje, Violette Leduc é reconhecida como uma das vozes mais ousadas e sensíveis da literatura francesa do século XX, deixando um legado literário onde erotismo e vulnerabilidade caminham lado a lado.

O desejo em Violette Leduc

Em Violette Leduc, o desejo jamais ocupa um lugar confortável. Ele surge inquieto, febril, quase sempre acompanhado pela sensação de falta. Seus personagens desejam o toque, a presença, o olhar e a permanência do outro com intensidade quase dolorosa. O erotismo em sua literatura não nasce apenas da pele, mas da carência emocional e da necessidade profunda de pertencimento.

Entre suas obras mais marcantes está *Thérèse e Isabelle*, romance que atravessa a descoberta do desejo feminino com delicadeza e tensão emocional. Longe do erotismo vulgar ou

performático, Violette constrói cenas íntimas carregadas de sensações sutis, silêncios e impulsos reprimidos. O desejo, em suas páginas, parece respirar lentamente antes de incendiar os corpos.

Há em sua escrita uma sensualidade psicológica que transforma pequenos gestos em acontecimentos intensos. Um olhar prolongado, a proximidade dos corpos, o medo da rejeição e a expectativa do toque tornam-se parte fundamental da experiência erótica. Violette compreendia que o desejo também vive da espera, da fantasia e da vulnerabilidade.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2026"

Talvez seja justamente essa a força de sua literatura. Seus personagens não desejam apenas prazer. Desejam reconhecimento, acolhimento e a sensação de existir plenamente no corpo e na memória de alguém.

Ler Violette Leduc é com-

preender que o erotismo pode ser elegante, melancólico e profundamente humano ao mesmo tempo. Em sua obra, paixão e solidão caminham lado a lado, revelando que alguns desejos deixam marcas muito além da pele.



Erotismo da ausência

No universo de Violette Leduc, a ausência não é vazio: é uma presença invertida, capaz de ocupar o corpo com a mesma intensidade de um toque. Seus personagens não sofrem apenas porque desejam; sofrem porque desejam aquilo que escapa, aquilo que se afasta, aquilo que talvez nunca pertença inteiramente a eles.

É nesse intervalo entre a espera e a impossibilidade que nasce um dos aspectos mais delicados de sua escrita. O erotismo não se realiza apenas quando os corpos se encontram. Muitas vezes, ele se constrói antes, no silêncio que antecede a aproximação, no olhar que não se sustenta, na lembrança que insiste em permanecer.

Leduc compreende que a falta também seduz. A pessoa amada pode estar distante, indiferente ou inacessível, e justamente por isso se torna ainda mais presente na imaginação. A ausência amplia os contornos do desejo, transforma pequenos gestos em obsessão e faz da memória um território profundamente sensual.



Há uma elegância melancólica nessa forma de narrar o afeto. O que não acontece ganha peso; o que não é dito permanece vibrando. Em suas páginas, a espera pode ser mais ardente que a posse, e a saudade pode carregar uma carga erótica mais intensa do que qualquer encontro explícito.

Por isso, ler Violette Leduc é perceber que o desejo humano nem sempre busca apenas presença. Às vezes, ele se alimenta justamente da distância, da incompletude e da dor suave de continuar desejando alguém que já não está ali.



O que não podia ser dito

Violette Leduc foi uma das vozes mais ousadas da literatura francesa justamente por insistir em dizer o que, durante muito tempo, foi considerado impronunciável. Em sua época, temas como aborto e bissexualidade eram amplamente silenciados, tratados como tabus ou simplesmente excluídos do espaço literário legitimado.

Grande parte da produção literária do período evitava esse tipo de abordagem, especialmente quando envolvia a experiência feminina de forma direta e íntima. O desejo entre mulheres, a gravidez indesejada e suas consequências raramente eram narrados sob a perspectiva de quem os vivia de fato. Quando apareciam, costumavam ser filtrados por olhares masculinos, distantes ou moralizantes.

Leduc rompe com esse padrão ao escrever a partir de uma vivência emocional e corporal do mundo. Em *Ravages* (1955), por exemplo, trechos da obra foram suprimidos antes da publicação por tratarem de um aborto clandestino e de relações afetivas e sexuais entre mulheres. Na época, esses fragmentos foram considerados escandalosos, ainda que representassem, na essência, experiências humanas narradas sem disfarce.

Mais do que provocar, Violette Leduc expôs aquilo que a literatura tradicional frequentemente escondia: o corpo feminino em sua complexidade, atravessado por desejo, dor, escolhas difíceis e contradições profundas. Sua escrita transforma o interdito em linguagem, e o silêncio em expressão literária.

“Nota de Tônia Lavínia”

Há escritoras que não pedem licença ao leitor, apenas abrem a porta e deixam que a linguagem invada, desarrumando o silêncio. Violette Leduc é uma dessas presenças raras.

Lê-la não é um gesto confortável. É atravessar páginas que parecem doces à primeira vista, mas escondem um sabor agri-doce que

permanece na boca muito depois do fim. Sua escrita francesa não se comporta: ela escapa da elegância previsível, tensiona a norma, sabota a delicadeza clássica e transforma intimidade em matéria viva, às vezes incômoda, sempre intensa.

Convido o leitor a entrar nesse território sem mapas. Não para compreender de imediato, mas

para se deixar atravessar. Em Leduc, a palavra não serve apenas para narrar: ela expõe, rasga, deseja, insiste.

Abrir suas páginas é aceitar ser deslocado. E talvez seja exatamente aí que mora o encanto: nessa espécie de desordem luminosa que só grandes escritoras conseguem provocar.

Identidade Libertina

Entre o silêncio e a pele

Ele não disse nada quando chegou. E talvez por isso tudo tenha ficado mais intenso, porque o silêncio dele parecia saber exatamente onde tocar.

A luz baixa do quarto desenhava contornos suaves na pele, como se o espaço inteiro tivesse sido feito para aquela espera. Ela fingiu desinteresse por alguns segundos, mas o corpo já tinha desistido de fingir há muito mais tempo.

Quando os olhares finalmente se encontraram, não houve pressa. Havia um reconhecimento antigo ali, como se aquele instante já tivesse acontecido em algum

lugar entre o sonho e a memória.

Ele se aproximou devagar, como quem teme quebrar algo invisível. Ainda assim, a distância entre os dois parecia diminuir sozinha, inevitável, quase cruel.

A respiração dela mudou antes de qualquer toque. E isso foi o suficiente para que ele entendesse: não era sobre avançar, era sobre permanecer ali nesse espaço suspenso onde tudo ainda podia acontecer.

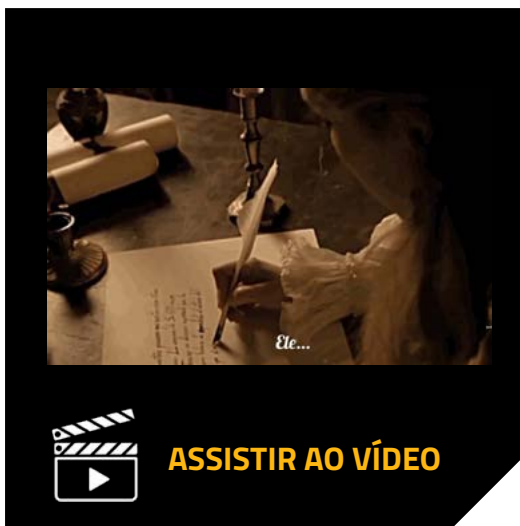
E então, quando a proximidade se tornou inevitável, o mundo lá fora deixou de existir por completo.



IMAGEM GERADA POR IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/06/2024.

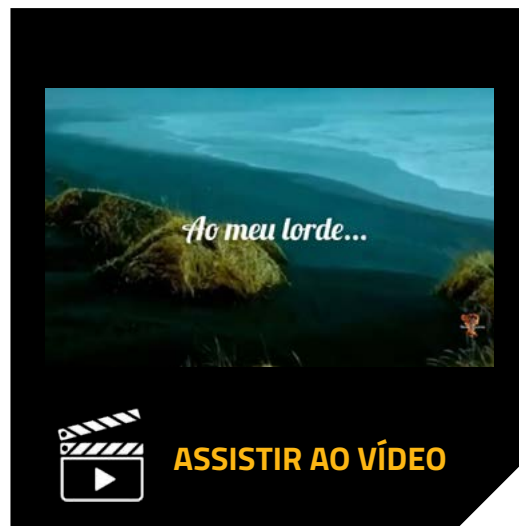
Vídeo no Youtube:

"Ele... O motivo da saudade do meu corpo"
por Tônia Lavínia



ASSISTIR AO VÍDEO

"Ao meu Lorde"
por Tônia Lavínia



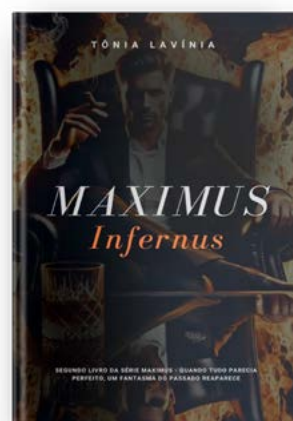
ASSISTIR AO VÍDEO

LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



Clique aqui

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

YOUTUBE

KWAI

INSTAGRAM

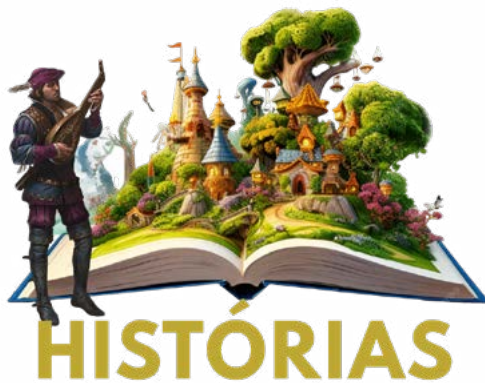
POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Contadores de



04



FAGNER LIMA



Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa.

Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

Importância da Contação de Histórias através da Música na Vida das Crianças



Imagem - Maria de Fátima Marinho - Fotógrafo Heudes Regis

Acredita-se que a contação de histórias, especialmente através da música, é uma poderosa ferramenta de aprendizado, sensibilidade e desenvolvimento humano. As histórias cantadas enriquecem as experiências infantis, estimulam a imaginação, fortalecem a criatividade e contribuem para o desenvolvimento intelectual e emocional de crianças e adultos. Além disso, despertam a curiosidade, incentivam o hábito da leitura e aproximam o público de novas narrativas de forma lúdica, afetiva e educativa.

A música tem o poder de transformar histórias em experiências ainda mais marcantes. Quando aliada à contação de histórias, ela

amplia a atenção, a memória, a percepção sonora, a coordenação e a expressão das emoções. As histórias cantadas ajudam no desenvolvimento da linguagem, na socialização e na construção da autoestima infantil, tornando o aprendizado mais prazeroso e significativo. Através das canções, as crianças viajam pelo universo da fantasia, aprendem valores, descobrem sentimentos e criam conexões afetivas que podem acompanhar toda a vida.

Nesta edição, a Coluna Contadores de Histórias recebe Maria de Fátima Marinho, Presidenta do Grupo Pipoquinha - Organização Artística à Cidadania. Professora de música.



Maria de Fátima Marinho

Maria de Fátima Marinho, recifense nascida em 22 de julho de 1954. Doutora em Educação pela Universidad Católica de Santa Fe (Argentina), mestre em Educação Musical pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), bacharel em Comunicação Social e licenciada em Música pela UFPE.

Artista multifacetada, atua como professora, cantora, atriz,

dançarina, mamulengueira, compositora, pesquisadora, produtora e escritora. Criadora do Palhaço Pipoquinha e fundadora do Grupo Pipoquinha, construiu uma trajetória sólida unindo arte, educação e inclusão. Desenvolve há anos um trabalho significativo no Centro de Educação Musical de Olinda (CEMO), sendo referência no ensino de música para pessoas com deficiência visual.



Desde criança se dedica às atividades artísticas na TV Jornal do Comércio e TV Universitária, Circo da Raposa Malhada, Circo Popular do Recife, ruas, praças e palcos do Teatro do Parque e Teatro Santa Isabel.

Paralelamente estuda e aperfeiçoa diversas técnicas nas áreas da

música, do teatro de gente e de bonecos e dos folguedos populares do Brasil.

Seu trabalho artístico e acadêmico tem como foco contribuir para a formação de público e à inclusão de pessoas amadoras e profissionais com ou sem deficiência.

Imagens - Maria de Fátima Marinho - Fotografia Heudes Regis



Vídeo no Youtube:

**DEFICIENTES VISUAIS DO IAPQ
CANTAM E DANÇAM QUADRILHA,
COCO E CIRANDA**



ASSISTIR AO VÍDEO

**BLOCO PIPOQUINHA NA FOLIA -
CARNAVAL - PREFEITURA DO RECIFE**



ASSISTIR AO VÍDEO

YOUTUBE



INSTAGRAM



Vídeo no Youtube:

ARRAIÁ DO FAGUINHO



COLUNISTA FAGNER LIMA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





04



RUTE ELLA DOMINICI



Escritora, ensaísta, poeta e pensadora, dr.h.c. em Literatura Francesa, fez da palavra um ofício de resistência e autopoiese. Já compôs poemas gastronômicos em cardápios, letras para melodias clássicas e sacras, além de colunas culturais em jornais e academias. Sua trajetória passa por antologias no Brasil, Portugal e Genebra, e foi voz de liderança feminina em eventos literários. Recebeu o Prêmio Selo Off Flip em Conto (2025). Autora de *Mar Germinal* e *Lava Incontida*, transforma a literatura em convite ao autoconhecimento e à alma em perspectiva, conquistando leitores que buscam uma voz autêntica e inspiradora.



A alma não nasce no instante em que o corpo respira, ela apenas desperta para uma memória antiga.

Há no homem uma anterioridade silenciosa, um vestígio de infinito que não se deixa domesticar pela cronologia da carne. Como se algo, antes mesmo do primeiro fôlego, já o aguardasse no interior de si. E é dessa lembrança imprecisa, quase um eco do que não sabemos nomear, que surge a inquietude. Não como defeito da existência, mas como sinal de sua profundidade.

IMAGEM GERADA POR IA - Buscando MAGNIFICAI, sob a direção de Tânia Linhares, Criada em 06/06/2025

A Inquietude da Alma: livre-arbítrio, fé e vertigem existencial

*Antes da virtude, houve o desejo.
E Deus, em vez de negá-lo,
deu-lhe linguagem.*

*“Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu.”
(Cantares 6:3)*

A alma inquieta não suporta a superfície. Ela suspeita da estabilidade, desconfia das respostas prontas e sofre não por fragilidade, mas por excesso de percepção. Enquanto o corpo pede repouso, a alma pede sentido. Enquanto o mundo oferece distrações, ela exige verdade.

E entre ambos, o homem vacila.

Vacila porque habita simultaneamente o instante e o eterno. Porque toca a matéria sem conseguir esquecer o invisível. Porque ama aquilo que passa e, ainda assim, carrega dentro de si uma sede que nada transitório consegue saciar.

Talvez a angústia humana nasça exatamente aí: da incapacidade de pertencer inteiramente ao tempo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Origem: o sopro e a consciência

Na tradição da Bíblia Sagrada, o homem não é apenas criado, ele é soprado.

Há uma diferença abissal entre existir e ser atravessado por algo que transcende a matéria. O barro pode sustentar a forma, mas não explica a consciência. O corpo pode mover-se, mas não justifica a vertigem interior que leva o homem a perguntar pelo sentido da própria existência.

O sopro inaugura mais do que a vida: inaugura o peso de saber-se vivo.

E, com a consciência, nasce também a nostalgia do eterno.

Santo Agostinho compreendeu isso com rara lucidez ao afirmar:

“Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti.”

A alma não busca apenas felicidade. Busca retorno.

Como se toda alegria terrestre fosse, no fundo, tentativa de reencontrar uma origem que a memória não alcança, mas o espírito pressente.

A angústia como linguagem da alma

A angústia é uma das linguagens mais incompreendidas da existência.

O mundo moderno a trata como falha emocional, desequilíbrio químico ou excesso de sensibilidade. Mas há angústias que não nascem da doença, nascem da consciência.

Para Søren Kierkegaard:

“A angústia é a vertigem da liberdade.”

O homem sofre porque pode escolher, e cada escolha implica perda. Escolher um caminho é abandonar infinitos outros. Toda decisão carrega um pequeno luto invisível.

Já Sigmund Freud verá nessa dor o conflito entre desejo e repressão. O homem deseja mais do que consegue admitir e reprimir mais do que consegue esquecer.

Mas talvez exista algo ainda mais profundo.

A angústia da alma não é apenas psíquica, é metafísica.

Ela não pergunta apenas “o que desejo?”, mas “por que nada do que alcanço me basta?”.

Eclesiastes compreendeu essa vertigem antes mesmo da filosofia nomeá-la:

“Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.”

(Eclesiastes 1:2)

A palavra hebraica hevel significa sopro, névoa, aquilo que escapa no instante em que tentamos reter.

Não foi a ausência de sentido que me feriu, foi a dúvida de que ele existisse onde eu o procurava.

Caminhei como quem atravessa um jardim de névoa: tudo parecia próximo, nada era tocável.

Então compreendi: não era o mundo que me negava permanência, era eu que insistia em pedir eternidade ao que nasceu para desaparecer.

O conflito interior

Depois de descobrir que o mundo não sustenta plenamente a alma, o homem volta-se para dentro de si esperando encontrar repouso.

E encontra divisão.

Em Romanos, Paulo de Tarso descreve talvez a mais dolorosa experiência humana:

“Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.”

(Romanos 7:19)

A tragédia não está na ignorância, mas na consciência sem força suficiente para cumprir aquilo que reconhece como verdadeiro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Descobri, com uma lucidez que não consola, que não era o erro que me aprisionava, era a repetição dele dentro de mim.

Havia em mim um acordo silencioso entre o que sei e o que não cumprio.

E nesse intervalo, onde a consciência acusa e a vontade falha, percebi: não sou inteiro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Contraponto moderno: a falta e o desejo

Séculos depois de Paulo de Tarso descrever a divisão interior do homem, a psicanálise tentaria nomear, em linguagem moderna, parte dessa mesma inquietação.

Se Paulo percebia no homem uma fratura entre aquilo que reconhece como bem e aquilo que efetivamente realiza, Sigmund Freud enxergará na consciência humana um território de conflito contínuo entre desejo, repressão e culpa. O sujeito freudiano não é soberano de si. Há forças subterrâneas operando sob a superfície racional, impulsos que escapam ao controle consciente e retornam sob a forma de angústia, repetição ou sofrimento psíquico.

“O eu não é senhor em sua própria casa.”

A frase de Freud não reduz apenas a autonomia humana, ela desloca o homem do centro absoluto de si mesmo. A razão deixa de ser domínio pleno e passa a coexistir com zonas obscuras da subjetividade. O homem deseja mais do que consegue admitir e reprime mais do que consegue esquecer. A consciência, então, transforma-se em palco de tensão permanente entre impulso e contenção, prazer e culpa, instinto e norma.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Mas a psicanálise não se limita ao conflito: ela revela também a insuficiência estrutural do desejo.

Jacques Lacan aprofundará essa percepção ao afirmar que o desejo humano é constituído pela falta. O homem não deseja apenas objetos ou pessoas, deseja aquilo que imagina poder completá-lo. Porém, ao alcançar o objeto desejado, descobre que a ausência persiste. O desejo desloca-se, reinventa-se, procura novamente outro lugar onde projetar a promessa de ple-

nitude.

“O desejo do homem é o desejo do Outro.”

Em Lacan, o sujeito vive numa busca incessante por reconhecimento, pertencimento e completude. O vazio não é acidente: é estrutura. A falta sustenta o movimento do desejo e impede qualquer satisfação definitiva.

E talvez resida aí um dos paradoxos mais delicados da existência humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

A alma sofre não apenas porque lhe falta algo, mas porque nenhuma realização terrestre consegue corresponder plenamente à dimensão do que ela espera. O homem moderno acumulou conhecimento, velocidade, linguagem, tecnologia e possibilidades e, ainda assim, permanece atravessado por uma sensação silenciosa de incompletude.

A psicanálise interpreta essa ausência como estrutura do sujeito. A espiritualidade, porém, percebe nela um vestígio de transcendência.

Para a psicanálise, a falta organiza o desejo.

Para a alma, talvez a falta seja memória.

Memória difusa de uma inteireza perdida, de uma origem que o homem não consegue nomear racionalmente, mas continua buscando através do amor, da criação, da fé, do conhecimento e até do excesso.

Nesse ponto, a tensão entre psicanálise e espiritualidade deixa de ser oposição simplista e torna-se espelho filosófico da própria condição humana. Ambas reconhecem a inquietude. Ambas reconhecem que o

homem não se basta. Divergem, porém, sobre o destino dessa ausência.

A psicanálise vê nela a estrutura permanente do sujeito desejante.

A espiritualidade percebe nela a nostalgia do eterno.

E entre ambas as leituras, a alma continua buscando.

Talvez a angústia não seja apenas sintoma.

Talvez seja vestígio.

Como se houvesse, no fundo do homem, algo que nenhuma conquista consegue silenciar completamente.

Um intervalo invisível entre aquilo que ele toca, e aquilo que, secretamente, continua esperando.



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"



A travessia: da convicção ao amor

A alma, depois dessa revelação, já não se ilude quanto a si mesma.

Ela sabe da vaidade. Sabe da falha. Sabe da finitude.

E, no entanto, permanece.

Há nela uma coragem silenciosa: a de continuar buscando sentido mesmo depois da perda das ilusões.

Porque, se tudo é vaidade de baixo do sol, ainda assim há tempo para todas as coisas, inclusive

para amar.

E talvez o amor seja precisamente aquilo que rompe a lógica da inutilidade.

Não porque impeça a perda, mas porque concede significado ao transitório.

A alma ama porque reconhece no outro algo que a retira do cárcere de si. E, paradoxalmente, é ao perder o centro absoluto da própria existência que ela começa a aproximar-se de sua inteireza.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTE.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Cantares: o amor como experiência da alma

Em Cantares, a alma deixa de argumentar, ela deseja.

“Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu; ele apascenta entre os lírios.”

(Cantares 6:3)

O amor surge antes da teoria, antes da virtude, antes da explicação.

O corpo já não é prisão do espírito; torna-se símbolo visível do invisível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

A alma em perspectiva

Colocar a alma em perspectiva não é dominá-la, é escutá-la sem medo.

É reconhecer que coexistem nela múltiplas forças:
o desejo que chama,
o espírito que intui,
a consciência que acusa,
o ego que distorce,
a memória do eterno que insiste.

A maturidade não está em eliminar conflitos, mas em não se perder dentro deles.

Porque a alma verdadeiramente viva não é a que encontrou todas as respostas, é a que aprendeu a sustentar o mistério sem abandonar a busca.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Mas o amor não elimina a angústia. Ele a transforma.

Agora a dor já não nasce apenas da falta de sentido, mas da vulnerabilidade inevitável de quem ama.

“Procurei o meu amado...”

(Cantares 3:1)

A ausência intensifica o vínculo. Porque o verdadeiro amor não é domínio, é presença consentida.

E talvez esteja aqui um dos maiores paradoxos da alma: ela só começa a tornar-se inteira quando aceita amar sem possuir.

O amor amadurece a alma porque a obriga a atravessar a finitude sem transformar o outro em permanência impossível.

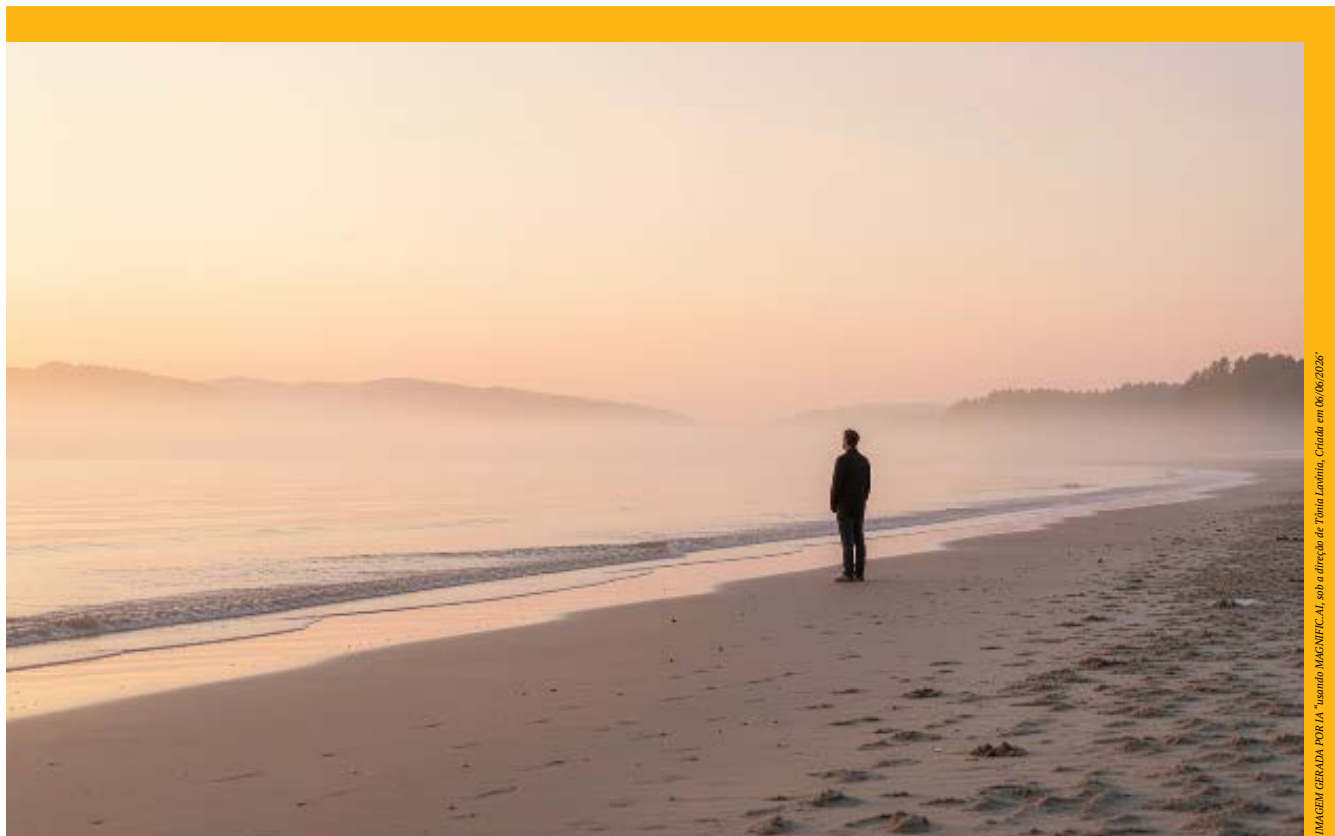


IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

Conclusão: A eternidade pressentida

Ao atravessar Eclesiastes, Romanos e Cantares, a alma compreende que sua jornada nunca foi apenas sobre sofrimento ou transcendência.

Foi sobre transformação.

Ela passou pela vaidade sem negar o mundo. Passou pelo conflito sem abandonar a consciência. Passou pelo amor sem exigir garantias de permanência.

E, nesse percurso, algo nela se transmuta.

O amor lhe revelou uma verdade que a razão sozinha não alcançava: a eternidade não começa depois da vida, começa no instante em que

a alma toca algo que o tempo não consegue destruir.

A alma não venceu a finitude, mas deixou de temê-la.

Porque, tendo atravessado a vaidade, e sido ferida pelo amor, compreendeu que algumas experiências não pertencem inteiramente ao tempo.

A plenitude, então, já não era posse.

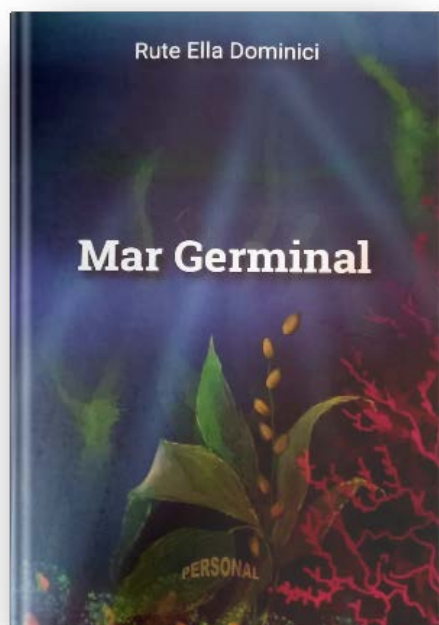
Era presença.

E a alma, enfim, percebeu: aquilo que buscava como destino, talvez sempre tivesse existido, como lembrança.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

COLONISTA RUTE ELLA DOMINICI

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



04



RENATO MOTA



Desenhista. Autor de ficção de fantasia. Desenvolvedor de jogos para computador e consoles. Produtor de universos fantásticos e surreais, com caminhos para todos os afetos em intersecções com nossa realidade. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Design Gráfico pela Uninter. Coursou Psicanálise pela Associação Psicanalítica do Brasil. Na The Bard é colunista de Desvendando a fantasia. Conheça mais do trabalho do artista em @ren_arrais - linktr.ee/rmaljogos



ENTRE O BELO E O GROTESCO EM AURORA NAS SOMBRAS, DE FABIEN VEHLMANN E KERASCOËT

E quem disse que uma história fofinha e fantasiosa não pode ser estranha ou mesmo assustadora? Aqui trago mais uma bela (e sinistra) história de fantasia, com momentos de chá, ratinhos vestidos com roupas elegantes, princesinhas arrogantes e garotas fortes. Começaremos com uma breve definição de beleza, em um sentido filosófico e com seus contrapontos, para só então entrarmos na história de

Aurora nas Sombras, de Fabien Vehlmann e Kerascoët. Nessa obra, o belo, o grotesco, o encanto e o medo andam de mãos dadas em meio a aquarelas suaves e representações assustadoras. Por fim, faremos um breve paralelo entre a jornada da protagonista dessa história e a jornada do herói, proposta por Campbell. Devo avisar que vai ter spoiler. Então, vamos a mais uma aventura?



IMAGEM GERADA POR IA *usando GROKIA, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 06/06/2026*

Do belo ao grotesco

Segundo Ariano Suassuna (2007) (que descanse na paz), Platão e Aristóteles são as principais referências quando se estuda o belo, seus efeitos e suas formas de construção. No caso de Platão, a estética tratará da aparência, já que, para ele, a essência cabe apenas aos deuses e ao plano das ideias. Já Aristóteles trouxe a estética também como uma maneira de transmitir uma experiência. De qualquer forma, para ambos, a beleza está ligada às características do objeto observado, considerando assim o belo como algo objetivo, medível.

E nisso de objetividade e quantificação do belo, Aristóteles criou uma régua de medição que vai de muito negativo até muito positivo, onde se tem: cômico (com uma apresentação caricata ou distorcida da realidade, usada para causar

riso); beleza do horrível (algo agitado e ligado ao que é contrário ao que seria natural); beleza do feio (alguns elementos desarmônicos são colocados para causar estranhamento de forma proposital); risível (algo que tem seus elementos desarmônicos, mas não chega a ser feio ou assustador); neutro (que nem é bonito nem é feio, só está lá presente, mas não se destaca); gracioso (com boas proporções e harmonia, mas em pequenas doses, como animazinhos, brinquedos delicados ou bibelôs); belo (mantêm-se as características do gracioso, mas aumenta-se a escala); sublime (representação de aspectos da realidade com tamanhos bem grandes, como uma grande tempestade no mar ou um imponente retrato em grandes proporções); e trágico (o retrato mais fiel possível de uma realidade).

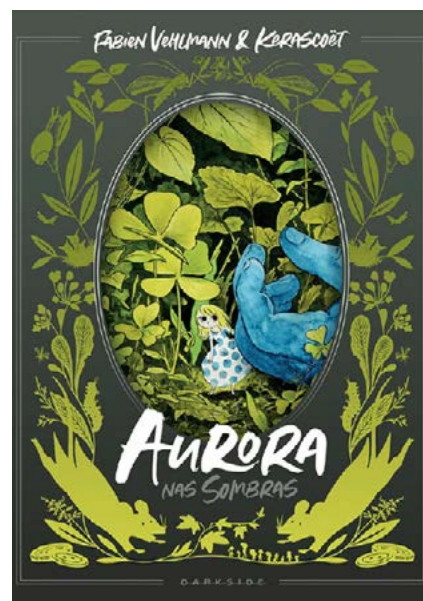


Imagem - Capa do livro Aurora nas Sombras por Google

Expostos esses conceitos, vamos a uma observação dos detalhes de Aurora nas Sombras, de Fabien Vehlmann & Kerascoët.

O mundo se desfazendo

Aurora nas Sombras começa com um clichê, uma mocinha e um mocinho em um encontro romântico, com chá e biscoitos, mas a coisa descamba rápido. No momento do beijo, um pingo de alguma coisa cai sobre o personagem que servia o chá e tanto a mocinha (Aurora) quanto seu interesse romântico (Hector), bem como todos os outros personagens da história se percebem em perigo e chegam à conclusão: aquele mundo está se desfazendo. Na página seguinte, temos uma imagem de uma menininha de 8 ou 9 anos, morta no mato, debaixo de chuva, com vários personagens saindo de sua boca, ouvidos, olhos e nariz. Até o final da história não se sabe o que ou quem matou a menina, nem o porquê.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"



Aquarela suave

São nítidos, nas ilustrações, dois estilos gráficos na aquarela que compõe as páginas. O primeiro estilo apresentado é cartunesco e, se for colocado na escala de beleza citada, ficaria entre o risível, já que não são retratos fiéis das formas humanas, e o gracioso, pois são de fato personagens muito bonitos, pequenos e delica-

dos, com escolhas de cores e adornos muito bem feitas. Já o segundo estilo de desenho retrata de forma mais realista a menina morta, a chuva e o mato na penumbra da noite, remetendo mais ao trágico, principalmente pelo tema retratado, uma criança morta e uma multidão de fantasias desfeitas e sonhos perdidos.

Fantasias e mundo real ou o choque

Quando amanhece e a chuva para, a protagonista procura abrigo e encontra a mochila da menina morta. Escorada no material escolar da criança sem vida, há uma personagem de vestido vermelho, que possui uma tesoura e está comendo pedaços de biscoitos que encontrou na mochila. Ao longo da história, ela parece ser a “voz adulta na sala”.

A partir daqui, começa um circo de horrores desenhado com traços bonitinhos e aquarela suave. A protagonista tenta criar uma maneira de sobreviverem no mundo novo, mas um a um, os personagens são mortos. Primeiro os biscoitos são divididos, mas acabam; eles tentam encontrar frutas, mas alguns se perdem; uma jovem, que cuida de um bebê, é enterrada viva porque outra garota achou-a feia; o bebê é simplesmente esquecido no mato; uma pequena bailarina aninha-se com passarinhos e sua boca é destroçada quando a mamãe pássaro vai alimentá-la; outra bailarina é levada por formigas; uma personagem maior não se satisfaz com as migalhas de biscoito e começa a canibalizar as amigas menores, depois termina entalada em um buraco que servia de casa para outra personagem; e há ainda uma que se recusa a sair do corpo da menina morta e apodrecida, e passa a morar entre tapurus e moscas.





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

A cada dia, a quantidade de personagens diminui, seja porque um gato entrou em um dos abrigos improvisados e levou um ou dois bonequinhos, seja porque eles se mataram de alguma forma. Sobre matarem uns aos outros, cabe destaque para Zélia, que age como uma princesa arrogante, dando ordens e tomando tudo o que quer para si. Pouco depois da metade da história, Zélia encena um casamento com Hector, que era o interesse romântico de Aurora. Isso depois de mandar enterrar viva uma garota por considerá-la monstruosa, pois a garota vítima só tinha um olho. Nesse ponto da história, Zélia colocara ao seu serviço os personagens sobreviventes e frustrara a ideia de Aurora de fazer uma festa. Furiosa, Aurora fura os olhos de um camundongo com quem fizera amizade e, sem terem o que comer, os bonequinhos comem o pequeno animal. Aurora usa o couro da cabeça do roedor para fazer um chapéu, mantendo o focinho e as orelhas. Antes de completar um dia de casamento, Zélia deixa um laço cair num lago, e Hector é engolido por um anfíbio ao tentar resgatar o pertence da esposa.

Nesse ponto, aparece um adulto. Um grande e barbudo homem caminha pela floresta, deixando pegadas. Ele mora em uma casa nas redondezas e sobre ele não encontramos muitas informações. Enquanto Zélia encena o enterro de Hector, ordenando a todos os seus seguidores que chorem com ela, Aurora reencontra a jovem que andava com a tesoura e vai morar com ela em um relógio de parede na casa do homem. Aqui vemos o homem e a casa também desenhados de forma realista.

Aurora e a mulher da tesoura passam a impressão de que são, na verdade, a mesma pessoa, ou aspectos de uma mesma pessoa. Aurora é pequena e mais jovem, mas é proativa e quer crescer. Ela usa um vestido que tem uma estampa infantil, branco com bolinhas. A outra, mais velha, é dona de si e parece saber o que fazer da vida. Ela foi a primeira a encontrar um equipamento (tesoura), comida (biscoitos) e um abrigo seguro (relógio na parede da casa do homem). Aurora, sendo a protagonista da história, talvez seja

como a menina morta se imaginava, e a mulher da tesoura, talvez fosse sua figura materna ou o que ela queria ser quando crescesse.

Zélia e seus seguidores vão em direção à casa do homem, cantando e fazendo barulho, e a mulher da tesoura cavalga um pássaro de asas podadas para tentar impedir que Zélia chegue. Aurora fica em casa e vê Zélia chegar montando o pássaro, acompanhada de outros. A mulher da tesoura não aparece mais.

Com uma última artimanha, Aurora retoma a casa no relógio. Ela mostra o que ela chama de “lugar secreto” a um dos seguidores de Zélia e pede segredo. O jovem denuncia Aurora a Zélia que, agora, quer o lugar secreto para ela. É um lugar mais quentinho e confortável, mas Aurora

fecha a porta por fora. Na verdade, o lugar secreto, confortável e quentinho é a parte do fogão onde se coloca a lenha. De longe, Aurora assiste ao homem acender o fogo para preparar comida e se aquecer. A pequena sobrevivente cortou um tufo de cabelo da barba do homem, pois gostava

do cheiro dele. Ela termina a história falando em reconstruir o ninho e chamando o homem de “meu doce príncipe”.

Seguimos nossa conversa refletindo sobre algumas formas de interpretar as personagens e a história.

Formas de ver

Uma coisa que se pode ver claramente é a ideia de que fantasias nos ajudam a viver, mas não sustentam a vida, pois não abrigam de fato e não alimentam. A realidade vem de forma dura e crua, para devorar o corpo e matar os sonhos. É preciso estar disposto a crescer e abrir mão de coisas que já não servem para que haja espaço para o novo em nossas vidas.

Nesse sentido, a morte da menina pode ser lida de forma literal ou de forma simbólica. A morte pode ser uma metáfora para o fim da infância e das fantasias, tanto que, no início, Aurora se interessa por Hector, trajado de príncipe, e, ao final, o “doce príncipe” dela é um homem cuidando da vida de forma prática. Ou esse homem da cabana era o pai, ou o assassino da criança, ou ninguém importante? Não há informação alguma sobre ele, e a única ligação que se tem entre ele e a infância é a de que há algumas bonecas velhas na cabana onde ele mora.

No caso de Aurora nas Sombras, a beleza reside muitas vezes na simplicidade de uma vida comum e nos pequenos prazeres, como uma sopa no jantar e uma cama para dormir.

Medindo a beleza das coisas?

Aurora nas Sombras é uma história em quadinhos, onde se vê cada um dos elementos da escala estética de Aristóteles citados aqui. Paisagens enormes para as proporções dos pequenos personagens, causando neles encantamento e espanto, e cenas grotescas como o cadáver de uma criança, coberto de moscas e larvas. Além disso, alguns personagens, desenhados com maestria e delicadeza, estão alimentando-se



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.IA, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/06/2026"

dessas larvas, enfiando-as na boca e sujando-se com a viscosidade delas.

Ver a beleza como algo que pode ser medido é questionável, mas questionar Platão e Aristóteles não é tarefa simples, afinal, desde o tempo deles, eles ainda estão por aqui, dando opinião e sendo levados a sério. Em Aurora nas Sombras vemos vários contrastes e gradações, como as sombras e luzes; as personagens cartunescas e fofinhas e as personagens desenhadas de forma mais realísticas; a história que ora parece um conto de fadas e ora parece um conto de terror; ou

o contraste entre Aurora, com aparência infantil, e a mulher da tesoura, dona de si; bonequinhas fofas que devoram larvas, tornando tudo encantador e assustador; o título da obra “Aurora nas Sombras” que traz em si um contraste entre o nome Aurora (luz do dia nascente) e sombras; e, finalmente, o contraste entre Aurora, com a letra “A” iniciando o nome, e Zélia, com a letra “Z”, indo de “A” a “Z”, com todo tipo de personalidade. Essas variações entre positivo e negativo, com seus incontáveis intermediários, abrangem toda a escala proposta por Aristóteles.

Em termos de jornada, Aurora muitas vezes não segue passos tão nítidos quanto Campbell (2007) gostaria, mas podemos percebê-los em algumas partes da história. Aurora começa no mundo comum dela, e, mesmo que não queira, se vê obrigada a sair do corpo da menina morta que se dilui em apodrecimento (vale destaque aqui para a bonequinha que fica morando no crânio da falecida criança, e essa sim, se “recusa ao chamado” de sair do mundo comum); encontra a mentora, que é a mulher com a tesoura; atravessa o primeiro limiar, quando tenta sobreviver e estabelecer uma ordem social na nova condição dos personagens; encontra amigos e ini-

migos; sua caverna oculta e a provação vêm na forma da festa que dá errado e no casamento de seu interesse romântico Hector com Zélia, a manipuladora; e sua recompensa é ficar na casa do homem solitário. Eventos como “caminho de volta”, “ressurreição” e “retorno com o elixir” ficam amalgamados no fato de que Aurora está em relativa segurança, morando sozinha no relógio de parede. A subversão de um modelo do tipo jornada do herói, aqui se torna mais um elemento de assimetria e contraste, quando comparamos essa fantasia com outras, tirando a obra do clichê.

A obra apresenta uma fantasia

nada convencional. A mocinha não é indefesa, o príncipe foi comido pelo anfibio e a princesa era a vilã. Aurora nas Sombras é uma história em quadrinhos encantadora, tanto pela beleza dos desenhos quanto pela beleza da jornada de crescimento da protagonista, contando bons pontos de tensão e um desfecho no mínimo, inusitado.

Chegamos ao fim de mais um Desvendando a fantasia. Espero que tenham gostado e que tenha chegado um pouco do encantamento de crescer, de visão das coisas novas e da lembrança saudosa das belezas e ingenuidades da infância.

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

COLUNISTA RENATO MOTA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



04



NATÁLIA CARMO



Professora de Língua Portuguesa, escritora e neuropsicopedagoga. Formada em Letras e mestra em Educação, atua no ensino da linguagem, leitura crítica e cultura brasileira. Produz conteúdo sobre literatura e formação de leitores. Entre suas obras destacam-se “O Amor Acaba e Recomeços”, acredita no poder transformador das palavras.



Feminismo: Perversão e Subversão, de Ana Campagnolo, apresenta uma leitura crítica sobre a evolução do movimento feminista e suas diferentes correntes ao longo da história. A autora propõe uma reflexão acerca das transformações ocorridas desde as primeiras reivindicações por direitos civis e políticos até as discussões contemporâneas sobre gênero, cultura e comportamento.

Ao longo da obra, Campagnolo argumenta que parte do feminismo moderno teria se afastado de suas pautas originais, passando a incorporar perspectivas ideológicas que, em sua visão, influenciam a educação, a política e as relações sociais. A autora fundamenta suas análises em referências históricas, filosóficas e políticas para sustentar seu posicionamento, convidando o leitor a confrontar diferentes interpretações sobre o tema.

Mais do que expor uma narrativa histórica, o livro busca provocar o debate acerca do papel do feminismo na sociedade atual, abordando temas que frequentemente dividem opiniões. Independentemente da concordância com as ideias apresentadas, a leitura evidencia a importância do pensamento crítico e da disposição para dialogar com perspectivas distintas.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/06/2026"

Resenha Crítica

FEMINISMO: Perversão e Subversão Ana Campagnolo

A obra *Feminismo: Perversão e Subversão*, escrita por Ana Campagnolo, apresenta uma análise crítica do movimento feminista ao longo da história, especialmente das correntes modernas que ganharam força a partir do século XX. A autora, historiadora e professora, busca examinar as origens ideológicas do feminismo e suas consequências sociais, culturais e políticas na sociedade contemporânea. O livro é marcado por uma perspectiva conservadora e cristã, questionando conceitos amplamente difundidos pelo movimento feminista e propondo uma reflexão sobre o papel da mulher, da família e das instituições tradicionais. A obra tem despertado debates por apresentar interpretações que divergem das abordagens acadêmicas mais comuns sobre o feminismo. Independentemente da concordância com suas ideias, o livro contribui para o debate ao oferecer uma visão alternativa sobre um tema de grande relevância social.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/06/2026"

O principal objetivo da autora é demonstrar que o feminismo moderno teria se afastado das reivindicações iniciais por direitos civis e políticos das mulheres, assumindo características ideológicas que, segundo ela, promovem a desconstrução de valores considerados fundamentais para a organização da sociedade. Para sustentar sua argumentação, Campagnolo realiza uma revisão histórica do movimento feminista, abordando suas diferentes fases e principais representantes.

A autora distingue as primeiras

reivindicações femininas, relacionadas ao direito à educação, ao voto e à participação política, das correntes posteriores que passaram a questionar as estruturas familiares, os papéis tradicionais de gênero e aspectos culturais ligados à maternidade e ao casamento. Em sua interpretação, as primeiras lutas buscavam ampliar oportunidades para as mulheres sem necessariamente romper com instituições tradicionais, enquanto o feminismo contemporâneo teria adotado uma postura mais revolucionária.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/06/2026"

Ao longo do livro, Campagnolo estabelece relações entre o feminismo e determinadas correntes filosóficas e políticas, especialmente o marxismo cultural e algumas teorias pós-modernas. Segundo a autora, essas influências contribuíram para transformar o feminismo em um movimento que ultrapassa a defesa dos direitos femininos e passa a atuar como um instrumento de transformação social ampla. Essa é uma das teses centrais da obra e também uma das mais con-

troversas.

Outro aspecto relevante é a crítica à chamada “guerra dos sexos”. A autora argumenta que parte do discurso feminista contemporâneo incentiva uma visão de conflito permanente entre homens e mulheres, enfraquecendo relações de cooperação e complementaridade. Em contraposição, defende a valorização da família, da maternidade e da responsabilidade compartilhada entre os sexos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICA", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/06/2026



IMAGEM GERADA POR IA "usando MAGNIFICA", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/06/2026

A obra também discute questões relacionadas à educação e à cultura. Campagnolo critica a presença de determinadas abordagens sobre gênero em ambientes escolares e universitários, alegando que elas promovem visões ideológicas específicas em detrimento da pluralidade de pensamento. Nesse contexto, a autora enfatiza a importância da liberdade de expressão e da diversidade de perspectivas nos debates acadêmicos.

Do ponto de vista metodológico, o livro apresenta uma linguagem acessível e direta, característica que facilita a compreensão por leitores não especializados. A escrita é marcada por forte posicionamento argumentativo, utilizando exemplos históricos, referências filosóficas e comentários sobre acontecimentos contemporâneos para fundamentar suas conclusões.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 05/06/2026

Entretanto, a obra também recebe críticas por parte de estudiosos e defensores do feminismo. Alguns apontam que determinadas interpretações históricas podem simplificar fenômenos complexos ou privilegiar fontes alinhadas à perspectiva ideológica da autora. Outros destacam que o feminismo é um movimento heterogêneo, composto por diversas correntes e concepções, o que dificulta generalizações abrangentes sobre seus objetivos e práticas.

Ainda assim, o livro possui relevância por estimular o debate crítico. Em uma sociedade democrática, a análise de diferentes pontos de vista contribui para o aprofundamento da compreensão dos fenômenos sociais. A leitura da obra permite ao leitor entrar em contato com argumentos frequentemente ausentes em ambientes acadêmicos ou midiáticos, ampliando o repertório para a formação de opiniões fundamentadas.

Feminismo: Perversão e Subversão é uma obra que apresenta uma crítica contundente ao feminismo contemporâneo a partir de uma perspectiva conservadora. Ao revisitar a história do movimento e questionar seus desdobramentos atuais, Ana Campagnolo propõe uma reflexão sobre os impactos culturais, políticos e sociais das ideias feministas na modernidade.

Embora suas conclusões sejam alvo de controvérsias e debates, o livro cumpre o papel de provocar questionamentos e incentivar a análise crítica de temas relacionados às relações entre homens e

mulheres, à família e à organização da sociedade. Trata-se de uma leitura relevante para quem deseja conhecer diferentes interpretações sobre o feminismo e compreender melhor os argumentos presentes nas discussões contemporâneas acerca do tema.

Em síntese, a obra destaca-se por sua abordagem histórica, linguagem acessível e posicionamento claramente definido, constituindo uma importante contribuição para o debate público, especialmente entre leitores interessados em perspectivas conservadoras sobre questões sociais e culturais.

IMAGEM GERADA POR IA, segundo SEARTAI, sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 05/06/2026



LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

COLUNISTA NATÁLIA CARMO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





NAZARETH ARRAIS



Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestra em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

No embalo do Forró: movimentos e ritmos na construção de uma identidade cultural

A dança e a música são algumas das formas de dar vida a emoções e a sentimentos e de deixar fluir memórias de valores individuais e socioculturais. As pessoas dançam ou cantam quando estão felizes e há aquelas que dançam ou cantam quando estão tristes na intenção de deixar ir embora o que dói em si. Além desse diálogo com a subjetividade e com o social, dançar e cantar também promovem a saúde do corpo porque é movimento físico e psíquico que canaliza toxinas. O corpo responde a ritmos que, por sua vez, se organizam a partir de culturas.

Para Edgar Morin (1975, p. 163), os acontecimentos festivos libertam energias psíquicas inibidas, afastam catarticamente as forças da desordem, permitindo submergir temporariamente a ordem social, o que fortalece essa mesma ordem. Ainda segundo o autor, “é de uma forma periódica, rítmica, que a complexidade social, por um relaxamento controlado do controle, se serve das tendências para a desorganização, transformando-as em forças regenerativas”.



IMAGEM GERADA POR IA "sonido SEASURTAI, sob a direção de Adriana Magalhães, criada em 05/06/2024"

E quando se trata do forró, os apreciadores dessa modalidade se extasiavam e se entregavam totalmente à força convidativa dos ritmos que são, em sua gênese, representativos de uma identidade cultu-

ral nordestina, mas que se formaram multifacetados assim como a população da região. Nesta Edição da Revista The Bard, quero falar sobre a identidade cultural do forró. O que, na verdade, é o

forró? Quais os ritmos que o caracterizam? Como se construiu a identidade dessa complexa manifestação artística? Como o forró tem permanecido por gerações?

O nascimento do forró

O que antes era sinônimo de evento festivo caracterizado pela presença de música e dança, com o decorrer do tempo convencionou-se a ser um conjunto de ritmos característico do povo nordestino. Segundo Ciranilia Cardoso da Silva (2022), pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, o forró, nos idos do século XIX, antes da década de 60, era designado como festa ou baile, indicando um acontecimento em que pessoas se reuniam para dançarem e cantarem, como forma de descanso da labuta diária e mesmo para reviver suas origens, já que o Nordeste se constituiu de mescla cultural.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Considerado uma abreviação de "forrobodó", palavra de origem banto-africana, língua trazido ao Brasil pelos africanos e usada durante os séculos XIX e XX, Ivan Dias (2017), pesquisador, DJ, músico, produtor de eventos e criador do site forroemvinil.com, de São Paulo, e Sandrinho Dupan (2017), músico, produtor artístico e pesquisador do 'Museu dos Três Pandeiros' (MAPP), de Campina Grande, Paraíba, consideram essa a versão mais acertada.

O forrobodó estava associado à ideia de "festa, baile, arrasta-pé, bagunça". Historicamente, a palavra forrobodó foi empregada pejorativa e preconceituosamente para se referir à ausência de educação social de pessoas que se divertiam fazendo muito barulho. A palavra veiculava o sentido de "forró da ralé" por ser predominantemente frequentado por pessoas menos favorecidas economicamente. E eram exatamente os descendentes de nativos brasileiros, escravizados africanos e outros povos que, pela exploração histórica, seguiam sem oportunidade e discriminados.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Outra possibilidade de origem etmológica da palavra vem da expressão inglesa *for all*, que significa “para todos”. Joana Sarquis (2013, 56) referencia a “canção de Geraldo Azevedo de nome ‘For All Para Todos’” cuja letra traz elementos do cenário nordestino (personagens e expressões), mas também passeia por indicações geográficas como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba, Petrolina e Juazeiro. Essa possibilidade teria nascido no período entre 1858 a 1862 com a instauração das estradas de ferro no Nordeste do Brasil quando os trabalhadores ingleses organizavam momentos de festas e colocavam na porta de entrada a expressão *For All*.

Joana Sarquis (2013, 56) escreve que a palavra *forró* foi mencionada pela primeira vez em 1949, “na composição de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, sob o título ‘Forró de Mané Vito’”, indicando um lugar onde há música e dança. O artista, na letra que compôs, dá voz a alguém, supostamente ele mesmo, que diz /No forró de Mané Vito/Tive que fazer bonito/ e elenca instrumentos usados pelos tocadores que recebem pseudônimos, numa linguagem caracteristicamente popular: /Bitola no Ganzá/Preá no reco-reco/Na sanfona de Zé Marreco/Se danaram pra tocar/. A composição segue fazendo menção ao /Pra aqui, pra ali, pra lá/ com que o enunciador /Dançava com Rosinha/, mas teve seu prazer frustrado /Quando o Zeca de Sianinha/ Me proibiu de dançar.

Mas foi a partir de 1960 que o *forró* passou a designar chancela musical constituída de uma variedade de ritmos originários do Nordeste do Brasil. No *forró* destacam-se coco de roda, xote, xaxado, rojão, baião, arrasta-pé, embolada, entre outros ritmos. A ideia de *forró* como conjunto musical tem como referência os eventos “onde se tocava e dançava ao som dos ‘foles de oito baixos, pífanos, rabecas, violão de sete cordas’ e outros instrumentos, segundo Joana Sarquis (2013, 56); Ivan Dias e Sandrinho Dupan (2017, p. 7).



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026”

Alguns ritmos do *forró*

Designado como um fenômeno que agrega música e dança, representando um fazer musical nordestino com seus valores da cultura popular, o *forró*, como vimos, nasce de uma mescla de ritmos e assim se sustenta, atraindo pessoas pelo embalo persuasivo que o impulsiona à dança, mas também tem se modernizado a desejos sociais de determinados grupos e espaços.

Nas palavras de Ivan Dias e Sandrinho Dupan (2017, p. 8), “Forró é música, mas também é dança. Gêmeas siamesas, uma depende da outra para atingir seus objetivos estéticos e sensoriais.” Cada manifestação artística incita a outra para o prazer da festa. E presenciamos ou, como queiramos, vivenciamos uma coreografia de muitos corpos culturais. É o Nordeste acolhendo vidas.

Dentre os principais ritmos, o baião, popularizado pelo “Rei do Baião”, nosso saudoso Luiz Gonzaga, é o primeiro ritmo característico da região Nordeste. Considerado uma transformação do batuque de origem africana, o baião surgiu nos idos do século XIX junto ao xote, e foi disseminado na década de 40 do mesmo século, por Gonzaga que vivia na época, no Rio de Janeiro. O ritmo do baião é rápido, marcado e saltitante, orientando os passos da dança.

O xote, considerado uma adaptação do Schottisch europeu, marcadamente mais lento que o baião, dá ênfase à sedução e à aproximação dos pares dançantes que seguem num diálogo de cumplicidade possibilitado pelo embalo sonoro. Luiz Gonzaga, numa entrevista ao Jornal O Pasquim (1971), diz que o xote veio do estrangeiro. E, no sertão, “criamos o xote malandro, xote de pé de serra, xote de forró, de dança de matuto que é mais do estilo do escocês”. O artista explica que “É um xote mesmo nosso porque ele tem uma jogada completamente diferente e temos letras jocosas, como ‘vem cá cintura fina, cintura de pilão.’ Ele conta sempre uma poesia bonita, ou então uma história jocosa, humorística.”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026”

O xaxado é outro ritmo do forró, que teve origem em momentos festivos vividos pelo bando de Lampião. Ivan Dias e Sandrinho Dupan (2017, p. 15) explicam que “Xaxado é o ritmo. Pisada é a dança. Inicialmente uma dança exclusivamente masculina, pois não havia mulheres no cangaço. Os homens dançavam com as armas em substituição às damas.” A palavra é inspirada no barulho que as sandálias de couro faziam quando arrastadas no chão durante a dança. De acordo com as pesquisas de Joana Sarquis (2013, 60), “Esse ritmo, assim como o xote e o baião, se popularizou quando a comunicação social passou a dar importância à figura de Luiz Gonzaga”. Com o tempo, as armas foram substituídas por parceiras de dança, mas, na coreografia performática, a representação das armas se faz presente para lembrar a origem da dança.

Outro ritmo é o coco que “Originalmente era chamado de “samba de coco” e com o tempo evoluiu para apenas “coco”. Era tocado com ganzá, alfaia e som dos pés batendo no chão, chamado de ‘trupé’ (Dias e Dupan, 2017, p. 10). Surgiu após a denominada abolição da escravidão, em 1889. O evento é caracterizado por rodas de pessoas em festas dançantes, com rimas bem humoradas e ao som de batidas de cascas de coco. Quando os escravizados saíram da tutela de um senhor, eles se reuniam para construir suas casas próprias e, na hora do descanso, faziam, em pares, rodas dançantes, realizando movimentos que se assemelhavam ao trupé de cavalos, bem como a umbigada, encontro de umbigos dos pares, em que o homem abre as pernas, e mulher realiza um movimento de encaixe com as pernas fechadas (Sarquis, 2013).

Ivan Dias e Sandrinho Dupan (2017, p. 15) lembra que o coco normalmente é associado ao paraibano Jackson do Pandeiro, conhecido como “rei do ritmo”, por ter sido o responsável por levar o gênero à cidade. Para os autores, Jackson herda a habilidade da mãe e recebe conquista renomada na região do brejo da Paraíba.

O Rojão é um ritmo acelerado e fervoroso e usado pelos cantadores para referenciar suas próprias façanhas ou as de uma pessoa famosa pela valentia e coragem. Esse ritmo é “como se fosse uma espécie de samba misturado com côco de roda” (Sarquis, 2013, 58). Na Paraíba, Jackson do Pandeiro se destaca com a composição “Chiclete com Banana”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GEMINI.AI, sob a direção de Nazareth Arrais, Criada em 12/05/2026"

Modalidades do forró

As modalidades do forró surgem, considerando o público, os instrumentos musicais utilizados para tocar e o contexto sociocultural. Neste texto, darei destaque para: forró pé de serra, forró MPB, forró eletrônico, forró universitário e forró roots.

O forró pé de serra ou tradicional é um tipo de forró oriundo da recriação artística do meio rural do sertanejo, em especial nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, e disseminado na década de 40, do séc. XX. Trata-se de uma modalidade que tem como instrumentos principais a sanfona, o zabumba e o triângulo. A linguagem desse estilo está profundamente ligada às raízes nordestinas, inspirando-se nos aboios e nos repentistas.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



O forró MPB é empreendido por artistas jovens, influenciados pelo forró tradicional, em um novo cenário espaço-temporal. É mais característico da década de 80, reunindo uma variedade brasileira, com destaque para o rock, as baladas românticas, o brega e a lambada (Dias e Dupan, 2017).

O forró eletrônico, também designado de forró estilizado ou forró pop, nasce na década de 90, do séc. XX. A construção é mais comercial que artística, visando lucro financeiro. Outros instrumentos como guitarra, órgão eletrônico, contrabaixo e bateria são acrescentados ou substituem os do forró tradicional, a exemplo da supressão quase sempre do triângulo. Na apresentação, sempre existem dançarinos e dançarinas com roupas sensuais e arranjos eletrizantes.

Assim como o forró eletrônico, o forró universitário também se firmou na década de 90, do séc. XX, como uma manifestação que misturava linguagem regional na música urbana, a exemplo do rock e do pop. Nesse tipo de forró, podemos encontrar tanto os instrumentos tradicionais quanto os eletrônicos para dar rapidez aos ritmos e às harmonias. O público é mais característico da classe média e estudantes universitários, com um estilo próprio de dança e de vestuário, a exemplo do hipline ou surfwear.

O forró roots é um tipo de forró universitário cuja intenção é o resgate das raízes e da rusticidade original do gênero. É muito comum em Itaúnas, no litoral do Espírito Santo, cidade que acolheu o chamado movimento roots de forró pé de serra na década de 1990, com a participação de bandas de forró formada por jovens universitários. É adepto ao uso de discos de vinil e sonoridade mais característica da tradicional, mas pode integrar passos de danças como o zouk e a salsa.

Desse rol de categorizações, o que se pode esperar é vida longa ao forró, até porque a memória não morre, se ressignifica em sujeitos, espaços e tempos diferentes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

Preservação de memórias culturais identitárias do forró

Como manifestação de ritmos musicais que têm sua origem no Nordeste, agregando-se a outros ritmos que reelaboram a arte do forró de modo a adequar a públicos e espaços variados, a memória cultural identitária do forró é preservada no movimento, segundo Ciranilia Cardoso (2022), de recriação do forró tradicional, de resistência dos migrantes ao levar o forró para outras regiões, por exemplo, bem como na atuação de movimentos juvenis contemporâneos.

É pertinente pontuar que Joana Sarquis (2013) dá ênfase, além do papel da migração de artistas do forró para outras regiões, à combinação de práticas cotidianas, aos movimentos de resistência à globalização e à institucionalização

de datas para valorizar e avivar a existência do forró.

A disseminação do forró para outras regiões e até mesmo para outros países é uma forma de preservar a memória da identidade dessa cultura musical. Um dos primeiros responsáveis por levar o forró para além Nordeste foi Luiz Gonzaga quando, em 1939, vai para o Rio de Janeiro e dá início à sua carreira musical (Sarquis, 2013; Cardoso da Silva, 2022). As letras das composições de Gonzaga e de seus contemporâneos são permeadas de elementos da região natal dos artistas: formas de vida (com memórias da infância, da vontade de viver perto uns dos outros e de conservar a herança cultural), acontecimentos, fauna, flora, tudo que indicava a cultura de seu povo.

Um exemplo marcante é Asa Branca, considerado o hino do sertão e que hoje já rompeu fronteiras até mesmo nacionais. No poema, por causa da seca que assolava o sertão, o eu enunciator, doído por ter que deixar sua terra, diz que /Até mesmo a asa branca/ Bateu asas do sertão, e com ele não podia ser diferente, Entonce eu disse, adeus Rosinha/Guarda contigo meu coração, mas que /Espero a chuva cair de novo/Pra mim voltar pro meu sertão/. O amor à Rosinha e ao sertão é motivo de esperar a volta.

Ciranilia Cardoso (2022) elenca, além de Luiz Gonzaga, os contemporâneos do artista como: "Sebastião do Rojão, Clemilda Ferreira, Ary Lobo, Jacinto Silva, Zito Borborema, Dominginhos, Marínês, Jackson do Pandeiro, Sivuca, Gordurinha, João Silva, Anastácia, Edson Duarte, Trio Juazeiro, Carmélia Alves, Trio Nordestino, Hermelinda e Trio Mossoró, Os Três do Nordeste, Marivalda, Messias Holanda, Mestre Zinho" para nomear apenas alguns.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

E foi entre 60 e 80 que o forró tradicional, já presente do Sudeste, representou uma forma de resistência da identidade cultural do povo nordestino quase sempre marcada pelo preconceito. Os eventos festivos de forró eram organizados de forma que os migrantes reviviam suas identidades suavizando a saudade que sentiam de sua terra natal com tudo que marcava sua cultura. Nesse contexto, o forró funcionava como elo entre o passado deixado

para trás e a afirmação da identidade no novo ambiente.

Esse forró tradicional viaja no tempo e hoje se convencionou ao famoso forró pé de serra, mantendo fidelidade ao uso da sanfona, do zabumba e do triângulo e de discursos com expressões culturais e vivências do cotidiano do sertanejo. Destacamos aqui Flávio José, Targino Gondim, Trio Nordestino e Falamansa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



Uma das letras emblemáticas de Flávio José, na recriação do forró tradicional por meio do forró pe de serra, é Tareco & Mariola, em que aparece um eu enunciador que, sentindo-se rejeitado diz /Você foi longe/Me machucando, provocou a minha ira/Só que eu nasci entre o velame e a macambira/Quem é você pra derramar meu mungunzá?.

Encontram-se, nesses versos, imagens que simbolizam a natureza vegetal da caatinga nordestina (velame e macambira) que marcam a cultura da região, numa encantadora analogia à resistência e à resiliência ao sofrimento do amor, assim como a esses vegetais que são resistentes à seca. Além disso, a macambira é uma bromélia espinhosa (beleza que machuca) e o velame, uma arbusto medicinal (usado como purificador do organismo, cicatrizante e para curar doenças gástricas e febre). Quem fala nasceu entre o que fere e o que cura, num lugar que oferece resistência. Não nos escapa também a referência à culinária (mungunzá) como marca cultural de um povo.

Outra forma de guardar na memória a cul-

tura do forró é a institucionalização do dia 13 de dezembro (data nascimento de Luiz Gonzaga) como o Dia Nacional do Forró. Trata-se também de valorização tanto da memória do artista quanto de sua arte pelo fato de ficar marcada no calendário oficial do Brasil, como afirma Joana Sarquis (2013). A autora também destaca a criação Sociedade dos Forrozeiros Pé de serra e Ai, em Pernambuco, como ação de proteção, defesa e conservação do forró tradicional. A Caminhada do Forró e a criação de blocos carnavalescos, agregando essa manifestação artística, são também formas de valorizar e conservar viva a identidade do forró durante todo o ano.

Destacam-se também as festas tradicionais juninas como São João, São Pedro e Santo Antônio, que proporcionam aos amantes e apreciadores da cultura nordestina reviver performativamente o passado no presente por meio da música e da dança que caracterizam o forró, em um cenário preparado especificamente para esse fim. Ao lado do cenário, da dança e da música, não podem faltar o figurino, as comidas típicas e a bebida.

"Os acontecimentos festivos liberam energias psíquicas tímidas e, por meio de um relaxamento controlado da ordem social, transformam as forças da desorganização em forças que fortalecem a própria cultura e o ritmo coletivo."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"

O forró saiu de casa e conquista, pelo embalo musical, corporal e cultural, outras regiões e nações, se reinventando, mas mantendo viva na memória do seu povo a identidade cultural de sua origem. Isso acontece porque o nordestino transita levando seus valores ao mais variados recantos do mundo.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 03/06/2026"



De muito do que se tem para apresentar de atraente sobre a cultura do forró, ficamos com este dito. Em outra oportunidade, podemos conversar sobre o forró em espaços internacionais, por exemplo.

Por ora, espero que apreciem as informações que vão ditas na coluna desta edição. Boa leitura!

COLUNISTA NAZARETH ARRAIS

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

"O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"



38ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: "a formação cultural desde os primeiros anos"

39ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

PERÍODO DE 06 DE JUNHO À 31 DE JULHO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

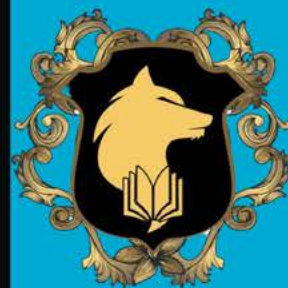
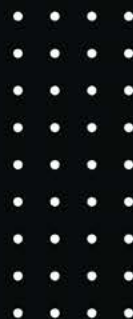
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM

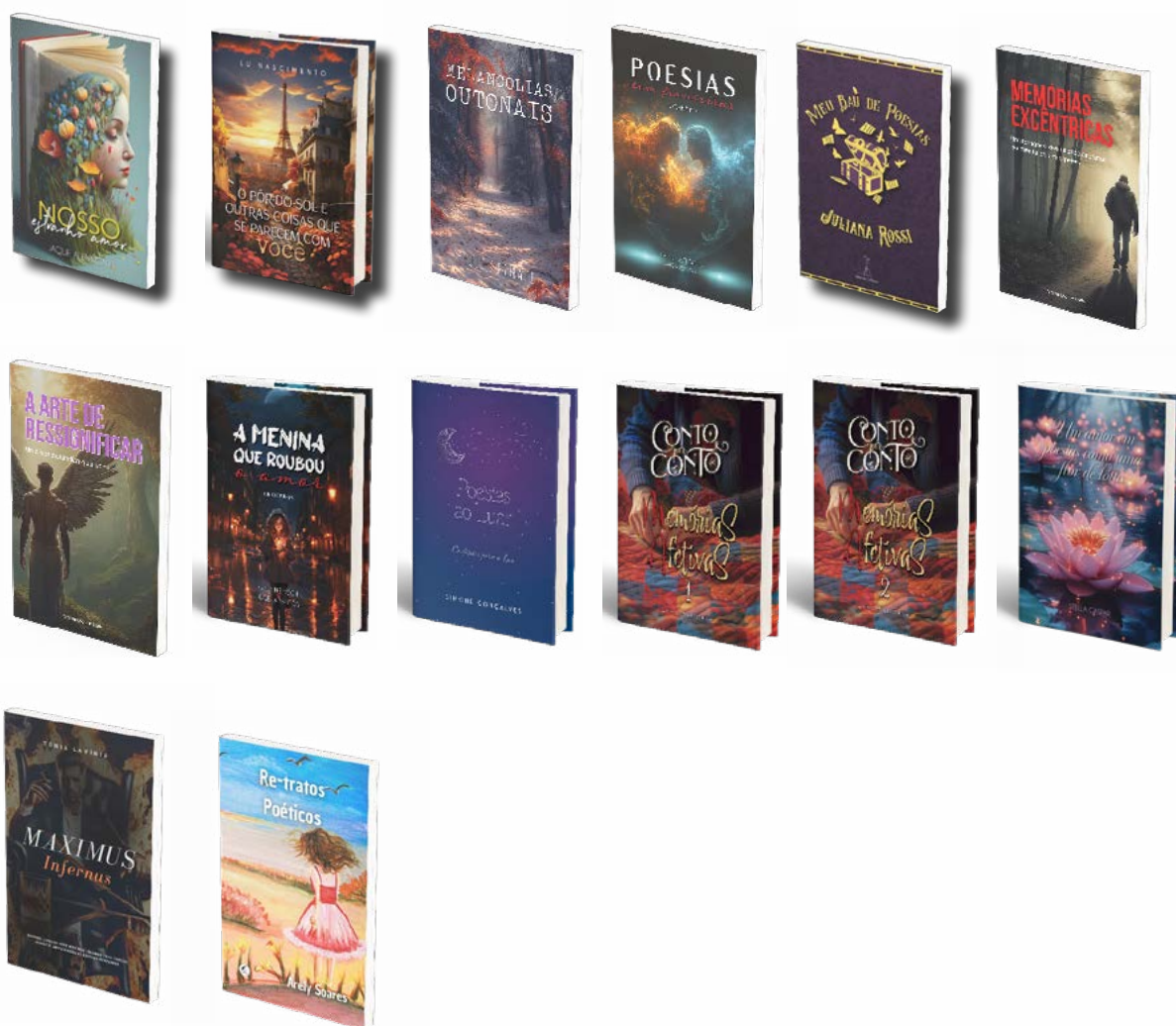


WHATSAPP



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade — marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino” e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

**Acesse os links
clicando no botão abaixo**



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.

Clique aqui



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.

Clique aqui



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

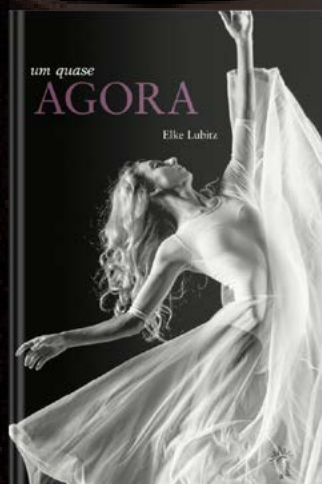
VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

Acesse o link
clcando no botão abaixo



Poesia - o lugar encantado das crianças: História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui



Livro sensível e delicado, com cenário campestre de um avô - o "vozinho" - amoroso e velho, no qual a criança passa as férias escolares.

Conheça as peripécias das férias do Zinho, que aos três anos gosta de brincar com animais e carrinhos e comer o espaguete. Ao voltar das férias, leva as lembranças do silêncio e das gargalhadas do avô, que lhe ensinou que "O amor vive no cuidado".

Clique aqui



Um livro sensível, amoroso, que dialoga com tradições seculares orientais e ocidentais sem perder a naturalidade, o senso de medida, a simplicidade que faz do haikai uma poesia que faz o diálogo do micro com o macro, do local com o universal, na linguagem eterna dos verdadeiros poetas.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

 **amazon.com.br**



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

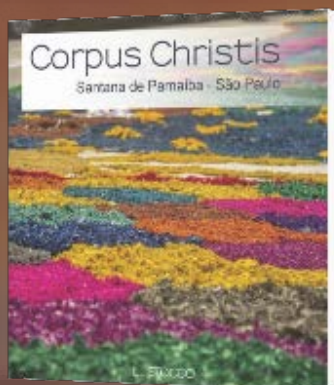
**Acesse o link
clikando na capa do LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Espaço

VITRINE

THE BARD



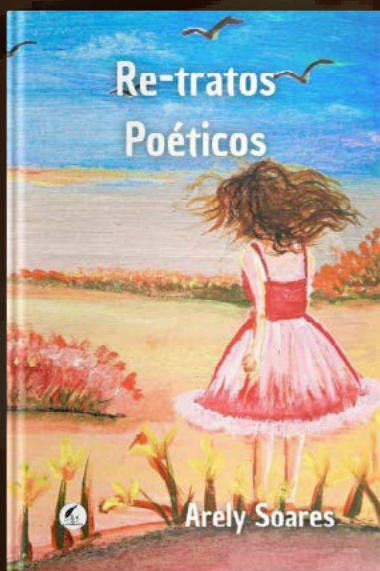
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro Re-tratos Poéticos



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritor

Sávvyo Wilton Reis

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

**Arma Negra- A Décima
Terceira Garota, Livro 1**



Cinco meninas foram lançadas no Abismo, uma prisão situada na ilha de Amohai. Cercado por muros intransponíveis e criaturas perigosas, o lugar foi criado para executar pessoas condenadas à morte, abandonando-as à própria sorte.

No Abismo, o frio, a fome e o medo comandam a sobrevivência. Isoladas do mundo, as meninas lutam contra as ameaças do lugar e contra os próprios limites.

Com o passar do tempo, fica claro que o Abismo não mata apenas corpos: ele transforma quem sobrevive. E, quando uma delas finalmente consegue sair, descobre que o Abismo nunca foi deixado para trás — ele passou a existir dentro dela.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

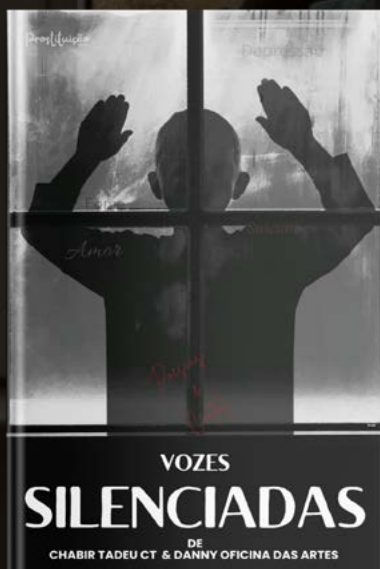
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clikando no botão abaixo**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



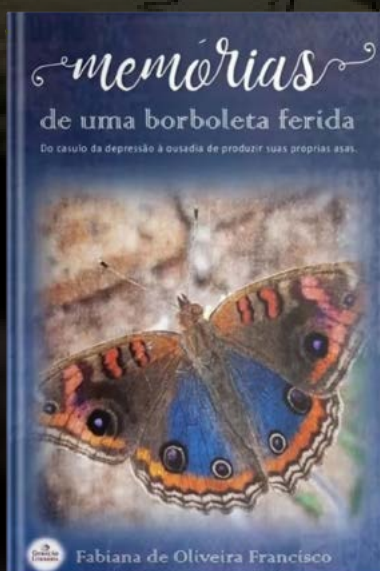
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Rute Ella Dominici

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro Mar Germinal



"Mar Germinal" é uma coletânea de poemas que explora temas como a natureza, o amor, a solidão, a existência humana e a conexão entre o mundo interno e externo. Escrito com linguagem fluida e rica em metáforas, o livro convida o leitor a viajar pelas emoções e paisagens descritas nas palavras. Cada poema é um universo próprio, trazendo reflexões profundas sobre a vida, a arte e a busca pelo sentido.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

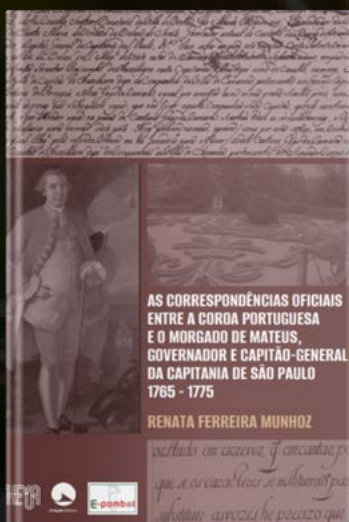


COLUNA

Escritora

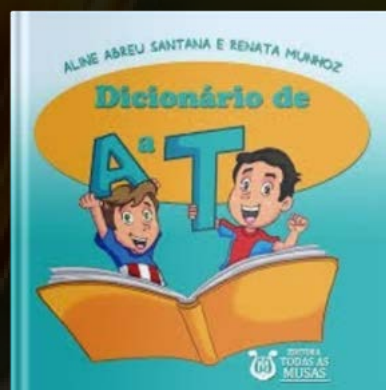
Renata Munhoz

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de textos curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Natália Carmo

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Re(começos) é um livro que retrata em crônicas, poemas, prosa poética e reflexões uma mulher que decide deixar para trás tudo o que a fazia sofrer. Determinada a recomendar, ela parte em busca de um novo re(começo), longe de tudo que a prendia ao passado. Nesta jornada de autodescoberta e superação, essa mulher encontra desafios, principalmente, a força dentro de si mesma para reinventar sua vida e encontrar a felicidade.



Clique aqui

O livro o amor acaba, nos traz reflexões profundas e filosóficas, com fortes influências dos romancistas da primeira a terceira geração. É o novo clássico da literatura pós-moderna que enfatiza a fragilidade do amor e dos sentimentos em um arcabouço literário que transforma nossas convicções em atemporais por meio de interpretação em forma de frases, crônicas e poemas. Você verá o que a arte pode fazer, a arte por intermédio das palavras. Nossas relações a nossa ótica perfeccionista é uma cegueira, pois não somos perfeitos, e sempre buscamos o mundo platônico, o mundo das ideias em que todas as coisas são perfeitas.





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritor

Renato Mota

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Livro de Insânia



Depois de uma semana exaustiva, Seu Narto acabou preso. Na prisão, ele viu uma passagem que o levou ao mundo de Insânia, um lugar com criaturas fantásticas e cidades em ilhas flutuantes. No caminho, Seu Narto encontrará seres estranhos e divindades que lhe mostrarão seu destino: derrotar a Loucura do Mundo e restaurar as funções regentes do universo de Insânia. Como ele, com um metro de altura, poderia enfrentar monstros liderados por um vilão e salvar seja lá o que for? Se quiser voltar a Mossoró, Seu Narto deverá cumprir suas tarefas antes do “fim do tempo de Insânia”, uma profecia que nem mesmo as deusas sabem interpretar.

Clique aqui



COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

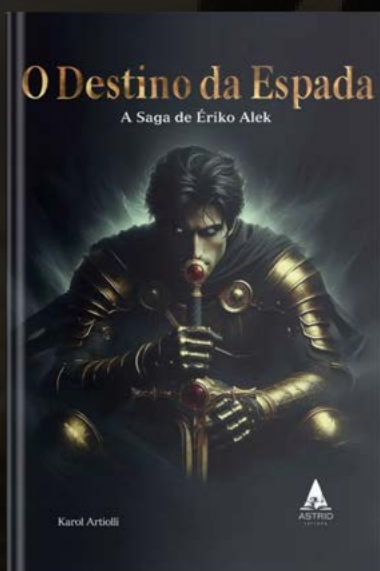
THE BARD

Escritora

Karol Artioli

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Destino da Espada



Você fugiria do seu destino... ou enfrentaria até os deuses para mudá-lo?

Quando Leja, sua esposa grávida, é ameaçada por uma profecia mortal, Ériko Alek parte em uma jornada épica pelos seis mundos em busca de uma única esperança: encontrar os Construtores, seres ancestrais capazes de reescrever os caminhos do destino. Mas para isso, ele precisará atravessar desertos malditos, confrontar reis cruéis e enfrentar o poder sombrio de uma espada que carrega não apenas magia... mas uma maldição antiga.

Nascido com uma missão e marcado por uma maldição, Ériko descobrirá que lutar contra o destino pode significar descobrir verdades que jamais quis encarar.

Neste romance fantástico recheado de ação, drama, reflexões e personagens inesquecíveis, Karol Artioli constrói um universo rico em mitologias originais, dilemas humanos e jornadas internas. O Destino da Espada é o primeiro volume de uma saga que vai conquistar fãs de Tolkien, George R. R. Martin e Leigh Bardugo.

Clique aqui



LANÇAMENTO

JULHO & AGOSTO DE 2026

QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:

"O esvaziamento da palavra no século de hiperconexão"



38^a
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE



FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



TWITTER





EDITAL

SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL: "a formação cultural desde os primeiros anos"

39ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
SETEMBRO & OUTUBRO DE 2026

PERÍODO DE 06 DE JUNHO À 31 DE JULHO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.